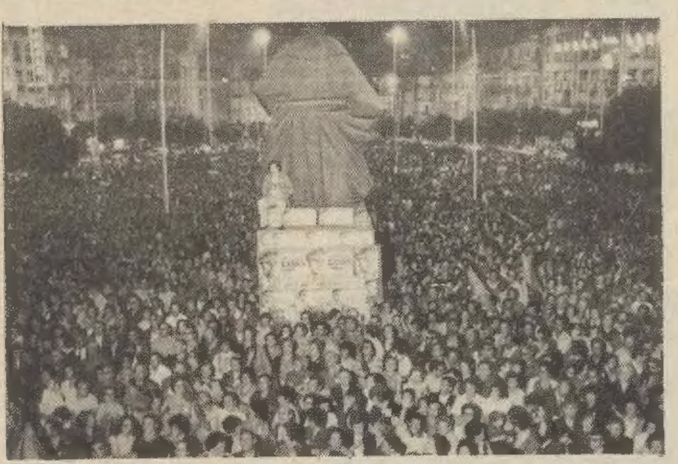
ANO 56.º/19 082 4$00

Diário de Lisboa

SEGUNDA-FEIRA 21 JUNHO 1976

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**



Para Eanes, portuenses na praça (pág. 2)

CANDIDATOS VOLTAM À TELEVISÃO

NOVO DEBATE QUARTA-FEIRA

Uma semana «quente» marcando a etapa final da corrida para Belém poderá atingir o rubro já na próxima quarta-feira se se confirmar para a noite desse dia uma nova mesa-redonda na RTP envolvendo os quatro candidatos em presença.

Este novo confronto televisivo foi primeiramente proposta pelos serviços de apoio à candidatura de Octávio Pato, precisamente na passada sexta-feira, e aceite, no mesmo dia por Ramalho Eanes, que se declarou aberto ao debate durante um comício realizado na Guarda.

Dando seguimento à iniciativa, os serviços de apoio à candidatura comunista oficiaram aos organismos congéneres dos outros três candidatos e simultaneamente à direcção da RTP. A proposta abria a possibilidade de o debate decorrer em Lisboa, nos estúdios do Lumiar, ou no Porto, na delegação local da RTP.

Até este momento, respostas positivas foram recebidas, na RTP e nos serviços de apoio de Octávio Pato, da parte de Ramalho Eanes e Pinheiro de Azevedo. Aguarda-se a resposta de Otelo Saraiva de Carvalho, embora se saiba que este candidato aceitou participar na mesa-redonda e que ofícios nesse sentido estão já a caminho da RTP.

Em última análise a viabilidade deste confronto, susceptível de mobilizar o País frente ao pequeno «écran», dependerá da Comissão Nacional de Eleições, que reúne amanhã, e não hoje, ao contrário do que chegou a ser noticiado. Fonte próxima da Comissão declarou-nos, no entanto, que não há nada a opor, uma vez que não se vê que este debate ponha em causa os tempos de antena distribuídos aos diferentes candidatos.

Pela parte da RTP nada há também em contrário. Pelo contrário, e tanto quanto conseguimos apurar, tudo está a ser preparado para o «encontro», que deverá decorrer na próxima quarta-feira, já que na sexta encerra a campanha e, na quinta, alguns dos candidatos têm previstos comícios de encerramento que não poderão ser prejudicados.

Um barco chamado «Octávio Pato» (pág. 5)

Otelo na Madeira, antes da bomba (pág.7)

A ITÁLIA VOTOU

Primeiros resultados hoje ao fim da tarde

(Pág. 13)

20 PÁGINAS

Delegação de Bissau em Belém

O Presidente da República, general Costa Gomes, recebeu esta manhã, em Belém, a delegação da Guiné-Bissau que se encontra em Lisboa para conversações oficiais, ratificando, assim, politicamente, os acordos a que as duas partes já chegaram e cuja assinatura foi marcada para as 15 horas de hoje, em S.Bento, no Ministério da Cooperação.

As duas delegações chefiadas por Vítor Crespo e Vasco Cabral não tiveram dificuldades de maior em resolver as questões pendentes, meramente técnicas, conforme informámos no sábado, tendo o próprio responsável da delegação da Guiné-Bissau anunciado, ontem à tarde, em conferência de Imprensa, o pleno sucesso das negociações e o que considerou «uma vitória para os nossos dois povos». Desses acordos constam as controversas questões das reservas bancárias da Guiné junto do Banco de Portugal, questões relacionadas com os funcionários que serviram sob administração colonial, nomeadamente reformas, e outras directamente ligadas a investimentos feitos por institutos portugueses de crédito na antiga colónia.

«Os acordos arrumam definitivamente o contencioso colonial e reforçam as perspectivas de cooperação entre os dois países», sublinou o dr. Vasco Cabral, comissário de Estado do Desenvolvimento Económico e Planificação no decurso de conferência de Imprensa dada na Associação de caboverdianos e guineenses.

A delegação deverá ser, ainda hoje, recebida pelo major Melo Antunes, ministro dos Negócios Estrangeiros, antes de regressar esta madrugada ao seu país.

DL

E O PROBLEMA DA IMPRENSA LIVRE

O Sexto Governo Provisório, próximo já do limite que à sua actividade está fixado, decretou a fusão, duas a duas, de quatro empresas jornalísticas. Dos jornais chamados «estatizados», com maior ou menor rigor de definição, alguns permaneceram sem uma situação clara e garantida. Um desses jornais, é o «Diário de Lisboa».

Tendo sido reconhecido que, dos jornais «estatizados», o «DL» «era um dos que se encontravam mais próximo do equilíbrio empresarial», admitiu-se a possibilidade da reprivatização da «Renascença Gráfica» e aos seus trabalhadores foi dirigido um desafio aliciante: «vivam a vossa vida; assumam os riscos». Mas este incitamento de magnânima largueza deverá ser friamente ponderado e deverá ser situado politicamente. Em primeiro lugar, pelos trabalhadores que do jornal vivem. E, igualmente, pelos leitores a quem o jornal presta, numa continuidade quotidiana, um serviço informativo e formativo do qual mormente no presente momento, o Estado não poderá desobrigar-se.

Não se coloca, apenas, o problema de que, numa época de crise como aquela que atravessamos, ao Estado cabe assegurar aos trabalhadores de todos os jornais «estatizados» a mesma garantia de condições de trabalho e de salários; é um problema mais vasto e mais fundo que propomos: o de considerarmos que ao Estado compete fomentar e apoiar uma Informação livre, independente de conotações políticas sectoriais ou de qualquer obediência partidária, aberta ao diálogo e ao debate, crítica, mas integrada no ideário da «Revolução de Abril» e defensora intransigente dos princípios políticos, económicos e sociais inscritos na Constituição da República. Princípios que deverão ser considerados conquistas importantes do nosso povo, conquistas que carecem de concretização numa estimulante prática política, mas que, no plano teórico, doutrinário, a Imprensa deverá divulgar, valorizar e defender.

A proliferação, com obscura estrutura empresarial e significativos apoios financeiros e publicitários, de uma Imprensa ao serviço da «direita», das forças reaccionárias superficiais e subterrâneas porta-voz, vem acentuar, neste capítulo, a responsabilidade do Estado. Haverá que garantir o pluralismo ideológico e que possibilitar a expressão e o confronto das diversas correntes de opinião. Haverá que distinguir os custos financeiros do apoio dispensado à Imprensa, dos custos maiores de um regresso a um regime de repressão política, de opressão social, de obscurantismo cultural.

Dir-se-á que uma Imprensa não estatizada poderá preencher essa função e que não é justo que o Estado subvencione alguns jornais e não preste a outros assistência financeira. Recorda-se, relativamente a este argumento, e sem intenção de lançar achas na fogueira polémica, o que disse em Lisboa, o ministro da Educação da Suécia a este respeito e as medidas ultimamente adoptadas em Espanha. Por outro lado, exceptuada a predisposição para descondicionar o preço unitário dos jornais, não se vislumbra o delineamento de uma política que favoreça, efectivamente, a Imprensa.

A operação de reestruturação já efectuada, subordinada ao imediato objectivo de garantir os postos de trabalho, não só manteve as principais publicações de cada empresa, como não se concebe que venha a diminuir, a curto ou a médio prazo, os pesados encargos que o Estado suportava. Paradoxalmente a melhor gestão, a aproximação que se alcançou de um quase equilíbrio, em vez de estimulada, seria entregue ao acaso da evolução de uma situação precária dado o presente contexto económico e as previsíveis alterações do mercado internacional (fornecimentos) e nacional (venda do produto, venda do espaço publicitário, aumento dos encargos de produção, competitividade salarial).

Atenda-se, ainda, a que os custos dos jornais estatizados que têm sido referidos, deverão ser contabilizados no conjunto das despesas públicas com os diversos meios de Comunicação Social e que a austeridade na gestão não se deverá limitar à Imprensa escrita.

No conjunto, a batalha da Informação é parte integrante de um combate mais vasto e mais complexo: o da educação democrática. É uma tarefa inadiável e decisiva de que o Estado não pode alhear-se.

Essa tarefa incumbe a todos os meios de Comunicação Social, mas, em particular, aos jornais. E o Estado deve-lhes apoio. E o Estado — embora suportando encargos financeiros que não excederão os que uma Suécia aceita e uma Espanha decide conceder — deverá constituir-se, para defesa da democracia, em garante da Imprensa livre.

Política de A a Z

TEM A PALAVRA O C D S

Nestes dias que vão correndo, desvairados e surpreendentes, um dirigente do C. D. S. teve a falta de pudor e de sentido das proporções, que lhe inspirou a petulância de dar lições de conduta política aos cidadãos Rui Luís Gomes e José Morgado, que, independentemente do gabarito universitário, do prestígio intelectual e moral, são democratas de militância conhecida e com abonatório cadastro policial. Vem daí o C. D. S., mal saído das fraldas do «Estado Novo» ou dos entrefolhos do «Estado Social», e decreta que os dois cidadãos são «afectos ao P. C. P.», e censura a «impertinência dos correspondentes telegráficos do general Eanes». Divide-se-lhe a alma entre a vocação de inquisidor e o estofo de fâmulo, mas é isso o que menos importa. O que vale a pena é verificar o pecado que cometeram os dois democratas: «recordaram ao general Eanes, publicamente, que ele deve tomar cautelas em matéria de antifascismo». Fizeram portanto, um ataque «contra mais de metade da base potencial de apoio à eleição do presidente Eanes» (Adelino Amaro da Costa, «O Dia», 17.6.76).

E o dirigente do C. D. S. explica: «o Povo não votou «maioria de esquerda». O Povo votou maioria democrática. Seja qual for o próximo Governo, esse é o traço fundamental das últimas eleições que será reconfirmado na eleição presidencial de Eanes. Quer o P. C. P. queira, quer não».

AMPLA COLIGAÇÃO

O entrevistador de um semanário perguntou a Adelino Amaro da Costa se, com a votação obtida nas eleições legislativas o C. D. S. considerava que conquistara direito a participar numa eventual coligação» governamental. A resposta foi clara: «O C. D. S. considera que a forma mais conveniente de compor o próximo Governo seria através de uma coligação ampla formada pelo P. S., P. P. D. e C. D. S.» (Adelino Amaro da Costa, «O País», 4.6.76). E apostando já nas dificuldades de constituição ou de apoio parlamentar de um Governo homogéneo P. S., o dirigente do C. D. S. acrescentou: «Sublinhamos o erro e a inconveniência que representa o facto do P. S. insistir em formar Governo sozinho». Não deixou, também, de referir que não considera razoável que «a melhor forma de garantir a estabilidade do Governo e de ganhar força e autoridade para governar numa época crítica da vida portuguesa seja através de um Governo minoritário».

COM QUEM ESTÁ A EUROPA?

Não é só um critério realista em relação à força e à autoridade do Governo que, segundo Adelino Amaro da Costa, impõe ao C. D. S. um juízo negativo em relação ao eventual Governo socialista homogéneo. O melhor será transcrever o que respondeu ao jornalista que o entrevistou: «O Partido Socialista afirma, o seu desejo de fazer um Governo minoritário, nós afirmamos que esse ponto de vista não é o que defende da melhor maneira os interesses nacionais». Entendidos os interesses nacionais, nesta argumentação, como sendo as nacionais possibilidades de receber dos países estrangeiros uma generosa ajuda. E, assim, Adelino Amaro da Costa não deixará de sublinhar: «Se metade da Europa confia no P. S., a outra metade não tem qualquer razão especial para sentir um afecto ideológico pelo Partido Socialista». E, como Adelino Amaro da Costa não é homem para deixar o interlocutor na dúvida, logo precisa melhor o alcance do argumento: «O interesse nacional poderia recomendar que no Governo Português se encontrassem representadas aquelas forças políticas, pelo que obteriam da Europa um crédito de confiança e a garantia de um apoio mais vasto».

Portanto [illegible] omo se pretendia demonstrar [illegible] ó a «coligação ampla» poderá convencer a Europa a apoiar financeiramente [illegible] não só [illegible] recuperação de Portugal. Portanto [illegible] como se pretendia demonstrar [illegible] a coligação P. S.-P. P. D.-C. D. S. é a condição política para obtermos oauxílio da Europa. Desse auxílio necessitamos. E a nossa mão estendida, implorativa, só receberá a esmola que, politicamente, merecermos. É Adelino Amaro da Costa que no lo ensina: «Justamente o facto dos países europeus desejarem ajudar Portugal poderia encontrar um caminho muito mais amplo de realização e concretização na prática se o Governo contasse com a participação do C. D. S., do P. P. D. e do P. S.».

35 POR CENTO OU 40 POR CENTO

Adelino Amaro da Costa lança ao P. S., um gracioso desafio: Se o P. S. insistir, contra a sugestão aliciante da «coligação ampla», na sua fórmula de um Governo homogéneo minoritário, não haverá razão para que o P. P. D. e o C. D. S. se não combinem para constituírem uma força política correspondente a quarenta por cento da representação parlamentar. E, então, os trinta e cinco por cento que conferem ao P. S. a categoria de partido formador do Governo, seriam ultrapassados pela posição maioritária da «unidade» P. P. D. C. D. S. E Adelino Amaro da Costa interroga: «se o P. P. D. e o C. D. S. entendessem, por hipótese, fazer uma coligação permanente, a massa eleitoral que isso representaria seria superior a 40 por cento; se essa coligação permanente entre os dois partidos decidisse reivindicar...um Governo minoritário, estaria o P. S. dispostoa apoiá-lo?».

Mas [illegible] ão deixa Adelino Amaro da Costa de o notar [illegible] *a «fusão» P. P. D.-C. D. S., criando uma força parlamentar correspondente a quarenta por cento dos votos expressos, reduziria a margem de livre manobra do P. S. e obrigá-lo-ia a encontrar uma política de resposta no plano táctico. Adelino Amaro da Costa tira, agilmente, das premissas que delineia a necessária conclusão: se a «fusão»* [illegible] u «coligação permanente» [illegible] P. P. D.-C. D. S. apresentasse um programa de Governo, passaria a ser da responsabilidade do P. S. e do P. C. P. apresentarem uma alternativa, viável, que neste caso se saldaria numa aliança P. S.-P. C. P.». Mais uma vez: q. e. d. (como se pretendia demonstrar).

Não se trata, claro está, de uma demonstração matemática. Mas a lógica das situações não poderá ser submersa com simples exercícios retóricos. A política de divisão da «esquerda» cria as condições necessárias e suficientes, para a «direita» conquist[illegible] a iniciativa política. [illegible]ão curamos de motivos morais ou [illegible]. Rel[illegible]mo-nos a relações de força, a situações [illegible]. A políti[illegible] mas tem uma bas[illegible]

Nacional

RAMALHO EANES NO PORTO

Novo desafio a Pinheiro de Azevedo para outro debate na Televisão

«Queria que o cidadão Pinheiro de Azevedo respeitasse a dignidade dos homens que se enfrentam neste País, e não usasse de acusações torpes. Podia tê-lo feito na Televisão e não o fez. Mas repito aqui o que ontem e hoje disse no Norte do País: «Desafio o cidadão Pinheiro de Azevedo a confrontar-se comigo e eu saberei defender-me» — disse Ramalho Eanes no final do discurso proferido no comício de apoio à sua candidatura efectuada no sábado à noite no Porto.

Ramalho Eanes afirmou de seguida: «Diz-se nesta terra que quem não deve não teme. E eu não devo. Não sei se o cidadão Pinheiro de Azevedo teme, mas sei que deve. Gostaria que o cidadão Pinheiro de Azevedo tivesse da dignidade o mesmo conceito, não utilizando os meios do Estado que a Nação não lhe ofereceu para fazer a sua campanha.»

Constantemente aplaudido por dezenas de milhares de pessoas reunidas na Praça Humberto Delgado e na Avenida dos Aliados, Eanes encerrou uma série de mais de uma dezena de discursos dos representantes de quatro partidos (C. D. S., P. P. D., M. R. P. P. e P. S.) tendo sido apresentado pelo dr. António Macedo. Embora as palavras do candidato, para além das que visaram directamente o almirante Pinheiro de Azevedo, se tenham voltado, no essencial, para questões gerais do Norte e do País e aspectos do seu programa, o mesmo não sucedeu com a generalidade dos oradores que o antecederam. Com efeito, por este lado sucederam-se os ataques aos outros candidatos, sempre sublinhados por palavras de ordem logo surgidas na multidão, desde «Otelo assassino» e vaias ao «gonçalvismo» até ao «Eanes actua põe a canalha na rua» e fortes assobios ao nome do almirante Pinheiro de Azevedo, a quem um orador do P. P. D. classificou de «frenético energúmeno». Por outro lado, Sottomayor Cardia também seria alvo de fortes assobios (único momento de desapoio aos oradores) por ter feito uma referência ao seu partido.

Ramalho Eanes, cuja chegada à tribuna, já depois de iniciados os discursos, foi saudada com longas palmas e braços acenando, começou por agradecer a «lição que hoje recebi no Norte, lição que ultrapassa muitas leituras da História» para salientar que se tratava de «uma lição de tolerância mesmo para aqueles que se têm vencido no 25 de Novembro teriam liquidado a liberdade e feito um enorme e hediondo Campo Pequeno». Referindo também as «tradições de liberdade do Norte» afirmou depois: «A derrocada do totalitarismo inicia-se aqui. E ainda nessa altura que pensámos que mesmo que no Sul possamos perder, o Norte com Pires Veloso aguentará. Foi ainda este Porto que permitiu que vencêssemos sem maiores custas.»

Ramalho Eanes salientou ainda a importância da Constituição: «Quadro onde [illegible] vida colectiva se vai [illegible]. Ela não deixa dúvid[illegible] ser àqueles que têm [illegible] permanentemente [illegible] parte do seu discu[illegible] pois ocupada com [illegible] dade de trabalhar» [illegible] zir a riqueza que [illegible] a diversas situaçõ[illegible]

da vida dos portugueses. A dado passo afirmaria: «Temos também que dizer a esses grupelhos que terão de trabalhar. Digo ainda a esses grupelhos que trabalhando e respeitando as leis que este povo faz poderão modificar a sua opinião e viver em liberdade.»

Ramalho Eanes chega à tribuna armada na Praça Humberto Delgado, erguendo o braço em resposta às aclamações. Tem ao lado António Macedo, do P. S.

Eanes disse mais adiante: «É necessário abolir definitivamente o medo. A lei tem que ser respeitada por todos, teremos a propriedade privada respeitada e salvaguardada desde que não seja instrumento de opressão.»

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

A campanha eleitoral e o modo como decorre, as organizações de base, os incidentes em Beja e nos Açores, a figura do major Otelo, o desafio a Pinheiro de Azevedo, os bandos que procedem a ataques e o relatório do 25 de Novembro foram os pontos mais salientes da conferência de Imprensa dada no Palácio da Bolsa do Porto, ontem de manhã, pelo candidato general Eanes.

Ramalho Eanes salientou a abrir o valor que dava à «Imprensa do Porto e à Imprensa regional que dela se alimenta, que são de excepcional importância pelo público que atingem».

A propósito do contencioso que se avoluma com o almirante Pinheiro de Azevedo, Eanes afirmou que «alguns tentam diminuir a minha imagem para conquistar votos», acrescentando: «Não estou disposto a levar na cara com uma mão suja e voltar a dar a face para outra mão suja. Aos ataques vou responder com o ataque embora o faça com dignidade.» Eanes, que esclareceu dizer «cidadão» [illegible] não «almirante» quando se [illegible] refere a P. de Azevedo «para não atingir os camaradas da Marinha por quem tenho muita consideração», referiu-se então a «uns papéis, uns papéis com nus», responsabilizando P. de Azevedo, para acrescentar: «Mas há factos conhecidos e comprovados que são suficientes para saber quem o senhor almirante é e o que quer.»

Sobre perguntas relacionadas com o major Otelo e com Octávio Pato, [illegible]

[illegible]

essas frases injectadas e depois repetidas. Aquilo não é dele, ele é apenas o porta-voz, ingenuamente.» Apesar deste processo de interpretação do major Otelo e do significado atribuído às palavras e ao programa de um candidato, o general Ramalho Eanes afirmou:

«Pessoalmente não creio que haja segunda volta nas eleições. Mas se houver creio que nela estará o major Otelo.»

Quanto ao candidato do P. C. P., Eanes, a propósito de uma pergunta que apontava a ausência de ataques pessoais na campanha de Octávio Pato, afirmou: «O P. C. P. não terá interesse nenhum em atacar pessoalmente, porque quando se ataca também se é atacado.» Referindo ainda, de passagem, o 25 de Novembro, Eanes acrescentou: «Está correcta a actuação do P. C. P., não atacando enquanto outros se encarregam de o fazer...»

BEJA, AÇORES E 25 DE NOVEMBRO

Os incidentes eleitorais, mormente em Beja e nos Açores, com a sua campanha, mereceram particular atenção da conferência de Imprensa. Quanto a Viseu, disse Eanes, nada de especial se passou e um orador que foi interrompido acabou o seu discurso: «Os oradores que falam, deve haver uma concordância entre essas pessoas e a realidade que vivem. Creio que ali essa concordância não se verificava.» Mas sobre Beja e os Açores «o problema é o mesmo», afirmou, esclarecendo depois aquelas palavras: «São as minorias, e aqui minorias são umas dezenas de pessoas que julgam poder impunemente fazer essas coisas. Dois tiros visaram a minha viatura, vi eu e os homens que iam comigo. O homem não sabia sequer manejar a arma. Em Beja estavam até demasiado juntos para um grupo que pretende actuar. Em democracia as contramanifestações são inadmissíveis. Soube depois que eram homens que já não trabalhavam antes do 25 de Abril, e agora também, portanto gente que tem meios para viver sem trabalhar. E ainda alguns trabalhadores e outros que aproveitaram a confusão.» O general Eanes rematou: «O País não pode continuar a admitir isto, a permitir que haja gente que paga a pessoas para este tipo de acções.»

Quanto ao facto de os incidentes consigo e com o major Otelo terem, nos Açores, as mesmas motivações, disse Eanes: «A F. L. A. não tem representatividade numérica nos Açores. É um bando reduzido que toda a gente conhece.»

Quanto às organizações de base, Eanes colocou-as no espaço e importância que a Constituição lhes confere: «É o que a Constituição determina. Há uma fase de participação e há que respeitá-la.»

Um jornalista referiu o facto de haver militares fora do País e perguntou se havia algum «plano de reconciliação nacional», respondendo o general Eanes: «Eles poderão entrar, e responderão pelos seus actos se for caso disso. Não se pode passar uma esponja sobre tudo isto e não se pode também continuar com inquéritos que nunca mais acabam.»

Sobre o relatório do 25 de Novembro, afirmou que será publicado depois do período eleitoral. Eanes, a propósito, defendeu que a publicação deve cair fora de época eleitoral para não parecer «um golpe baixo» contra outros candidatos.

Uma outra questão deu ensejo a que Ramalho Eanes se manifestasse sobre a função dos trabalhadores na vida do País. Foi a propósito de se ter dito, referiu um jornalista, que nos seus comícios havia muitos doutores e poucos trabalhadores no uso da palavra. Eanes informou: «Deve-se mais a problemas de organização da campanha, que foi planeada em Lisboa. Quanto aos trabalhadores, aos trabalhadores manuais, foi decidido que não seria um uso demagógico. O conceito de trabalhador tem um âmbito mais largo.» Logo a seguir o general Eanes esclareceu: «Quanto aos trabalhadores, o mais importante é dizer o que se pretende para eles. E nisso temos sido claros.»

Zenha chefia delegação à O.C.D.E.

Uma delegação portuguesa, chefiada pelo ministro das Finanças dr. Salgado Zenha, partiu ontem para Paris, onde participará na reunião ministerial da OCDE.

Vinte e quatro ministros daquela organização tomam hoje parte no início da conferência, que visa as relações económicas entre os países da OCDE, nomeadamente os países em desenvolvimento, bem como a renovação do pacto comercial entre eles. Serão ainda tratados problemas relacionados [illegible] em presas multinacionais.

Outro dos pontos a considerar serão os índices de inflação referentes ao mês de Abril. A partir dos números já apurados concluiu-se que no período de doze meses, então terminado, os 24 países da OCDE tiveram uma inflação média superior aos treze por cento.

Como é tradição das sessões da OCDE, não haverá um acordo oficial no fim dos trabalhos, limitando-se [illegible] delegações [illegible] os diversos [illegible]

post-scriptum

A liberdade albardada

Acho que repugna a toda a gente a maneira como foi barbaramente escoicinhado até à morte por uma multidão dementada um trabalhador como nós, possivelmente por ter a pele um pouco mais escura. É que apesar da nossa priveligiada educação «multi-racial», há quem saiba explorar, no seio das multidões, certos instintos primitivos e levá-los até às últimas consequências. Depois, vêm outros, como de costume, baralhar as cartas, semear a confusão, chamando a isso «justiça popular». O linchamento de um operário que foi tomado por carteirista é apenas um sinal de que, quando a polícia e demais entidades encarregadas de punir o crime abdicam das suas funções, deixam imediatamente o campo aberto para que surja o bode expiatório mesmo do lugar mais imprevisto e contra ele se açulem todas as raivas. E não faltou quem nos últimos dias, aproveitando-se do execrável assassínio dos dois trabalhadores da Carris atribuísse aos cabo-verdianos e até mesmo aos comunistas (porque não, já que eles têm sempre as costas largas?) a responsabilidade desse e de outros crimes hediondos.

Os que apoiam um dos candidatos às presidenciais adoptaram como um dos lemas da sua propaganda a «liberdade em segurança». A segurança devíamos todos senti-la já, visto que para outra coisa não se fizeram as instituições em todo o lado existentes para impedir a prática do crime e, numa palavra, para garantir a paz cívica. Será necessário criar tantas fórmulas, mesmo para vencer eleições? Será que a liberdade também é como o bacalhau que pode ser cozinhado de mil maneiras? Nessa altura porque não teremos também a liberdade «albardada»?

Francisco L. Cipriano — Lisboa

Apoios que comprometem

No dia 14 de Junho pelas 18 horas e 15 minutos, integrada na campanha de propaganda eleitoral para as eleições presidenciais, tive o prazer de ouvir Etelvina Lopes de Almeida falar sobre a Reforma Agrária, exaltando esta grande conquista da Revolução e referindo exemplos da nova vida democrática vivida pelos trabalhadores das cooperativas agrícolas alentejanas, isto a contrastar com o que alguns outros dos seus correlegionários têm afirmado...

Foi, porém, grande o meu espanto quando esta militante socialista terminou a sua dissertação afirmando que «este é o espírito dos que apoiam o general Eanes». Será que a C.A.P.,o conhecida organização fascizante e terrorista, onde se integram os grandes agrários desapossados e os grandes intermediários parasitários, todos inimigos jurados da Reforma Agrária e dos trabalhadores, está de acordo com Etelvina Lopes de Almeida? Será que o CDS e o PPD «viraram» amigos da Reforma Agrária e estão também de acordo com Etelvina Lopes de Almeida?

Quero acreditar nas boas intenções desta conhecida democrata, mas as suas afirmações perdem todo o valor quando evoca os apoiantes e pensamos naqueles seus companheiros de ocasião. Será que Etelvina Lopes de Almeida mede todo o significado deste acontecimento?

Ao menos pelo respeito que parece ter (que com certeza tem) pelos trabalhadores de que nos falou, será que não lhe repugnam tais companhias?

J.M.R.C. — Lisboa

O alqueire da Justiça

Em matéria de repartição de riqueza só é nobre quem toma para medida o alqueire da justiça. É que, geralmente, quem mais precisa é quem menos força tem para pedir. Vieram estas considerações a propósito das reivindicações dos «Reformados» que muita gente sente e apoia, mas o Governo continua a não atender como merecem: coitados, têm muita razão, mas muito pouca força, e armas da greve... só se for a da fome.

Entre os reformados há ainda um grupo que, esses, coitados, têm muita, muita necessidade, muita, muita razão, mas força para se imporem, nenhuma, pois esta e a saúde lhas comeu ambas o feroz **fascismo**. São eles os que por trabalho excessivo e fracos recursos contraíram doença pulmonar e por ela foram «obrigatoriamente reformados». Incapazes para qualquer trabalho, encontram-se presentemente, auferindo pensões de miséria, mesmo aqueles que ainda conseguiram manter-se ao serviço durante quinze anos.

Sobre este assunto, passo a transcrever, na parte que a ele se refere, uma acta lavrada numa reunião do Conselho Escolar da Escola Primária n.º 1 de Tomar, que conta com onze professores e cuja cópia foi enviada ao Sindicato:

«... Mais pedem ainda para que seja estudado o caso de todos os colegas a quem foi imposta a aposentação compulsiva por motivo de doença, quantas vezes contraída na escola devido a excesso de trabalho, conhecendo-se casos de professores que leccionaram as quatro classes com turmas de setenta, oitenta e mais alunos, quando, como afirmou Calvet de Magalhães, não é humanamente possível ensinar turmas com mais de 25 alunos. Para casos desta natureza, entende este Conselho Escolar que a pensão de aposentação deverá ser igual à dos aposentados com a totalidade do tempo de serviço pois, se não se lhes pode restituir a saúde, que se lhes reconheça e conceda, o direito de poderem viver uma vida digna».

A quem a resolução da grave injustiça couber se dirija esta petição pública para que do facto ninguém possa alegar ignorância.

A nós fica-nos a certeza de termos cumprindo o dever moral de alertar para a existência e necessidade da devida e urgente repração moral e material.

Fizemo-lo conscientes de que tal reivindicação é mil vezes mais justa que a dos solteiros retornados, cheios de saúde, ao exigirem um subsídio que rondava os seis mil escudos mensais.

Evaristo Antunes Teixeira — **TOMAR**

GOVERNO DE BRASÍLIA IMPÕE SEVERAS LIMITAÇÕES À PROPAGANDA ELEITORAL

Charles Vanhecke

RIO DE JANEIRO — *Obscurantista, antiquada, vingativa.* Foi nestes termos que Ulisses Guimarães, presidente do Movimento Democrático Brasileiro (M.D.B., único partido de oposição), qualificou uma recente decisão do Governo Geisel, que visa suprimir a propaganda eleitoral pela rádio e pela televisão, por altura do escrutíneo municipal de Novembro próximo.

A iniciativa governamental prevê que os candidatos só tenham o direito de apresentar pela televisão e pela rádio o seu nome, profissão e partido um mês antes das eleições. Toda e qualquer defesa de uma plataforma eleitoral, ser-lhes-á interdita. *É o regresso ao cinema mudo*, declarou outro opositor, Paulo Brossard, senador do M.D.B. pelo Rio Grande do Sul.

A utilização dos meios de comunicação de massas permitira um longo debate político por ocasião da última consulta. Ao neutralizar a influência dos chefes políticos tradicionais, e ao levar a mensagem da oposição até mesmo aos lugares mais esquecidos do país, a televisão facilitara a vitória do M.D.B. nas últimas eleições senatoriais, em Novembro de 1974. Privar os candidatos dos meios de expressão, é deixar ao Governo a possibilidade de ocupar todo o espaço: é esta a opinião geral dos comentadores, que vêem na decisão do general Geisel uma nova medida destinada a tapar mais ainda a boca à oposição.

Para justificar tal decisão, o Governo apresenta uma série de argumentos de ordem técnica que nao enganam ninguém. Ele afirma que a interdição de propaganda se dirige ao mesmo tempo ao partido do Governo, o Arena, e à oposição. Mas tal igualdade é, evidentemente, fictícia, visto que as centenas de cadeias de rádio e televisão existentes, são submetidas à censura — prévia ou *a posteriori* — e elogiam ao longo do ano a política oficial.

Todos sabem que a mensagem do M.D.B. por ocasião do próximo escrutínio podia ser muito melhor recebida do que a do Arena. Mais uma vez a má situação económica e social dará grande credibilidade às críticas da oposição. Calcula-se que a subida dos preços, que atingiu 17 por cento no Rio de Janeiro, durante os quatro primeiros meses, possa vir a situar-se entre os 40 e os 50 por cento este ano, isto é, ao mesmo nível que durante os primeiros anos do Governo de João Goulart. As autoridades financeiras fizeram uma série de restrições ao crédito, restrições essas que ainda não produziram efeitos. Brasília conta com boas colheitas para deter a subida dos preços alimentares, que representam metade no índice dos preços. As autoridades esperam assim atingir, no fim do ano, uma taxa de inflacção mais moderada. Em todo o caso, é de duvidar que esta fique contida em limites considerados razoáveis para um país como o Brasil — isto é, de 25 a 30 por cento.

AS CONTRADIÇÕES DO PRESIDENTE

A subida dos preços teve início cinco meses depois de o presidente Geisel ter anunciado solenemente numa mensagem rádio-televisionada, que o país entrava *com toda a certeza, na fase descendente do processo inflaccionista.* Não foi esta a única afirmação que o chefe de Estado foi obrigado a desmentir durante os seus vinte e seis meses de mandato. Assim, no passado dia 21 de Maio, durante uma reunião do Arena em Porto Alegre, tratou uma vez mais o partido de oposição como um «inimigo» incapaz de oferecer soluções de reserva para a sua política, quanto havia pouco mais de um ano previa abertamente uma possibilidade de colaborar com ele.

Durante a mesma reunião, o general Geisel disse mais ou menos o contrário do que afirmara em Março de 1975, numa mensagem ao Congresso. Há um ano insistia, com efeito, no facto de o desenvolvimento do país, para ser harmonioso, dever ao mesmo tempo ser económico, social e político. O atraso em qualquer desses domínios, dizia, detinha o progresso nos outros dois. Em Porto Alegre, a perspectiva foi completamente modificada. *A revolução trabalha,* disse o chefe do Estado, *num desenvolvimento económico e, sobre tudo, social, com o objectivo final de, graças a um tal desenvolvimento, abordar o problema político em toda a sua plenitude.*

Por outras palavras, o presidente da República aderiu totalmente à filosofia do Governo precedente, o do general Medici, que defendia uma «democracia» em três etapas: económica primeiro, social depois, política no fim. Desaprovado em 1974 pela maioria do eleitorado, o general Geisel mostra portanto que tenciona ganhar as próximas eleições custe o que custar. Para o conseguir já privou do seu mandato vários deputados da oposição. Agora acaba de proibir a propaganda por rádio e televisão. Mesmo as reuniões públicas do M.D.B., que continuam a ser autorizadas, são submetidas a duas restrições.

O governador de Pernambuco, Moura Cavalcanti, mandou por várias vezes homens armados e cães polícias aos comícios do M.D.B., a fim de intimidar os dirigentes da oposição. Moura Cavalcanti é o mesmo homem que afirmava há três anos, quando era presidente do Instituto de Colonização e de Reforma Agrária, que realizava *pela primeira vez no ocidente,* uma redistribuição de terras *com a compreensão dos homens de negócios e dos proprietários.* Esta afirmação ganhou uma certa graça quando o actual presidente do INCRA, José Lourenço da Silva, revelou, no passado mês de Novembro, perante uma comissão parlamentar de inquérito, que em quatro anos só tinham sido distribuídos no país inteiro setenta e cinco títulos de propriedade!

(C) *LE MONDE*

O "CASO LOCKHEED" CHEGOU AO JAPÃO

"ANTIMIKISTAS" PROCURAM APEAR O PRIMEIRO-MINISTRO

Robert Guillain

TÓQUIO — Quatro meses depois do rebentar do caso Lockheed e das revelações feitas perante o Senado americano, segundo as quais enormes somas provenientes de «luvas» e negócios secretos da firma americana teriam sido entregues a *personalidades oficiais altamente colocadas no Governo japonês,* os inquéritos em curso não trouxeram qualquer luz ao escândalo, não confirmaram nenhum nome entre aqueles de que em público se fala. A Imprensa japonesa não conseguiu descobrir nada, os investigadores oficiais parecem contar sobre tudo com as informações dos Americanos, e a própria oposição, à excepção dos comunistas, parece mostrar, com o seu aparente desinteresse, que ninguém tem grande vontade de conhecer a verdade.

Mas nem por isso o caso deixa de paralizar a vida política do Japão e de manter um clima de crise permanente no meio parlamentar. O gabinete Miki parece hoje entrar nos sobressaltos de uma longa agonia, a pouco e pouco estrangulada pelo seu próprio partido, o Partido Liberal-Democrata, ala direita do Parlamento.

Miki chegou ao poder em Dezembro de 1974 com a missão de restaurar a imagem do partido governamental, sujo pelo escândalo financeiro que comprometera o seu predecessor, Kakuei Tanaka. Depois do caso Lockheed, ocorrido em Fevereiro, Miki, homem reputado pela sua integridade surgira como salvador do partido e depurador do meio político. No fim do ano deveria haver eleições gerais: a única maneira de evitar uma derrota que poderia marcar o final de um reino de direita seria, afirmava Miki, fazer corajosamente luz sobre o escândalo e sacrificar as ovelhas ranhosas. A opinião pública que, na sua maioria, desconfia da esquerda, daria então a sua confiança aos democratas-liberais.

Na hora actual, a empresa de depuração de Miki parece estar muito comprometida e ter perdido a possibilidade chegar às eleições: querem substituí-la antes disso. Como recentemente dizia o grande quotidiano *Yomiuri,* a política interna japonesa nunca deu um espectáculo tão lamentável. Miki, presidente do partido e, ao mesmo tempo, primeiro ministro, viu-se traído pelo vice-presidente da sua formação, Shiina, que outrora o havia apadrinhado nesses dois postos, e quer agora retirar-lhos; combatido pelo seu ministro das finanças, Ohira, que aspira ao seu lugar; e abandonado pelo seu vice-primeiro-ministro, Fukuda, que durante longo tempo foi o seu principal sustentáculo. Fukuda também é candidato à sucessão, embora os «antimikistas» se sintam igualmente dilacerados por rivalidades internas. Para completar o quadro, viu-se, por fim, Tanaka, outrora afastado do poder devido a problemas financeiros, voltar ao de cima e entrar vivamente num «complot» com os precedentes a fim de eliminar o incómodo «depurador».

As sondagens indicam que Miki perdeu a popularidade que tinha à chegada, mas que a opinião pública não está, na sua maioria, de acordo com os «complots» dos seus adversários. O grande desígnio dos antimikistas é, segundo eles próprios dizem, proceder bem depressa a uma «modernização» do partido, a fim de ganhar as eleições. Dessa modernização constaria a abolição das facções. Quanto à depuração e ao inquérito Lockheed, falam disso o menos possível. Assim, há uma impressão, largamente difundida no público e expressa na Imprensa, de que, na realidade, eles procuram abafar o escândalo. Miki seria, portanto, vítima do seu grande zelo e da sua obstinação em fazer luz.

É possível que ele ainda insista durante algumas semanas e que se assista à prisão de personagens de cuja culpabilidade não pode haver dúvidas. Chegar-se-á a prender o famoso Kodama, militarista e chefe da extrema-direita, grande distribuidor de fundos secretos até agora poupado por *motivos de saúde?* Muitos pensam que, em todo o caso, só serão presos alguns bodes espiatórios a fim de entregar algumas cabeças à opinião pública.

(C) *LE MONDE*

Geral

PUB

INTERSINDICAL NACIONAL

Encontro Nacional das Mulheres Trabalhadoras

COMUNICADO

ÀS DIRECÇÕES SINDICAIS—AOS DELEGADOS SINDICAIS—ÀS COMISSÕES DE TRABALHADORES—AOS TRABALHADORES

Conforme foi já, largamente, comunicado aos trabalhadores, através das organizações sindicais, realizar-se-á no dia 24 de Julho de 1976 no Instituto Superior Técnico, o Encontro Nacional das Mulheres Trabalhadoras promovido pela Intersindical Nacional.

Com o fim de incentivar a mais ampla discussão dos temas do Encontro, foram distribuídos às Associações Sindicais, diversos textos de apoio com indicação para serem divulgados junto dos seus associados. Tais textos subordinados aos temas do Encontro, são os seguintes:

1. A mulher trabalhadora na indústria, agricultura e serviços.
   A) Condições de trabalho
   B) Legislação do trabalho
   C) Dupla tarefa
2. A mulher trabalhadora, na saúde e assistência
   A) Maternidade
   B) Infra-estruturas
   C) Condições de trabalho e gravidez e o puerpério
   D) Aborto
3. A mulher trabalhadora na terceira idade
4. A participação da mulher trabalhadora na vida sindical

Os resultados obtidos após a sua discussão deverão ser enviados em documento escrito à Intersindical Nacional — Departamento das Mulheres Trabalhadoras — Rua Victor Cordon, n.º 1, terceiro andar, em Lisboa — através das respectivas Associações Sindicais.

O termo do prazo de recepção dos documentos foi fixado em 2 de Julho com vista a possibiltar a reelaboração das teses finais a serem apresentadas ao Encontro.

Lisboa, 18 de Junho de 1976

DEPARTAMENTO DAS MULHERES TRABALHADORAS
DA INTERSINDICAL NACIONAL

Condecorações portuguesas para brasileiros

Brasília, 21 — Pela primeira vez desde o 25 de Abril de 1974, Portugal condecorou personalidades brasileiras, nota a agência espanhola EFE.

Na residência do embaixador português em Brasília, Vasco Futscher, Pereira, o chanceler brasileito, Azeredo da Silveira, recebeu a Grã Cruz da Ordem de Cristo, que lhe havia sido concedida em 1974.

Recebei idêntica condecoração o secretário-geral do Itamarati, embaixador Rio Branco, enquanto o oficialato da mesma ordem foi entregue ao chefe do Departamento da Promoção Comercial, embaixador Flecha de Lima.

O acto segundo a agência espanhola isto marcaria um novo período das relações entre Portugal e o Brasil.

MÓVEIS

NÓRDICOS
MODERNOS
SÉCULO XVII
D. MARIA
LUIZ XV e XVI
D. JOSÉ
IMPÉRIO
D. JOÃO V

Grande variedade em exposição

TROCAMOS MÓVEIS USADOS

Facilidades de pagamento

ARTIS

Rua Maria Andrade, 64
(Perto Igreja dos Anjos)

CONION

O MELHOR EM CAPTAÇÃO E SOM

O melhor Rádio e Gravador do Mundo

Rua Pascoal de Melo n.º 7, 1.º — Lisboa

PUB

AVISO

Concurso Público para adjudicação da empreitada de «C. M. 1389 — CONSTRUÇÃO DA E. M. 567, EM ZAMBUJAL À E. M. 567, POR RAMALHOSA — 3.ª FASE — PAVIMENTAÇÃO NA EXTENSÃO DE 7339 METROS».

A Câmara Municipal do Concelho de Caldas da Rainha, faz saber que de harmonia com a deliberacão tomada em reunião ordinária de 9 de Junho de 1976, se acha aberto Concurso Público para adjudicacão da obra de «C. M. 1389 — CONSTRUÇÃO DA E. M. 567, EM ZAMBUJAL À E. M. 567, POR RAMALHOSA — 3.ª FASE — PAVIMENTAÇÃO NA EXTENSÃO DE 7339 METROS».

BASE DE LICITAÇÃO .... 1 162 766$80
DEPÓSITO PROVISÓRIO .... 58 138$40

As propostas, devidamente seladas e fechadas em sobrescrito lacrado, deverão ser entregues até às 17.30 horas do dia 6 de Julho de 1976.

A abertura das propostas terá lugar no dia imediato, no decorrer da reunião ordinária.

O depósito definitivo será de 5 % do valor da adjudicação.

O Programa de Concurso e Caderno de Encargos encontram-se patentes na Secretaria da Câmara Municipal (Serviços Técnicos), todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

Alvará exigido: IV Categoria ou I Subcategoria da IV Categoria e de classe igual ou superior ao valor da proposta.

Paços do Concelho de Caldas da Rainha, 12 de Junho de 1976.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA
Hergildo Ferreira Velhinho

CURSOS DE VERÃO

EXAMES 3.ª ÉPOCA — SETEMBRO
INÍCIO EM JULHO

EXTERNATOS

Marquês de Pombal — Rua Morais Soares, 93 — Tel. 82 02 21/83 46 58
Álvares Cabral — Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — T. 70 69 74/5

PREPARATÓRIO - LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)

ADM. UNIVERSIDADE
(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

CONVOCATÓRIA

O Conselho Geral de Delegados Sindicais reúne no dia **23 de Junho de 1976, quarta-feira pelas 14 horas**, no Salão dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses — na Rua Camilo Castelo Branco (ao Marquês de Pombal) em Lisboa.

A reunião terá a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Contrato Colectivo de Trabalho Vertical para o sector Têxtil, Lanifícios e Vestuário.
2.º — Preparação da Reunião Geral de Trabalhadores que se realiza no dia 26 de Junho na Voz do Operário.
3.º — Outros assuntos.
4.º — Informações.

Não faltes, a tua comparência é importante

O Sindicato, são os trabalhadores organizados

A luta continua

Lisboa, 8 de Junho de 1976

A DIRECÇÃO

PUB

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL

AOS ELECTRICISTAS DO COMÉRCIO RETALHISTA DO DISTRITO DE LISBOA

(Lojas, Electrodomésticos, etc)

A redacção do CCT Retalhista não foi entregue no Ministério do Trabalho em conformidade com o acordado (conforme Actas) na negociação directa e conciliação pelo que a Direcção se recusou a assinar.

A FIM DE TOMARMOS POSIÇÃO FACE À VIOLAÇÃO referida, comparece na Reunião a efectuar na próxima 2.ª-feira dia 21 às 20.30 horas, na Sede do Sindicato (Av. Almirante Reis, 74-G-4.º andar).

COMPARECE!

Lisboa, 18/6/76

A DIRECÇÃO

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

ENSINO SUPERIOR

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os professores sindicalizados do Ensino Médio e Superior para um Plenário a realizar na **sede do Sindicato, Rua das Gaivotas, 6, no dia 23 de Junho de 76, pelas 21.30 horas**, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Informações
2. Aprovação do Caderno Reivindicativo
3. Articulação com outras zonas

O Secretariado Geral de Sector

Nacional

OCTÁVIO PATO

Jornadas populares em Setúbal, Viana do Castelo e Porto

Do centro ao Norte do País o candidato comunista, Octávio Pato, desenvolveu, neste fim-de-semana, intensa actividade eleitoral que se caracterizou por amplas movimentações populares. De Setúbal a Viana do Castelo, passando pelo Porto, Octávio contou com significativos apoios populares que transcenderam largamente as bases do Partido e concretizaram, na prática a política de unidade de esquerda que vem sendo constante das posições defendidas pelo Partido Comunista Português. No momento em que a campanha eleitoral «aquece» os comícios que contaram com a presença do candidato comunista serviram ainda para reforçar a denuncia da ameaça de direita que continua a espreitar o futuro da revolução portuguesa.

«Existe o perigo de o sentido da votação popular de 25 de Abril não ser respeitada e de, à sombra da convivência do P. S. com o P. P. D. e o C. D. S. em torno da candidatura do general Ramalho Eanes, se estar a preparar uma aliança entre aqueles partidos, seja clara seja encoberta», disse Octávio Pato, prosseguindo: «Isto quer dizer, camaradas e amigos que a grande vitória de 25 de Abril não foi uma vitória definitiva e que o P. P. D. e o C. D. S. procuram hoje recuperar o terreno perdido, atraindo o P. S. a alianças com a direita. Mas podemos estar certos, camaradas, que se não fosse a vitória da esquerda em 25 de Abril, já teriamos como certo a esta hora um Governo P P. D. C.D.C. e a direita se teria apresentado nas presidenciais com um candidato claramente seu e às suas ordens para derrotar a esquerda, para derrotar o próprio Partido Socialista. E podemos estar certos, camaradas e amigos, que, se, como alguns desejavam e chegaram a anunciar o P. C. P. tivesse saido enfraquecido das últimas eleições, também a esta hora alguns dirigentes do P. S. já se sentiriam com as mãos completamente livres para se aliarem no Governo com o P. P. D. com o C. D. S. ou com os dois».

E mais adiante disse ainda Octávio Pato:

«Nestas eleições o grande objectivo que se põe aos democratas e antifascistas não é tanto a escolha entre homens, nem muito menos depositar nas mãos de um só homem as suas aspirações, mas sim o de, votando num candidato, votarem num programa que seja claro, votarem numa política que dê resposta aos problemas nacionais, votarem para que a sua voz seja ouvida, tenha maior peso e influência nos órgãos de Poder e na sua política e para se tornarem mais próximas as soluções de esquerda já votadas em 25 de Abril.

«O voto democrático e de esquerda nestas eleiçõesnão pode ser um voto apenas de protesto ou de simpatia, tem de ser um voto que faça avançar a luta, tem de ser um voto que em vez de dividir e enfraquecer, dê força a quem tem condições, meios e influência para pesar na vida política portuguesa, e aí, a todos os níveis, defender os interesses populares».

Referindo-se, ainda, noutro ponto, à ameaça da direita, diria o candidato comunista:

«Nas presentes eleições, o principal perigo vem da direita e da reacção que se encosta à candidatura do general Ramalho Eanes que conta com o apoio do P. S., procurando ganhar nas presidenciais o que perdeu na Assembleia da República, misturar o campo democrático com o campo da reacção, atrair o P. S. a uma

Cerca de mil adeptos da candidatura de Octávio Pato desceram ontem a foz do Tejo, entre o Terreiro do Paço e a praia de Carcavelos, num barco fretado pela organização do Sector Público do P. C. P.

política de alianças com o P. P. D. e o C. D. S., realizar uma nova aliança anticomunista, contra os resultados das eleições de Abril. É o próprio C. D. S. que diz num recente manifesto de apoio a Eanes, onde a determinada altura se afirma que «com Ramalho Eanes o eixo da vida política transfere-se, finalmente da estrita aliança de partidos socialistas (P. P. D — !!! — P. S. e P. C. P.) para a *ampla solidariedade dos partidos democráticos (C. D. S., P. P. D. e P. S.)!!!*»

E a terminar:

«Os democratas e antifascistas que votarem na nossa candidatura não verão os seus votos perdidos no dia das eleições. Os seus votos darão força à maioria de esquerda e à luta por um Governo de esquerda, serão um obstáculo à aliança do P. S. com a direita, reforçarão as posições de esquerda e ajudarão à defesa das conquistas da Revolução».

OCTÁVIO PATO NO PORTO

PORTO, 21 — O Palácio de Cristal do Porto encheu-se ontem, ao fim da tarde, durante um comício do P. C. P. de apoio ao candidato Octávio Pato. Precedido, no uso da palavra, por Margarida Tengarrinha e Carlos Costa, o candidato comunista, a quem os milhares de pessoas tributaram fortes aplausos, referiu-se ao significado da sua candidatura afirmando que ela «visa contribuir de forma clara, para a unidade de todas as forças interessadas na consolidação do processo democrático». E acrescenta: «Se não houvesse um candidato comunista, o povo estaria confuso quanto às outras candidaturas que se apresentam».

Quanto às outras candidaduras, Octávio Pato referiu-se expressamente à do major Otelo, vindo a afirmar que ela apontava para a «divisão e desagregação dos trabalhadores e dos próprios militares». Acusou ainda Otelo de estar a usar o nome de Vasco Gonçalves em seu proveito, mas que, afirmou: «Quando teve a força nas mãos, não o apoiou como devia, não quis evitar a sua queda».

Mais adiante, Octávio Pato considerou o voto na candidatura do P. C. P. como «o voto daqueles que querem efectivamente contribuir para a formação de um Governo de esquerda», voto esse acrescentou, «que será a garantia da consolidação das conquistas da Revolução.» Referindo-se ao tipo do Governo a formar depois das eleições afirmou: «A alternativa é entre um Governo de direita e um Governo de esquerda. Um Governo de esquerda que defenda os interesses da classe operária e de vastas camadas do nosso povo ou um Governo de recuperação capitalista que suprimirá as liberdades e arrastará o País para o fascismo».

Octávio Pato referiu-se ainda ao voto de esquerda para salientar o significado das últimas eleições e o «papel desempenhado pelas forças de esquerda na Constituinte e que foi decisivo para a consagração das maiores conquistas do Povo Português — nacionalizações, Reforma Agrária e Controlo Operário».

Classificou ainda de «manifestação de anticomunismo» recentes afirmações do dr. Mário Soares na Televisão e que, acrescentou, «poderão ter merecido os aplausos do P. P. D. e do C. D. S., mas não teve o dos militantes socialistas que estão interessados num Governo que lute pelos seus interesse». Aliás, Octávio Pato afirmou mesmo que a esmagadora maioria das bases do P. S., «não consentiria uma aliança com a direita», advertindo Mário Soares.

Por seu turno, Carlos Costa referiu-se às candidaturas de Eanes, Azevedo e Otelo, classificando as duas primeiras de «indefinidas e incertas» e a última como traduzindo uma «perspectiva de ilusão e derrota». Concretamente, em relação a Eanes, disse que «os apoios são tão contraditórios, devido aos programas dos partidos e grupelhos que o apoiam, que ninguém sabe qual o caminho a seguir». Quanto a Pinheiro de Azevedo, Carlos Costa disse que «não se conhecem quais as forças politicas que o apoiam».

EM SETÚBAL

Muitos milhares de trabalhadores percorreram as ruas de Setúbal, ao princípio da noite de sábado, manifestando de uma forma vibrante o seu apoio à candidatura de Octávio Pato à Presidência da República.

A manifestação formou-se e arrancou das portas do Estádio de Bonfim, onde se realizara um comício com a presença do candidato comunista. Durante o percurso, muitos foram os populares que se incorporaram no desfile, juntando a sua voz às que gritavam palavras de ordem como «Octávio Pato é o nosso candidato», «Com Octávio Pato é o Povo o Candidato», «Unidade» e que entoavam as canções da candidatura. Os manifestantes concentraram-se por fim, junto ao centro de trabalho do P. C. P. de onde Octávio Pato, que havia participado também no desfile, lhes dirigiu uma breve alocução na qual pôs em destaque o significado do grande apoio popular que a candidatura comunista está a receber, afirmando a propósito que aquela manifestação mostrava «como são justos os objectivos de uma candidatura e como ela está a ser compreendida e apoiada».

MANIFESTOS DE APOIO

Dois manifestos surgiram este fim-de-semana em apoio à candidatura de Octávio Pato: um de jornalistas, e outro da Comissão Unitária da Freguesia de Campolide, este dirigido à população local.

Assinado por cinquenta profissionais da Informação, o primeiro manifesto afirma: «O que está neste momento em causa é o avanço do processo democrático, é a concretização de uma política de esquerda pela qual as classes trabalhadores se batem. Assim, o voto útil, um voto que será uma clara rejeição de uma política de direita, será o voto em Octávio Pato. Nenhum Governo, nenhuma política poderá ignorar uma votação inequívoca de esquerda, em defesa das conquistas dos trabalhadores, em defesa do avanço do processo democrático, rumo ao socialismo».

Bispo do Funchal aconselha a não votar nos marxistas

FUNCHAL, 21 — Em nota pastoral ontem publicada no «Jornal da Madeira» (órgão da diocese do Funchal), c bispo, D. Francisco de Santana, pretende seguir o exemplo de Paulo VI, e mete-se ao ataque furioso do Marxismo.

Na referida nota, diz D. Francisco que «um cristão não pode, em consciência, votar nos partidos e nos homens marxistas». Por outro lado, considera o bispo, a abstenção nas presentes eleições facilitaria o triunfo dos marxistas.

Noutra passagem da sua nota, D. Francisco de Santana afirma que «o marxismo é anti-religioso, anticlerical e anti-humano, como dizia há dias Paulo VI».

SURGE O B A R

Entretanto, surge na Madeira um novo Movimento: o B.A.R. — Brigadas Antifascistas Revolucionárias.

Várias inscrições deste Movimento surgiram já nas paredes do Funchal: «Morte à FLAMA».

PINHEIRO DE AZEVEDO

"Terrorismo é iniciativa das forças de direita"

O almirante Pinheiro de Azevedo prosseguiu durante o último fim-de-semana um intenso programa de actividades, integradas na sua campanha eleitoral, tendo-se deslocado a localidades da zona Centro do País, e realizando dois comícios, respectivamente em Castelo Branco e em Santarém.

O contacto directo com as populações e visitas a algumas unidades fabris preencheram as digressões de Pinheiro de Azevedo, durante as quais o candidato retomou temas que lhe vêm sendo habituais, nomeadamente os ataques a Ramalho Eanes e a sua autoafirmação como «homem do 25 de Abril».

Em Águeda, dirigindo-se aos operários da Famel, Pinheiro de Azevedo falou sobre a necessidade de reconstruir a economia nacional, afirmando que «nada se pode fazer sem os trabalhadores», acrescentando que «a solução para os nossos problemas económicos só pode ser encontrada num contrato entre trabalhadores, empreendedores, dirigentes sindicais e responsáveis pelo poder político». Ainda em Águeda o Primeiro-Ministro falou sobre o terrorismo, salientando que «é iniciativa das forças da direita que pretendem aproveitar-se do recuo da esquerda resultante do 25 de Novembro», sublinhando também que, em certas zonas, «existem conivências entre forças da direita, caciques e responsáveis da autoridade», que dificultam a prisão dos responsáveis.

Pronunciando-se depois sobre o seu passado antifascista, Pinheiro de Azevedo afirmou que já em 1940 tinha estado preso por se opor ao fascismo, adiantando que tinha entrado no 25 de Abril sem crença no triunfo, mas entusiasmado pelas suas convicções.

Na tarde de sábado, Pinheiro de Azevedo participou num comício em Viseu, durante o qual afirmou, referindo-se aos partidos políticos: «Os partidos são o embrião da democracia. Não importam os apoios dados pelas cúpulas dos partidos a este ou aquele candidato, uma vez que os partido são formados por 99 por cento de bases e estas têm liberdades de escolher». A terminar, disse: «De palavras estamos todos fartos, fartíssimos. Vamos é trabalhar pela construção da democracia e por um país novo, que todos desejamos».

P.S. DEMARCA-SE

Crítica a certos apoios de Eanes, ataques a Otelo e Azevedo

«Se alguém tem que explicar o apoio a Ramalho Eanes não é o Partido Socialista, mas sim aquelas forças que tendo combatido a Reforma Agrária, as nacionalizações e outros objectivos socialistas consagrados na Constituição, decidiram colar-se à sua candidatura, certos, como estavam, de que se apresentassem um candidato próprio, este seria claramente derrotado», sublinha, num comunicado, Manuel Alegre, secretário nacional do P. S. e seu representante junto da candidatura do general Ramalho Eanes.

O comunicado, que denuncia ainda as actividades dos separatistas na Madeira e nos Açores, dirige vários ataques às candidaturas do major Otelo de Carvalho e do almirante Pinheiro de Azevedo.

Em relação ao ex-responsável do Copcon, o dirigente socialista observa:

a) Os grupos que apoiam a candidatura do major Otelo não totalizam, no seu conjunto mais do que 2 por cento do eleitorado; pretendem servir-se do major Otelo para alcançar uma audiência que não têm.

b) Procuram além disso servir-se dele para atacar os partidos políticos e captar parte das suas bases. Sob o lema de «unidade», a candidatura do major Otelo é, assim, profundamente divisionista.

c) Sendo uma candidatura antipartidos é, também, uma candidatura que está em profunda contradição com o espírito democrático do 25 de Abril, de que o major Otelo tanto se reclama.

Noutro ponto do comunicado, considera-se que a candidatura «apesar de uma roupagem esquerdizante, reveste um carácter profundamente anti-operário e antidemocrático e faz do major Otelo o candidato a Sidónio Pais da II República».

Lamentando as «características de que se está a revestir» a candidatura do almirante Pinheiro de Azevedo, o comunicado assinado por Manuel Alegre, condena o facto de o Primeiro-Ministro utilizar o exercício das suas funções para efeitos de propaganda eleitoral e denuncia que ele se apresente «como genuíno revolucionário do 25 de Abril», quando se «demarca de um objectivo básico do Programa do M. F. A. — a descolonização».

E conclui: «Apresenta-se como o maior democrata dos candidatos; mas ao atacar os partidos cai em contradição com a sua apregoada fidelidade ao espírito do 25 de Abril (...) lamenta-se que o almirante Pinheiro de Azevedo, que dispunha de um capital político considerável, que fariam dele uma reserva da República, esteja a desperdiçá-lo numa campanha infeliz.»

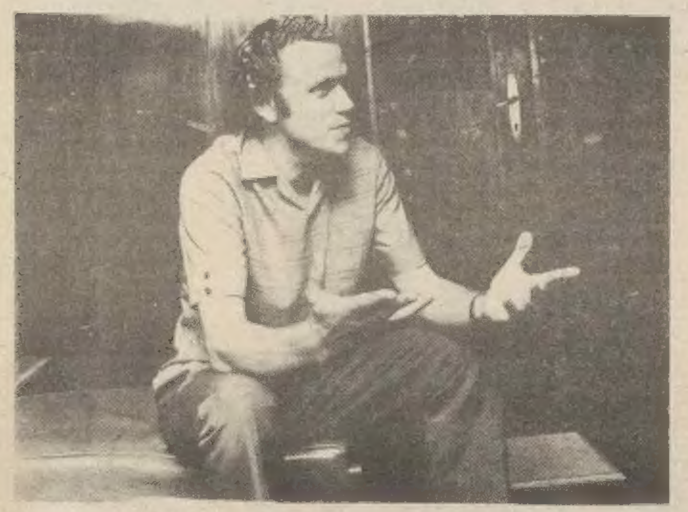
Nacional

Escrever "Logos" e pensar no Chile

Manuel Geraldo (texto) Rui Pacheco (fotos)

O senhor que me saudou é o embaixador da Coreia do Sul! — A frase dita em inglês, no tejadilho do «Logos» então ancorado no Cais de Alcântara, tinha o sabor a revelação, a um colocar de facto, em termos quase irrefutáveis, a verdadeira estratégia e enquadramento político deste (aparentemente) porta-estandarte da «compreensão e bondade internacionais».

Diremos que «Logos» é nome de navio. Navio que esteve aportado a Portugal durante os últimos vinte dias, após ter deambulado seis anos pelos portos da Ásia e do Mediterrâneo. A informação foi-nos fornecida pelo «comandante» de «ship», também autor da expressão inserta no início desta reportagem, e encontra-se inclusa nos inúmeros folhetos que nos foram distribuídos mal tinhamos colocado o pé direito no primeiro degrau da escada de acesso a bordo.



O «comandante» do navio, também mentor espiritual do grupo evangélico que nele navega, ao «DL»: «Só a revolução espiritual do homem nos seduz e impulsiona». Entretanto, na gigantesca biblioteca que publicitam, apenas vimos livros de ataque aos regimes cubano, soviético e chinês. Nem uma única página de crítica às bombas de «napalm» americanas lançadas sobre o povo vietnamita. Isto para quem missionou seis anos por Ásia...

O LUCRO ESTÁ NO ESPÍRITO

Agora o recurso a excertos dispersos do nosso diálogo com o «comandante», auxiliados que fomos por uma intérprete holandesa de 40 anos, treze dos quais, disse-nos, vividos no Brasil e outros países da América Latina, e seis no «Logos».

Repórter do «DL»: — **O que vos trouxe a Portugal?**

«Comandante» do «Logos»: — **Apenas o facto do vosso País ficar na rota que nos levará de regresso a Inglaterra.**

Repórter: — **E porque não, há seis anos, quando da vossa ida para a Ásia?**

«Comandante»: — **Na altura já tínhamos um itinerário previamente traçado para o início da missão que nos propomos.**

Repórter: — **Que missão?**

«Comandante»: — **A da revolução espiritual do homem, pois só assim, pensamos, ele poderá ajudar o universo em que se encontra inserido.**

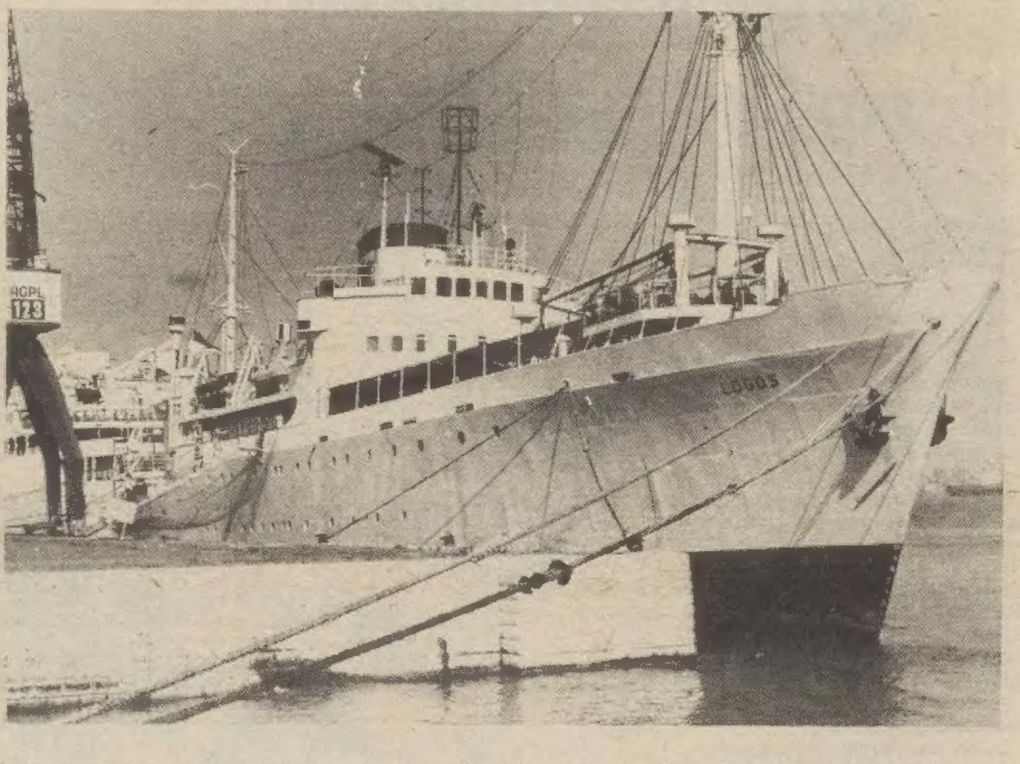
Repórter: — **E que planos têm para conseguir essa revolução?**

«Comandante»: — **Os planos que conduzirão o homem à sua entrega total à vida espiritual.**

Repórter: — **E a vida material do homem, a sua independência económica, base primeira da sua própria subsistência, não vos interessa?**

«Comandante»: — **Só os problemas espirituais nos seduzem e impulsionam...**

Depois do diálogo (parcial) a transcrição (também parcial) do panfleto de lançamento do «fenómeno Logos» em Portugal. Rezava assim: «Este navio de 2319 toneladas, que transporta mais de 250 toneladas de livros a bordo, pertence à Educational Book Exhibits Ld.ª de Londres, uma instituição filantrópica, sem qualquer fins lucrativos. Adquirido em 1970 ao Governo dinamarquês, com base num projecto idealizado por grupos de juventude, o barco navega sob bandeira de Singapura. Inspirado pela visão de um movimento de juventude cristã, diversos jovens trabalham no barco como voluntários durante 1 ou 2 anos, num serviço gracioso particularmente dirigido aos países do Terceiro Mundo. Cento e trinta e cinco pessoas de 24 nacionalidades diferentes, compõem a tripulação e o pessoal que dirige o navio. Com jovens de várias nacionalidades, vivendo e trabalhando juntos na mesma harmonia, o «Logos» tem sido aclamado em muitos países como uma das mais interessantes expressões de genuína compreensão e bondade internacionais. Incluídos nas 250 toneladas de livros que existem a bordo, há uma vasta gama de assuntos, tais como, textos educativos e de formação profissional, livros de arte, ficção, biografias, estudos de actualidades, enciclopédias, poesia, literatura para crianças e uma grande selecção de títulos de cristianismo».



«Logos», 2319 toneladas de porte, 250 toneladas de livros, vinte dias em Portugal: falar em «liberdade» com os dinheiros da repressão?

E mais adiante, numa referência às actividades a desenvolver nos dias da sua permanência em Portugal: «Além das suas actividades a bordo, a tripulação e demais pessoal do «Logos» visitará igrejas, escolas e centros de juventude com programas musicais e de cultura geral. Em Portugal, já foi assegurada a cooperação de diversas igrejas evangélicas de Lisboa e arredores.»

PASSAR POR ÁSIA E NÃO «VER» O VIETNAME

E a população do «Logos», e não só, espalhou-se efectivamente por Lisboa e arredores. Distribuindo panfletos, promovendo comícios nas igrejas evangélicas (mas também no Pavilhão dos Desportos) e desfiles (manifestações) pelas ruas de Lisboa. E «happenings» na amurada do Cais de Alcântara. E os seus aderentes (diremos agentes) multiplicaram-se como por encanto.

E a bordo deste navio, que adquirido com libras inglesas arvora uma bandeira de Singapura, vimos de facto uma espectacular amostragem de livros. Livros que atacam com virulência os regimes cubano, soviético e chinês. Será por coincidência? E será por coincidência que estes novos e imaculados profetas da bondade e compreensão universais, depois de uma tão longa (como dizem) permanência em terras asiáticas, não apresentam uma página sequer a condenar as bombas de «napalm» americanas sobre o povo vietnamita. E como afirmam dirigir-se aos países do Terceiro Mundo, porque motivo não existe nos seus escaparates um único livro a condenar o regime repressivo de Pinochet ou a segregação racial na Rodésia e na África do Sul. E já que se encontram em Portugal, porque não alguns textos a situarem o despotismo e o colonialismo de Salazar e Caetano, como referencias, por exemplo aos massacres de Quicua e Wiriamu.

E quem vai acreditar, sem tentar ao menos uma abordagem crítica, que apenas por mera filantropia um navio de 2319 toneladas (que números astronómicos de libras não serão necessários para a sua manutenção) se decide missionar pelos portos da Ásia ao longo de seis anos. A vender livros. Levando no seu bojo cento e trinta e cinco jovens bem comidos e bem vestidos, como nos foi dado observar «in loco». E que só agora (ó coincidência das coincidências) se decide demandar terras portuguesas, onde já promete voltar em Novembro, ao Porto, pois então.

E que esta aparição venha acontecer precisamente numa altura em que por cá já despontam «grupos religiosos» como «Os Meninos de Deus», que também se reivindicam da libertação espiritual do homem. Que numa livraria montada, na Rua da Esperança, também ostentam livros similares, ainda que de roupagens diferentes. E que até já editaram recentemente um disco, com jus a ampla divulgação na nova rádio portuguesa (entrevista com os cantantes, inclusive).

Os «Meninos de Deus» também já estão por cá... na Rua da Esperança

No Chile, nos últimos meses do Governo de Unidade Popular de Salvador Allende, as ruas de Santiago foram inundadas por centenas de indivíduos que, à semelhança do que agora acontece no Chiado, Restauradores, Rossio, Avenidas Novas e bairros populares, a exemplo, abordavam as pessoas com panfletos em que falavam apenas na emancipação espiritual do homem, precisamente num momento e num lugar em que ele se encontrava mobilizado para lutar pela sua emancipação económica. Isto não vos faz pensar, portugueses? E «Logos» não terá ressonâncias a «Apolo», o célebre iate americano?

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

AOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DOS SECTORES, TÊXTEIS, ALGODÃO EM RAMA, INDÚSTRIAS TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E EXPORTADORES TÊXTEIS

Convocam-se todos os Trabalhadores de Escritório dos sectores acima indicados para um Plenário a realizar **no dia 22.6.76, pelas 21,30 horas, na Av. da República, 31-r/c**, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único — Informações sobre o anteprojecto e revisão do C.C.T.

COMPARECE. A TUA PRESENÇA É INDISPENSÁVEL!

— PARTICIPA NA RESOLUÇÃO DOS TEUS PROBLEMAS!

Lisboa, 11 de Junho de 1976

A DIRECÇÃO

COSECC companhia de seguro de créditos, e.p.

INFORMAÇÃO

Realiza-se amanhã, dia 22 de Junho de 1976, pelas 10 horas, no Auditório da Feira Internacional de Lisboa, um debate sobre o tema

«O Financiamento e o Seguro de Créditos à Exportação».

Em representação oficial participarão Suas Excelências:

— o Secretário de Estado do Tesouro

— o Secretário de Estado do Comércio Externo

— o Subsecretário de Estado dos Seguros e membros dos:

— Conselho Coordenador do Financiamento do Comércio Externo

— Comissão de Créditos e Garantias de Crédito

Nacional

OTELO EM CAMPANHA

Da inviabilidade dos Açores e festa popular em Faro

Sábado à noite, Otelo referiu-se às inscrições murais que o insultavam: «Otelo vai para o Brasil», «Otelo vai dividir a direita». Otelo disse: «Custa-me a crer...» E inflectiu se não se tratava de inscrições feitas pela direita ou extrema-direita: «o povo do Barreiro, de tão longas tradições revolucionárias, não pintava aquilo nas paredes» — disse; e acrescentou: «não acredito que partidos de esquerda façam também aquelas pinturas». Falou depois do processo político português desde 25 de Abril de 74, e evocou a sua digressão à Madeira e aos Açores nos dois dias precedentes. Terminou com um apelo à unidade das massas trabalhadoras condenando «o sectarismo e o divisionismo nas fábricas e nos campos, que não leva a nada». Interrompendo frequentemente o orador, a multidão ergueu os «slogans» da campanha. Noutros passos, os milhares de presentes cantaram com Otelo e José Afonso.

Em Beja: «O aumento de produção deste ano é a maior bofetada que o povo trabalhador deu na burguesia dominante» — disse o candidato, falando na praça principal da cidade. Concentrava-se ali uma multidão numerosa. Otelo falou da Reforma Agrária, invocou as lutas dos trabalhadores alentejanos contra o fascismo, e inflectiu nas tópicas dominantes da sua campanha eleitoral.

Em Faro: problemas locais. Otelo chegou à cidade muito tarde, a sessão prolongou-se até depois da meia-noite.

Foi uma das maiores concentrações populares de que há memória naquela cidade do Algarve. «Foi o maior comício de sempre em Faro» — diria Otelo na madrugada de hoje à sua chegada a Lisboa.

Otelo vai hoje a Pedrouços e a Setúbal. Aqui participará num comício a realizar à noite na Praça Bocage. Amanhã, Otelo desloca-se de Lisboa a Castelo Branco e Portalegre.

OS INCIDENTES NOS AÇORES

A denúncia remonta aos Açores (mais propriamente Angra, Terceira), onde Otelo esteve no sábado último. Mal chegou à Ilha, a comitiva foi avisada de que seria «verdadeiramente perigoso» realizar qualquer comício. Otelo compreendeu a situação e renunciou à sessão que deveria realizar-se na cidade. Então, e sem sair da aerogare, limitou-se a um encontro com os jornalistas. Nem por isso, Angra deixou de viver horas de tensão e violência. Por trás disto, a organização separatista FLA, Frente de Libertação dos Açores, onde — tudo o faz crer — militam elementos preponderantes de partidos da direita legais. A violência teve o seu momento mais alto quando Otelo se dirigia para o táxi-aéreo que o traria a Lisboa e os manifestantes — cada vez mais audazes, porque cada vez mais confiantes da condescendência criminosa das autoridades», diz a C.A. — invadiram as pistas e caíram sobre os elementos da segurança do candidato. Otelo só muito a custo conseguiria atingir o avião. A assinalar: os militares não dispararam um tiro para o ar. Obedeciam a «ordens recebidas» de um «major»

UM JORNALISTA DO «DL» ESPANCADO

Estava Otelo num restaurante da aerogare, um capitão da Força Aérea veio informá-lo de que se encontrava hasteada à porta-de-armas da base aérea uma bandeira da FLA, assinalando, por outro lado, a presença no mesmo local de cerca de três centenas de pessoas com intenções de «entrarem em força» para dentro da aerogare. O referido oficial sugeriu que, no caso de um dos elementos da comitiva ter à mão uma máquina fotográfica, sair a fotografar o que ele próprio chamou «uma cena altamente revoltante e inacreditável para um oficial das Forças Armadas».

Um jornalista do «DL», integrado na comitiva de Otelo e que ocasionalmente tinha uma máquina, deslocou-se ao local. Foi violentamente espancado — na presença de guardas da PSP e forças militares, agredido à soco e a pontapé, arrastado pelos cabelos e apedrejado, com a cumplicidade evidente e activa das forças presentes que assistiam à cena. Um dos guardas chegaria mesmo a agredi-lo. O jornalista ficou sem máquina. Poderia ter sido mais maltratado ainda se não fosse a ajuda dos soldados que ali se encontravam e que só

Otelo na Madeira: depois de um comício frustrado, doze quilos de dinamite debaixo de uma ponte. Um menino desactivou a bomba

TOMADA DE POSIÇÃO DOS MILITARES

Ainda no sábado, e em Angra, militares da Força Aérea em serviço na base realizaram um plenário (o primeiro depois de 25 de Novembro, saliente-se) e analisaram os acontecimentos. Foi especialmente tido em conta o comportamento do comandante e ficou decidido entregar a boina azul, exigir a passagem ao contingente geral e o embarque para o continente. Mais: os militares da Polícia Aérea — segundo uma notícia que nos chega da Comissão de Apoio a Otelo — recusaram entregar à PSP os oito elementos detidos.

Desobedeceram assim às indicações nesse sentido dadas pelo major Resende.

FILMES E FUNDOS

Com a passagem do filme «Sangue de Condor» do boliviano Jorge Sanjines prossegue hoje no cinema Universal em Lisboa a série de sessões integrada na Semana de Apoio à Unidade Popular. A série começou na passada semana e prolonga-se até ao próximo dia 24. Amanhã passa o filme «Sal da Terra», de Biberman, depois «Greve-Ocupação», de Karmitz, e no último dia, outro filme de Sanjines: «Coragem do Povo». Livres as entradas, as sessões começam às 19 horas e, à entrada, há colecta: recolha de fundos para a campanha de Otelo.

OTELO, PATO E A VIOLÊNCIA

Os serviços de apoio à candidatura de Octávio Pato emitiram uma declaração deste candidato a propósito dos incidentes registados em torno da campanha de Otelo. «Um grave atentado às liberdades democráticas e ao normal curso da campanha presidencial» — assim classifica o candidato comunista os incidentes em questão. «Considerando que as autoridades têm o dever de assegurar o exercício dos direitos democráticos em todo o território — diz Octávio Pato —, reclamamos que sejam tomadas medidas efectivas para identificar e punir os agressores e para impedir novos atentados à ordem democrática».

CUNHAL EM SETÚBAL

"Governo sem P.C.P. será Governo de direita"

Depois de aludir à derrota que os resultados eleitorais de 25 de Abril significaram para a direita, Álvaro Cunhal destacou que «um Governo sem o P. C. P. será um Governo de direita».

«É necessário que neste momento todos os portugueses ganhem consciência de que qualquer Governo que se venha a formar sem a participação do P. C. P. será um Governo de direita, com uma política antioperária e antidemocrática», acrescentou o secretário-geral do P. C. P., adiantando ainda: «Os dirigentes do P. S. continuam afirmando que não farão alianças nem à esquerda nem à direita. É absolutamente certo que não poderão governar sòzinhos porque não têm maioria na Assembleia da República.

Sublinhando que apoios deste tipo só podem ser dados para que o Governo realize uma política alheia aos interesses dos trabalhadores, da Reforma Agrária e das transformações revolucionárias já alcançadas, Álvaro Cunhal diria noutro passo:

«Podemos estar certos, podem estar absolutamente certos os trabalhadores, podem estar absolutamente certos os trabalhadores socialistas, que

O secretário-geral do P. C. P. terminou a sua intervenção referindo que, nas circunstâncias presentes, não há outra alternativa — «Ou se irá formar um Governo de direita do P. S. com o apoio P. P. D. e C. D. S., *ou se terá que formar um Governo assente na maioria de comunistas e socialistas que existe na Assembleia da República.*

Estamos certos de que a grande maioria dos trabalhadores socialistas e simpatizantes socialistas se pronunciam contra um Governo de direita e pela formação de um Governo de esquerda em aliança com os comunistas.

A forma de expressar esta vontade, nas actuais eleições presidenciais *não pode ser o voto que indica o C. D. S., o P. P. D. e o P. S., não pode ser o voto inútil, divisionista e sem futuro do candidato dos grupos esquerdistas, só pode ser o voto no candidato que representa a força política essencial para a defesa das liberdades e das outras conquistas da Revolução, a força política essencial, indispensável, para a formação de um Governo de esquerda* — o voto no candidato comunista, camarada Octávio Pato.»

P.P.M. EM CONGRESSO

Ficou resolvido não dar apoio a nenhum candidato

Reuniu-se no passado fim-de-semana o Congresso Nacional do Partido Popular Monárquico, que decidiu não apoiar nenhum candidato à Presidência da República, pelo menos na primeira volta do pleito eleitoral, aconselhando no entanto os seus militantes a votarem ou num dos candidatos ou voto nulo.

Outra das conclusões do Congresso revela que se continua a considerar que «a estabilidade da democracia, o progresso, a justiça e a liberdade só são possíveis através de uma monarquia democrática».

Foram também reestruturados os órgãos do PPM, tendo sido eleita a lista B que integrava Rolão Preto e Serra e Moura na presidência e vice-presidência do Congresso e Henrique Barrilaro Ruas, Ribeiro Teles, João Camossa, Borge de Carvalho, Ferreira do Amaral, Filipe Coimbra e Reis Tomás, no directório.

Bomba para Otelo desactivada casualmente

FUNCHAL, 12 — Uma criança de 12 anos salvou no último sábado, a vida de Otelo e dos camaradas que o acompanhavam. Ao descobrir um fio muito comprido (cerca de 70 metros) o pequeno Sidónio decidiu levá-lo para casa e pedir ao pai que com ele fizesse uma gambiarra. Puxando pelo fio, o miúdo estava a desactivar, sem saber, um engenho com 12 quilos de dinamite colocado sob uma ponte. Cerca de uma hora e meia depois, Otelo passou por ali.

A acção providencial do Sidónio Rodrigues, verificou-se por volta das 7.30, quando tomava o caminho da escola, fazendo o percurso de Água de Pena (Santa Cruz) para Machico. O fio, encontrou-o ele no leito de um ribeiro. Recolheu-o e guardou-o debaixo de um bidão. De regresso da escola, por volta das duas datarde, apanhou o seu achado e levou-o para casa.

O pai do pequeno Sidónio, Firmo Lourenço Fernandes, tem 46 anos e é pedreiro na Matur. Ao observar o fio, verificou a existência de uma espoleta na extremidade. Dirigiu-se ao local: pequena ponte sobre um riacho, a cerca de trinta metros da ponte do seixo, que divide Santa Cruz de Água de Pena e onde passa a estrada que liga Machico ao Aeroporto e ao Funchal.

Debaixo da ponte, Lourenço Fernandes viu o que calculou ser um grande engenho explosivo. Dirigiu-se à estrada e fez parar um carro. Pediu que chamassem as autoridades. Pouco depois, chegava um polícia, de táxi.

Na presença do agente, o Fernandes desenterrou o volume, que, colocado sob a ponte, apanhava a faixa de rodagem Machico/Funchal. Cheirou-lhe a dinamite.

O volume tinha as medidas 40X20X15 e um peso aproximado dos 12 quilos.

PARA OTELO COM MUITOS ABRAÇOS

Tratava-se de uma grande caixa de cartão, envolvida em largo adesivo de cor parda.

Num dos lados, o humor negro dos autores da façanha. Estava escrito: «Isto é para o major Otelo Saraiva de Carvalho, com muitas saudades e abraços. Boa viagem. Brima».

Recorda-se que BRIMA é a sigla das brigadas «revolucionárias» dos separatistas da Madeira, chamadas também «o braço armado da FLAMA».

Entretanto, informações confiadas ao «D. L.» fazem supor que bastavam dois quilos de dinamite para que a ponte fosse pelo ar. O engenho pesava doze quilos, o que não deixa dúvidas, quanto à intenção dos separatistas fazerem um massacre.

Outro facto evidente: a tragédia só foi evitada porque, ao pequeno Sidónio Rodrigues, aquele parecia ser o fio ideal para o pai fazer uma gambiarra.

Não há conhecimento de qualquer detenção.

Trabalho

Estaleiros ao serviço da renovação das frotas

— querem os trabalhadores da Lisnave

Considerando, designadamente, que «a frota mercante nacional se encontra num estado lastimoso» e que «o mesmo se pode dizer sobre a frota pesqueira, o que é tanto mais grave quanto é ser o sector das pescas fundamental para a economia portuguesa», os trabalhadores da Lisnave, em assembleia geral, aprovaram uma proposta a entregar ao Presidente da República, Conselho da Revolução e Governo, na qual se exige que este último órgão defina claramente «os seus propósitos quanto à renovação e ao desenvolvimento das frotas nacionais, mercante e de pesca, bem como ao desenvolvimento e criação de toda uma gama de indústrias afins»

Para tal, o texto aprovado aponta a necessidade de serem traçados planos de desenvolvimento de todos os sectores industriais, de renovação da marinha mercante nacional, de renovação e reapetrechamento da frota pesqueira, portuguesa, e de ocupação dos estaleiros portugueses, no mínimo até 1980.

Os trabalhadores da Lisnave fazem notar, no texto aprovado que, «ao contrário do que tem acontecido em outros países, a indústria naval não tem servido para o desenvolvimento de outros sectores da indústria portuguesa, não se criando, assim, novos postos de trabalho». Por outro lado, sublinham que, apesar de Portugal ter assinado os acordos internacionais nos quais se prevê que o transporte de mercadorias, importação e exportação seja feito em navios dos países signatários numa percentagem entre os 40 e os 60 por cento, os navios nacionais só transportam 8 por cento das mercadorias de que precisamos.

O DINHEIRO DOS MELLOS

Uma outra exigência apresentada pelos trabalhadores da Lisnave ao Governo consiste na nacionalização imediata do capital da família Mello, sem indemnização. Esta nacionalização é feita com base num considerando em que se refere a necessidade de retirar a «possibilidade de venda ou aliança entre os Mellos e o capital estrangeiro.»

O capital em causa situa-se à volta dos 60 a 70 mil contos (cerca de 12 por cento do capital da Lisnave), segundo informação que nos foi prestada.

EM CEBOLAIS DE CIMA

Pequena empresa em risco de fechar

— quem aproveita com a falência?

Manuela Alves

Existiam em Portugal em 1972 (data das estatísticas recentes que encontrámos) 19.859 pequenas e médias empresas, nas quais trabalhavam 576.744 portugueses. País subdesenvolvido, esta realidade não se modificou nos dois anos que se seguiram ao fascismo. Modificaram-se sim, algumas das principais condições que lhe permitiam a sobrevivência na estabilização forçada do regime de Salazar e Caetano. À beira da agonia, muitas dessas empresas debatem-se hoje com problemas gravíssimos, correndo o risco de ficar sem pão os seus milhares de trabalhadores e mais débil a indústria nacional. Este caso que nos veio parar às mãos, assim o demonstra. A quem aproveita o abandono a que as pequenas e médias empresas nacionais estão a ser votadas, pelos ventos ainda renovadores do 25 de Abril?

Mais uma pequena fábrica corre o risco de fechar, lançando no desemprego os seus 29 trabalhadores. Trata-se da «Tito Capeto Zuzarte», de Cebolais de Cima (distrito de Castelo Branco), fábrica de malhas exteriores que se pode considerar uma pequena empresa no sector têxtil, mas empresa de dimensão média no ramo específico das malhas, devido à maquinaria com que está apetrechada.

Foi fundada em 1960 pelo antifascista Tito Zuzarte, ressentindo-se nos primeiros anos da sua existência da perseguição do regime (a que não faltaram alguns anos nas masmorras fascistas) ao seu fundador. Em 66, conhecendo de novo a liberdade, Zuzarte apetrechou a sua então decadente empresa com máquinas novas que lhe deram, por seu lado, vida nova.

A fábrica desenvolveu-se; os seus produtos foram vendidos para vários pontos do País e até para as colónias. Moçambique foi um dos seus principais clientes. Comprava material sem sequer o escolher, porque a experiência lhe demonstrara que o produto da «Tito Capeto Zuzarte» não decepcionava.

25 DE ABRIL CLARIFICA SITUAÇÃO

Com o advento do 25 de Abril — e sem que isso tenha a ver com perspectivas reaccionárias, mas apenas com a realidade — esta pequena-média empresa volta a conhecer as duras horas (quantas?) da agonia.

«Já no regime fascista — explica Tito Zuzarte — a indústria de malhas nacional sofria de grande debilidade económica mas como em tantos outros sectores, alguns artificialismos iam «safando» a situação: entre eles, as exportações para as colónias, a determinação de um certo grau salarial e as injecções da Banca.

Por altura do 25 de Abril, esboçava-se uma crise no sector têxtil. A transformação que então se operou na vida portuguesa veio clarificar a situação débil e artificial deste sector industrial. A desestabilização que necessariamente se lhe seguiu acarretou a redução do poder de compra; acabaram ou diminuiram também as exportações para as ex-colónias; alterou-se o esquema de empréstimos da Banca e, por outro lado, aumentaram as tabelas salariais.

«O trabalhador deixou-se arrastar muitas vezes nas suas lutas por aquilo a que eu chamo «economicismo», prossegue o pequeno industrial antifascista de Castelo Branco. «Reivindicou aumentos salariais, pensando que dentro de um sistema capitalista poderia resolver o seu problema; quando no fundo, o que este país necessita é de uma reestruturação nas relações de propriedade. Nas suas reivindicações salariais o trabalhador afastou de si uma camada sua aliada natural na marcha para o socialismo: a pequena burguesia que, tal como o proletariado, tem como inimigo principal o grande capital».

A BANCA: QUE APOIO?

Na situação criada após a queda do fascismo, a Banca deveria ter um papel fundamental a desempenhar. Seria a grande salvadora das pequenas e médias empresas que proliferam neste país macrocefalo, durante anos acachapado à situação de «em vias de desenvolvimento».

«A Banca tem de apostar seriamente nas pequenas empresas e não se ficar apenas pelo apoio das injecções de 200 ou 300 contos», prossegue o proprietário da «Tito Capeto Zuzarte». «E o que tem feito? Sobretudo a partir de 25 de Novembro, a Banca tem retirado quase totalmente o apoio às pequenas e médias empresas, sobrecarregadas com dívidas e respectivos juros de amortização».

Concretamente no caso desta pequena empresa, o proprietário já pagou, de 1 de Janeiro a 30 de Abril, 132 contos à Banca para uma facturação de 870 contos correspondente ao mesmo período. Só de juros, o proprietário está a pagar, em média, mil escudos por dia. Isto agravado pelas discrepâncias existentes entre bancos. Por exemplo: duas letras da mesma importância vencidas no mesmo dia mas que só puderam ser reformadas alguns dias depois do vencimento, num banco foi necessário pagar 2$50 por juros de mora, e no outro, 264$00!

«Como vendemos directamente ao retalhista — explica-nos Tito Zuzarte — precisamos de ter material em armazém e, por conseguinte, dinheiro para o adquirir e confeccionar. Mas a Banca não concede empréstimos para fundos de maneio!

Resultado: sem dinheiro para comprar material, a produção necessariamente baixa. E baixa ainda porque o patrão e o seu colaborador mais próximo nos serviços administrativos, levam os dias a correr de banco para banco a explicar que não têm dinheiro para pagar os juros, para vencer as dívidas, e assim a não darem rendimento na empresa e a não orientarem o trabalho.

«Chegam-nos a dizer isto: veja lá, se não pode dar tudo, ao menos dê qualquer coisa por conta...»

Os fornecedores por seu lado, sabendo que a empresa está doente, também só vendem a pronto pagamento. No meio desta asfixia, é evidente que Tito Zuzarte não pode pagar aos trabalhadores da sua casa as tabelas salariais estipuladas no Contrato Colectivo de Trabalho. O dinheiro não chega, mas chegaria, se não tivesse de pagar só de juros, os tais mil escudos por dia.

«Esclareci já os trabalhadores da minha casa que se não lhes pago não é porque os queira explorar, é porque não tenho dinheiro. A contabilidade da minha casa está à disposição dos trabalhadores e dos dirigentes sindicais que a queiram ir verificar. Portanto, chegámos a esta situação; são os trabalhadores que estão a financiar-me.

A FALÊNCIA EM PERSPECTIVAS: E DEPOIS?

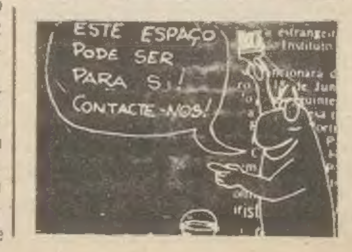
Com vista a soluções e na situação de quem toda a vida lutou contra a repressão e se encontra neste momento no que em bom português se diz «com a corda na garganta», Tito Zuzarte explica:

«A Banca tem de dar maior autonomia às gerências locais porque são elas que conhecem melhor as empresas do distrito. As gerências centrais estão a analisar os casos em termos de rentabilidade imediata: se o capital é maior que o lucro liquida-se. Ora temos que salvar as fábricas e não os empresários. Os casos têm que ser analisados um por um; a Banca tem de trabalhar em conjunto com o Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas (que neste momento não se sabe bem o que faz); tem de ouvir os trabalhadores ou os seus representantes a nível de sindicatos. Os trabalhadores devem ir até ao controlo contabilístico das empresas. Por outro lado, deve-se facilitar fusões de pequenas empresas como, por exemplo, pequenas fábricas de malhas e de fiação.»

Mas como nada disto se faz, a «Tito Capeto Zuzarte», como tantas outras pequenas empresas que são o garante do pão de muitos milhares de trabalhadores portugueses, está à beira da falência. Com um activo que representa mais do dobro do passivo, sem fundo de maneio, a situação tornou-se dramática. Em vista disso, T. Zuzarte fez em Março último uma exposição à Banca, em que demonstrou que a situação da sua casa é insustentável. No mesmo documento, pedia à Banca um determinado empréstimo e o alargamento do prazo de amortização da dívida de curto para médio (até cinco anos). O principal banco credor já respondeu «não» ao empréstimo. Quanto à transformação do prazo de pagamento da dívida à Banca, esse mesmo banco concordou na suspensão de amortizações até 31 de Dezembro deste ano, mas nessa data quer rever o asssunto. Ou seja, a doença da empresa não é debelada realmente, mas mantida em estado estacionário.

«Se daqui por um mês a empresa falir, os meus trabalhadores ficam sem trabalho e a maquinaria vai enriquecer alguém. Já sei até que por estas máquinas, pelas quais paguei 3 mil contos, um grande capitalista disse já que daria 500 contos.

Eu sei que tanto na economia capitalista como na socialista, o pequeno empresário tem tendência a desaparecer. Mas enquanto num regime capitalista desaparece falido, como trabalhador e como homem, nos regimes socialistas ele apenas desaparece enquanto classe, enquanto patrão e continua como trabalhador. E, geralmente, nas pequenas empresas, o patrão é sempre um técnico em qualquer sector e como tal tem sempre possibilidade de sobreviver. É por isso que eu digo: o pequeno industrial português só tem um caminho: libertar-se de preconceitos pequeno-burgueses e unir-se aos trabalhadores na luta. O inimigo é o mesmo: o grande capital que explora os trabalhadores e liquida o pequeno industrial, boicotando-lhe o fornecimento de matérias primas; estabelecendo preços com os quais o pequeno industrial não pode competir.»



AOS TRABALHADORES
DO SECTOR DE IMPORTADORES
E ARMAZENISTAS DE DROGAS
E PRODUTOS QUÍMICOS

C.C.T. VERTICAL E NACIONAL

COMUNICADO

Comunica-se a todos os trabalhadores que os Sindicatos signatários estão a elaborar um Projecto de C. C. T. Vertical e Nacional, que contam poder distribuir para discussão até ao fim do corrente mês.

Contacta com o teu Sindicato para acompanhares o andamento do processo.

Lisboa, 21 de Junho de 1976

PELA COMISSÃO SINDICAL

Federação Nacional dos Sindicatos do Comércio
Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas
Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Norte
Sindicato dos Engenheiros Agrários
Sindicato dos Engenheiros do Sul
Sindicato dos Electricistas do Sul
Sindicato dos Rodoviários de Lisboa
Sindicato dos Contínuos e Porteiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa
Sindicato dos Cobradores e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

Trabalho

INDÚSTRIA QUÍMICA

"Ingerência do Estado" nas comissões de trabalhadores?

Segundo as comissões de trabalhadores da CUF, Amoníaco Português, Nitratos de Portugal, Sociedade Portuguesa de Petroquímica e Sapec, um despacho recente do secretário de Estado da Indústria Pesada, impondo o controlo das despesas efectuadas pelos representantes dos trabalhadores, poderá ter uma «intervenção repressiva, de ingerência do aparelho de Estado nas organizações autónomas dos trabalhadores».

Nos termos do despacho enviado por aquele membro do Governo às empresas do sector, «deverá ser evidenciada na conta de exploração, no caso de a contabilidade dessa empresa dispor dos números respectivos, uma conta relativa à Comissão de Trabalhadores em que sejam contabilizados os custos correspondentes a tempo ocupado, despesas de deslocação e outras, referentes à acção dos membros dessa comissão».

Os trabalhadores consideram que isto levanta dúvidas, já que não estão «indicados os objectivos visados pelo controlo das despesas efectuadas pelos trabalhadores».

Daí que considerem «como hipótese altamente provável a intenção repressiva, de ingerência do aparelho de Estado nas organizações autónomas dos trabalhadores, e criadora de dificuldades à actuação das comissões de trabalhadores».

Acrescentam as CTs citadas, em documento conjunto agora divulgado: «Se os objectivos visados se inserem numa perspectiva de contenção de despesas e de política de austeridade, com as quais estamos de acordo, então, independentemente de não nos parecerem as mais indicadas as medidas propostas no despacho, haveria certamente que dar prioridade a muitas outras medidas e sectores de actividade, a começar pela própria definição, a nível governamental, de um regime de austeridade afectando fundamentalmente os mais favorecidos, que continua a ser palavra morta».

Por tudo isto, as CTs referidas exigem a imediata revogação do despacho, ou uma clarificação dos seus objectivos, recusando-se a fornecer quaisquer elementos que levem à sua concretização, sem que essa clarificação seja feita e os respectivos objectivos discutidos pelos trabalhadores.

As comissões de trabalhadores da CUF, Amoníaco Português, Nitratos de Portugal, Sociedade Portuguesa de Petroquímica e Sapec exigem, ainda a imediata publicação do diploma que regulamenta o controlo operário — direito consagrado na Constituição —, por terem verificado «como é fácil e rápido um despacho que controla os trabalhadores e se arrasta há quase um ano» esse diploma.

Transportes no Porto só em dias úteis

PORTO, 21 — Levantada a greve dos motoristas do S.T.C.P., os autocarros e tróleis voltaram a circular na cidade do Porto a partir das 4 horas da madrugada de hoje, depois de oito dias de paralisação. A suspensão da greve foi decidida durante um plenário realizado no sábado, depois de longas horas de acesa discussão. Conforme a proposta aprovada, os motoristas só trabalharão de segunda a sexta, continuando a paralisação aos sábados e domingos até que a reivindicação seja satisfeita no âmbito do contrato.

A decisão dos motoristas teve em linha de conta os prejuízos que a greve estava a causar nas «classes trabalhadoras mais desfavorecidas».

Durante o plenário foi ainda recusada a acta da reunião feita no Ministério dos Transportes no passado dia 18 com representantes dos trabalhadores e membros do Governo, segundo a qual desde 15 de Novembro até ao fim do mesmo em curso o subsídio de alimentação a pagar seria de 40$00, passando a partir do mês de Julho a ser pago por senhas. Apenas o terceiro ponto da proposta — os dias de greve poderão ser compensados com horas extraordinárias — foi aceite pelos trabalhadores.

Pouco antes da meia-noite, populares manifestaram-se junto dos serviços de recolha da Areosa, contra a greve, apedrejando o pessoal e os veículos. Dois motoristas e um mecânico tiveram de receber tratamento hospitalar e alguns autocarros ficaram danificados. Com a chegada da polícia os manifestantes foram obrigados a dispersar.

Um litígio entre o Sindicato da Estiva do Porto de Lisboa e uma cooperativa de descarragadores (a «Socitráfego») impedia, esta manhã, a descarga de mil toneladas de bananas dos navios «Funchalense» e «Gorgulho», ancorados respectivamente nos cais do Conde de Óbidos e de Alcântara. «A «Socitráfego» foi formada por patrões que, antes do 25 de Abril, exploravam os homens da estiva, e não por trabalhadores, de forma a dividir-nos nas nossas lutas e reivindicações. Colaborar com esses senhores seria, por isso, negar a nossa própria razão de existir», afirmou ao «DL» um porta-voz daquele sindicato. Como reflexo do conflito encontravam-se paralisadas no cais cerca de cem camionetas, pertencentes a armazenistas de vários pontos do País

Na margem Sul

Plenário de reformados critica falta de medidas

«Já não temos muitos mais dias a esperar», afirmou-se num plenário de reformados da Margem Sul, realizado no passado sábado na Praça de Touros do Montijo, a propósito dos pedidos de espera feitos pelo Ministério dos Assuntos Sociais, quando os reformados ali se dirigem no sentido de ser revista a sua magra pensão de 2000$00.

Ao ministro dos Assuntos Sociais foi já apresentado o caderno reivindicativo dos reformados, tendo os participantes no plenário exigido ao Governo o imediato estabelecimento de pensões de acordo com o salário mínimo nacional e condenado a atitude do Governo, especialmente do Ministério dos Assuntos Sociais. «O Governo diz-nos para esperar, porque não há dinheiro», afirmou um dos membros da Comissão dos Reformados do Montijo, eleita no plenário, que mais tarde será integrada na Comissão Nacional dos Reformados recém-constituida.

Na reunião, relacionou-se os 2000$00 que cabem por mês a cada reformado e os 2700$00 que um cão-polícia consome em carne no mesmo período. Foi também dada a informação de que a Comissão Nacional de Reformados está a trabalhar com a Intersindical para obter o apoio de todos os trabalhadores no activo que «não poderão ter a mesma sorte que os actuais reformados».

Os participantes no plenário foram ainda informados de que foi enviado um telegrama ao presidente da Organização Internacional do Trabalho durante os trabalhos daquela Organização em Genebra, em que os reformados desmascararam a actuação do Governo Português perante todo o mundo e a política seguida pelos ministros das Finanças e Assuntos Sociais, oposta às classes mais desfavorecidas.

Finalmente, foi anunciada a realização de um plenário nacional de reformados em Guimarães, no próximo dia 10 de Julho e outro em 21 de Agosto, na Baixa da Banheira.

Retalhistas de Castelo Branco iniciaram greve total

Com uma adesão de cerca de 95 por cento, os trabalhadores retalhistas do distrito de Castelo Branco iniciaram hoje uma greve total e sem prazo, com o objectivo de levarem o patronato do sector a sentar-se à mesa das negociações, a fim de serem «iniciadas conversações a sério».

A última hipótese para ser anulada esta greve que afecta, principalmente, os centros de Castelo Branco, Fundão e Covilhã, foi uma tentativa de reunião, em iniciativa da delegação do Ministério do Trabalho, que deveria ter-se efectuado no sábado, às 15 horas. No entanto, as associações patronais não compareceram.

O Sindicato dos Trabalhadores do Comércio acusava, esta manhã, o patronato, de «ter deitado mão de todos os tipos de boatos no sentido de desmobilizar os trabalhadores e voltar a população contra eles».

Para evitar que a população seja mistificada sobre os objectivos da sua luta, os trabalhadores promovem, hoje, nos principais centros do distrito, minicomícios de esclarecimento do público.

As negociações do Contrato Colectivo de Trabalho dos retalhistas de Castelo Branco foram iniciadas em Março e o Sindicato respectivo abandonou-as no passado dia 12, quando as associações patronais exigiram que as negociações prosseguissem, exclusivamente, sobre o clausulado que não respeita às tabelas salariais, questão que ficaria para o final, não sendo fixados, à partida quaisquer valores.

As greves praticadas nos dias 14 e 16, culminaram com um plenário nesta última data, em que foi aprovada uma moção determinando a greve que hoje se iniciou.

ELECTRICISTAS DA CONSTRUÇÃO

Paralisação a 90 por cento

A paralisação de «braços caidos» iniciada pelos electricistas do Sul do ramo da Construção Civil às zero horas da passada sexta-feira, regista uma adesão de cerca de 90 por cento. Segundo informação de um elemento da Comissão Negociadora Sindical, estiveram esta manhã no Sindicato, trabalhadores de uma média-empresa do sector em que a paralisação foi da ordem dos 100 por cento.

Esta forma de luta, decidida num plenário de segunda-feira passada, no Coliseu dos Recreios, em que estiveram presentes dois mil trabalhadores, visa obrigar o patronato a comparecer à mesa das negociações do CCT. Até agora, a entidade patronal não reagiu à paralisação que, segundo o mesmo elemento da CNS, só terminará quando o fim em vista for alcançado.

Depois de amanhã, às 20 e 30, efectuar-se-á nas instalações do Sindicato dos Electricistas do Sul, Avenida Almirante Reis, 74, 4.º andar, uma reunião de delegados sindicatos do sector da Construção Civil, a fim de se fazer o ponto da situação.

Sete seguradoras paralisadas no Norte

Os trabalhadores de seguros de sete companhias do Norte — quatro estrangeiras e três mistas — continuam paralisados até que as respectivas administrações ponham termo às infracções contratuais.

As empresas em questão são: João Archer; Sociedade de Representações de Seguros, SARL; agentes gerais da Phoenix e da London Garantiee, que desde 1971 infringe sistematicamente os C. .T.; La Preservatrice; The Northen; Royal Exchange, Metrópole; Europeia; Commercial Union; e Portugal.

UNICOOPE

Única central cooperativa

..Em assembleia realizada no Porto com a presença de grande número de cooperativas a Unicoope foi reconhecida como a única União de Cooperativas de Consumo existente e estudada a sua actual situação sendo considerada «urgente e necessária» a respectiva reestruturação. Foi constituido um departamento encarregado de estudos de planificação.

circuito dos 3 Alpes

uma excursão maravilhosa por um preço excepcional, visitando:

SUICA - AUSTRIA
ITALIA - FRANÇA - ESPANHA

AVIÃO ESPECIAL TAP + AUTOPULLMAN DE LUXO
PARTIDAS 12 de Julho 14 de Setembro

15 DIAS DE VIAGEM 12.600$

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telef. 32002
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37321
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITORIO DO DISTRITO DE LISBOA

Aos trabalhadores de Escritório do sector de actividade Construção Civil

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os trabalhadores de escritório do Sector da Construção Civil, para um Plenário a realizar no próximo dia 22 do corrente mês, às 21 horas, na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Situação actual do C. C. T. Vertical
2 — Funcionamento do Grupo de Trabalho de Acção Sindical

COMPARECE! PARTICIPA! NÃO FALTES

Lisboa, 15 de Junho de 1976

Pel'A DIRECÇÃO
a) Joaquim da Luz

Nacional

DEMOCRACIA AMEAÇADA PELO TERRORISMO 5

O Norte e o Centro do País têm sido cenário da maioria das acções de terrorismo que assolam Portugal.

Defendem-se os grandes capitalistas e sabotadores da economia, assaltam-se e saqueiam-se sedes de partidos políticos legalmente constituidos, mata-se, incendeia-se, agridem-se trabalhadores e homens de esquerda. Em nome da «liberdade», praticam-se os mais violentos actos de alteração da ordem democrática; em nome do «povo», insultam-se e caluniam-se as suas organizações. O direito à defesa passou a ser considerado «crime»; o assalto e o roubo passaram a constituir «direito». Nada disto era possível sem a actuação frouxa, passiva e ambígua de certas forças militares e militarizadas.

A actividade dos bandos fascistas seguiu quase sempre o mesmo itinerário: grupos de reaccionários percorriam as aldeias tentando mobilizar pessoas ao apelo de «morte aos comunistas». Gritam que vão assaltar sedes. Cercam-nas com intenções agressivas. Aparecem as autoridades que, em geral, retiram aos militantes dos partidos de esquerda as armas de defesa pessoal com que asseguram a sua defesa e a defesa da ordem pública. A seguir dá-se o assalto, perante uma autoridade que se demite das suas funções. Foi isso que se observou quase por toda a parte, encorajando os agressores a redobrarem de sanha. Por fim, já não eram só as sedes dos partidos de esquerda que os reaccionários atacavam: eram também residências, estabelecimentos, escritórios, de conhecidos antifascistas, espalhando em vastas regiões a insegurança e o terror numa escala superior à que vigorava durante o próprio regime fascista.

Grupo da direita fotografado no decorrer do assalto à sede do P. C. P. em Leiria

Os meses quentes da ofensiva da direita

AGOSTO (continuação)

12 de Agosto — Prosseguem os tumultos em Braga. Padres gritam palavras de ordem contra o P. C. P.

No Porto: incendiada na Praça da Liberdade uma barraca de vendas da UJC.

Em Viseu: depois de uma manifestação, que reúne mais de 30 mil pessoas (durante a qual usaram da palavra 2 deputados do P. P. D.), tentativa de assalto à sede do P. C. P. Os militantes comunistas defendem-se a tiro: 18 feridos, entre os quais o comandante da P. S. P. local A seguir aconteceu o que já era normal nestas circunstâncias: ao fim de muitas horas de assédio infrutífero, chegou a tropa e desalojou os defensores, deixando entrar os atacantes, que saqueiam e incendeiam o recheio do centro de trabalho. Finda a manifestação de Viseu, várias camionetas e automóveis particulares dirigiram-se para Tondela, transportando manifestantes devidamente organizados e enquadrados que se propunham como haviam anunciado, destruir as sedes do P. C. P. e do M. D. P. / C. D. E. naquela vila. Os assaltos, saques e incêndios consumam-se sem que as autoridades se dignem sequer aparecer no local.

13 de Agosto — A reacção assola Viseu: atacadas por populares as sedes da F. E. C, F. S. P, M. D. P. / C. D. E., M. E. S., P. R. P. B. R, P. U. P., U. D. P. e da União dos Sindicatos. Com maior ou menor furor destrutivo, os recheios são lançados à rua e incendiados. Tentativa de assalto ao jornal «25 de Abril» e razia na sapataria Lucas que ficou praticamente destruida.

Em Braga: Totalmente destruida pelo fogo a sede do P. C. P. Perseguição e agressões a conhecidos militantes de partidos de esquerda. Automóveis e estabelecimentos incendiados. Dos confrontos entre populares e soldados que tentam baldadamente manter a ordem resultam 50 feridos, alguns com gravidade. A maior parte dos manifestantes é constituida por adolescentes, entre os quais se misturaram rapazes dos doze aos quinze anos.

Ponte da Barca: tentativa de fogo posto e busca à sede do P. C. P.

15 de Agosto — Forte dispositivo de segurança impede assalto ao centro do P. C. P. em Montemor-o-Velho. São assaltados de madrugada os centros de trabalho do P. C. P. em Amarante e no Caramulo. É destruida e incendiada a sede do P. C. P. em Arcos de Valdevez (a sede do Clube Atlético e uma livraria situados no mesmo prédio foram, também, pasto das chamas).

16 de Agosto — «Cocktail Molotov» contra a sede do MES em Vila Nova de Gaia. Incêndios ateados criminosamente em zonas florestais de Mondim de Basto, Pedrogão Grande, Gavião, Penalva do Castelo, Condeixa e Figueira de Castelo Rodrigo.

18 de Agosto — Comício do P. C. P. em Alcobaça: a reacção provoca batalha campal. 16 feridos. Destruída a sede do P. C. P. em Angra do Heroísmo. Assaltada a sede do P. C. P. em Gondomar. Um morto e mais de vinte feridos no assalto, destruição e incêndio da sede do P. C. P. em Ponte de Lima. No Porto: cerca de cem pessoas assaltam, saqueiam e incendiam o centro de trabalho do M. D. P. C. D. E. da Avenida da Boavista.

20 de Agosto — Assaltadas em Ponta Delgada as sedes do P. C. P. M. D. P. C. D. E. e M. E. S. Após uma greve de trabalhadores contra a reacção, grupos afectos ao M. R. P. P. apedrejam em Lisboa a sede da Intersindical. Atentado bombista contra a residência de um militante sindical em Leiria. Agressões a sindicalistas e ataques a sedes de sindicatos em Mira de Aire, Bombarral, Alcobaça, Cadaval, Lourinhã, etc. Em Viseu, são saqueadas as sedes dos sindicatos de Hotelaria, Panificação, Alfaiataria, Metalúrgica, Madeiras, Construção Civil.

21 de Agosto — Jovem militante comunista espancado num café, em Barcelos, por um grupo de notórios agitadores da região. Segundo um comunicado da Comissão Concelhia de Barcelos do P. C. P., chefiavam o grupo de caceteiros Henrique Lopes Pereira e Padre Manuel.

22 de Agosto — Explode uma bomba na sede do P. C. P. em Bragança. Vaga de incêndios criminosos na região de Oliveira de Azeméis. Emissor da Madeira destruído à bomba.

23 de Agosto — Em Lamego: descobertos explosivos no automóvel de um comandante militar. Em Bragança: asaltadas as sedes do P. C. P. e do M. D. P. C. D. E. (sete feridos, um dos quais em estado grave). Depois do assalto, consumado como habitualmente em dia de mercado ou de festa municipal, repetiu-se uma cena também já habitual no Norte do País: os assaltantes atiraram para a rua os móveis e os documentos que encontraram e queimaram-nos, assim como a alguns automóveis, em grandes fogueiras.

25 de Agosto — Novo atentado bombista na Madeira contra um edifício onde funciona um centro de convívio de jovens militantes do P. C. P. Em Leiria: noite de tumultos, após uma manifestação de apoio ao Episcopado que reuniu na cidade milhares de pessoas da região. Uma multidão enfurecida, atiçada por conhecidos caciques locais, lançou-se em confrontos violentos com as forças militares, apedrejando-as, insultando-as, e chegando mesmo a alvejá-las a tiro. Assalto, saque e destruição das sedes locais do P. C. P. e do M. D. P. C. D. E. Os desmandos prosseguiram toda a noite, com agressões e tentativas de fogo posto que causaram um morto e dez feridos. Da nossa reportagem: «Às 22 horas de ontem, Leiria deixara de ser cidade, se por «cidade» entendermos um aglomerado de cidadãos ou um local onde a vida é possível a homens. Às 23 horas, de ontem, Leiria era uma contra cidade, um local onde os homens vivem em regime de medo e de desconfiança, onde se anda de porta em porta com receio das balas, as mulheres não saem de casa, as crianças ficam trancadas, onde só os boatos circulam livremente».

Violentos incêndios em vários pontos do País.

26 de Agosto — Armas e munições apreendidas em Braga. Bomba contra o centro de trabalho do P. C. P. da Areosa, no Porto. Saqueada a sede do P. C. P. em Esmoriz. Em Lisboa: bomba descoberta num centro de trabalho da F. S. P. Prossegue a vaga de incêndios. «Comandos» ocupam as instalações da 5.ª Divisão. Decidida por Otelo a ocupação? No Porto, comício P. S. pede a demissão de Corvacho.

29 de Agosto — Fogos postos numa serração de Queluz e na mata da Serra de El-Rei.

. Em Agosto, registou-se ainda o assalto e saque dos centros de trabalho do P. C. P. em Santo Tirso, Monção e Seia, do P. C. P. do M. D. P./ C. D. E. em Penafiel (a DORN denúncia como responsáveis Augusto Vieira, Zequinha da Farmácia, Ricardo Teles, António Marceneiro, Zé Ribeiro, Eduardo Ferrador, António Penas, Domingos Roscas e Zé Barbeiro), da F. E. C. e da L. C. I. em Leiria. Houve também o assalto em Oliveira do Bairro à residência de um militante do P. C. P. e bombas em Anha e em Fafe contra residências de democratas.

SETEMBRO

1 de Setembro — Incêndio criminoso reduz a cinzas pinhais, pastos e matagais ao longo do rio Alfusqueiro, numa extensão de 50 quilómetros de chamas. Mais fogos postos em Carreço, Bruçó, Fundão, Porto da Várzea e Bragança (em várias áreas, abrangendo no seu conjunto 2400 hectares).

2 de Setembro — Em Cinfães: inteiramente destruído pelas chamas um prédio onde se encontrava a sede do M. D. P./C. D. E.

3 de Setembro — Carga de trotil rebenta no Quartel-General da Madeira.

Ainda na Madeira: suspeitos surpreendidos a rondar paióis.

4 de Setembro — No Porto: transeunte descobre granada num jardim. Bomba incendiária no carro dum jornalista.

Detidos em Oliveira do Hospital três incendiários confessos: Armindo Alves Luis, António Alves Afonso e Jorge Manuel Dias Alves.

Em Vouzela: aproveitando o dia do mercado mensal, vários indivíduos de algumas freguesias do concelho concentraram-se em frente da Câmara Municipal exigindo a imediata demissão da respectiva Comissão Administrativa.

Em Faro: tentativa de assalto ao centro de trabalho do P. C. P.

5 de Setembro — Retornados ocupam o Banco de Angola.

Em Bragança: manifestação e tentativa de assalto ao Colégio de S. João de Brito, onde se encontravam instalados os militares da Campanha Maio-Nordeste.

8 de Setembro — Avionetas incendiárias no Centro do País.

9 de Setembro — Explosão de uma bomba na EFACEC do Porto.

Grandes agrários manifestam-se em Évora contra a Reforma Agrária.

Tumultos no Machico (Madeira): o bispo e o brigadeiro Azeredo contra o padre Martins.

11 de Setembro — Agredido por desconhecidos um inspector-geral do trabalho.

Bombas em Lisboa: na Embaixada de Espanha, no edifício da Royal Air Maroc e na porta das traseiras do Hotel Sheraton. Indivíduos não identificados procedem a disparos contra um elemento da P. S. P.

13 de Setembro — Ataques na região de Portalegre contra trabalhadores das herdades de Cujancas, Chanca e Alter do Chão.

15 de Setembro — Bomba no Emissor Regional da Guarda. Assalto ao Emissor de Miramar do Rádio Clube Português.

16 de Setembro — Cargas de plástico e armas descobertas no Porto, num carro de matrícula estrangeira. Fugiram dois indivíduos, mas deixaram uma pasta com elementos de identificação. Além de um verdadeiro arsenal, foram encontrados passaportes em nome de cidadãos nacionais e estrangeiros e gravações com proclamações ao País.

17 de Setembro — 10 feridos em estado grave, vítimas de recontros em Portalegre, entre agrários e assalariados rurais. Greve geral no Alentejo.

22 de Setembro — Cinco bombas rudimentares explodem em vários pontos do País (4 na região de Leiria e 1 em Cascais, na Messe de Oficiais da Armada).

23 de Setembro — De madrugada, atentados à bomba contra instalações do P. C. P. na Marinha Grande, Leiria, Juncal e Batalha.

24 de Setembro — Em Bragança: tentativa de destruição do posto (móvel) retransmissor da Emissora Nacional.

25 de Setembro — Incidente político na capela de Soure: um grupo de 22 indivíduos desconhecidos na localidade, ostentando insígnias do P. C. P. praticam actos de vandalismo na capela. Procuram confundir o povo, fazendo-o crer que aquelas acções terroristas são cometidas pelos comunistas. Não chegam a registar-se distúrbios e provocações contra a sede local do P. C. P. porque os militantes expulsam da terra os arruaceiros.

Petardo contra o centro de trabalho do P. C. P. em Vieira do Minho.

26 de Setembro — Rede terrorista do ELP descoberta em Colares. Desvendado o mistério dos explosivos roubados em Sines e do carro abandonado no Porto. Alguns detidos de «boas famílias» (ignoram-se os nomes). Encontrado numa vivenda isolada junto ao mar o possível arsenal para as explosões dos últimos dias.

Atacadas a tiro as instalações do Instituto Português de Cinema.

Em Monsanto (Lisboa): carga de plástico destrói um automóvel (três mortos).

30 de Setembro — Encontrados explosivos na residência de uma das vítimas da explosão de Monsanto.

OUTUBRO

3 de Outubro — Autocarro militar destruído por uma bomba no parque de estacionamento do Estádio da Luz.

Bomba incendiária despoletada no carro do actor José Viana.

Em Chaves: petardo no carro do dr. Maximino Cunha, um médico militante do P. C. P.

Dois petardos na Madeira: um numa residência e o outro numa viatura duma empresa de cervejas.

4 de Outubro — Detenções em Braga de dois elementos implicados no 11 de Março: Benjamim Lopes e Mira Godinho. Os detidos foram capturados no Convento de Santiago onde, ao que consta na cidade só por mero acaso (?) não foi encontrado também Alpoim Calvão. Estas prisões coincidem com a chegada de notícias àquela região, segundo as quais se prepararia a realização de uma conferência de quadros importante do M. D. L. P.e do E. L. P. destinada a impulsionar uma ofensiva simultânea do terrorismo em vários pontos do País. É do conhecimento público em Braga que decorre na região uma larga campanha de prospecção e aliciamento para as hostes terroristas de grupos de marginais, ex-comandos, ciganos e ainda retornados.

9 de Outubro — Atentados à bomba em Mirandela, contra um carro do SADA e contra o automóvel de um membro do P. C. P.

10 de Outubro — Atentado à bomba contra o carro de um elemento da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

15 de Outubro — Petardos em Fafe contra a residência de um militante do M. D. P./C. D. E. e o automóvel de um elemento do P. C. P. Rebentamento de uma carga explosiva junto à sede da L. C. I. no Porto.

21 de Outubro — De um automóvel em andamento, não identificado, é lançado um engenho explosivo contra a montra da livraria das edições «Avante», no Porto.

25 de Outubro — Rebenta-

Continua na pág. 12

Explosivos encontrados numa residência em Colares, onde o M. D. L. P./E. L. P. havia instalado uma base de apoio

Escombros de uma casa destruída à bomba, em Santo Tirso

À espera de uma resposta

Nos primeiros dias de Maio último, uma delegação de vítimas de actos terroristas, constituiida por padre Ângelo de Faria da Venda, pároco de A-ver-o-mar, Póvoa de Varzim, arquidiocese de Braga, Franquelim Fortunato Ferreira, assistente da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, José Castro, regedor, Fafe, a viúva de António Almeida e Silva, operário vidreiro assassinado, um representante do SAAL/Norte e um representante do Sindicato dos Metalúrgicos de Braga, dirigiu as seguintes cartas ao senhor Presidente da República e ao Conselho da Revolução.

SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA

«Excelência

Algumas dezenas de vítimas de actos terroristas, no Norte do País, reuniram-se no dia 3 de Abril, próximo passado, na Cooperativa do Povo Portuense, tornando público, através dos representantes da Imprensa convocados para tal, o seu propósito de exigir medidas, imediatas e decididas, para pôr fim ao terrorismo, arma dissimulada da «direita», bem como a indemnização dos prejuízos por ele causados.

É na sequência das deliberações tomadas nessa reunião de pessoas e organizações atingidas pelo terrorismo, que fazemos a presente exposição.

Excelência,

Quase já um ano decorreu sobre o início dos primeiros actos criminosos do terrorismo fascista que tenta denegrir a Revolução do 25 de Abril e calar a voz do Povo Português, ameaçando extinguir as liberdades e a situação democrática existente, o que já mesmo aconteceu em algumas zonas do País.

Durante todo este tempo, a cada nova fase da escalada terrorista, o silêncio foi a resposta das autoridades.

Mais de duzentos atentados terroristas, só no Norte do País, automóveis destruídos, danos em casas e instalações de organizações diversas, num valor que ascende a muitos milhares de contos, dão bem a imagem das consequências materiais dessa criminosa actividade.

Pessoas e organizações de «esquerda», organismos representativos ou ao serviço de trabalhadores, identificam todos estes ignóbeis atentados como sendo da autoria da «direita reaccionária, apostada em recuperar o Poder, reimplantando uma ditadura, quiçá mais sanguinária do que a que nos oprimiu, durante 48 anos.

Excelência,

Não vemos que a denúncia e consequente punição dos criminosos possa ser concretizada sem a intervenção directa e decisiva de V. Ex.ª.

Assim, solicitamos audiência urgente para uma delegação das vítimas do terrorismo fascista que, na oportunidade, farão entrega de um relatório sobre este tão importante problema nacional.

AO CONSELHO DA REVOLUÇÃO

Senhores Conselheiros da Revolução,

Consoante foi divulgado em conferência de Imprensa, realizada em 3 de Abril último, na Cooperativa do Povo Portuense, por algumas dezenas de vítimas de actos terroristas, no Norte do País, torna-se indispensável e urgente a adopção de medidas imediatas e firmes para pôr cobro ao terrorismo, arma dissimulada da «direita», e para indemnizar os prejuízos por ele provocados.

É no cumprimento destas deliberações de pessoas e organizações atingidas pelo terrorismo, que nos dirigimos a V. Exas.

Vai perto de um ano decorrido desde o início dos primeiros atentados do terrorismo fascista, que visa pôr em causa a Revolução do 25 de Abril e silenciar o Povo português, suprimindo as liberdades e a situação democrática, como já até sucedeu em algumas zonas do País.

E tem de se constatar que até agora apenas o silêncio tem sido a resposta das autoridades a cada nova vaga de actos terroristas.

Não obstante, ascendem já a mais de duzentos os atentados, apenas no Norte do País, destruindo automóveis, casas e instalações de organizações diversas, elevando a muitos milhares de contos os prejuízos resultantes dessa criminosa actividade, além de já terem causado a perda de algumas vidas.

Atingindo pessoas e organizações de «esquerda», organismos representativos ou ao serviço dos trabalhadores, tais atentados identificam os seus autores e promotores como sendo da «direita» reaccionária, que diligencia recuperar o poder, visando reimplantar uma ditadura que seria mais feroz e sanguinária do que aquela que durante 48 anos nos oprimiu.

Julgamos que a denúncia e a punição destes criminosos exige a intervenção imediata do Conselho da Revolução.

Por isso, vimos solicitar uma audiência urgente para uma delegação das vítimas, no Norte do País, do terrorismo fascista, a qual será portadora de um relatório sobre tão grave problema, que ensombra a vida nacional».

Nacional

Terrorismo ameaça democracia

Continuação da pág. 11

mento de um engenho explosivo de grande potência na Tipografia Inova, do Porto; milhares de contos de prejuízos.

Em Lisboa: rebentamento de engenhos explosivos na Casa de Angola e num automóvel de Fernando Luso Soares.

Atentados bombistas contra o Centro da Reforma Agrária de Alcácer do Sal e contra a Estação de Melhoramento de Plantas em Elvas.

27 de Outubro — Petardo contra a sede da U. D. P. na Marinha Grande.

29 de Outubro — Explosivos danificam dois automóveis no Porto: um pertencente a um membro da Comissão de Luta do CICAP/RASP e outro propriedade de um membro do P. C. P.

31 de Outubro — Atentados à bomba contra os centros de trabalho do P. C.P. em Famalicão e em Fafe.

Outros acontecimentos em Outubro: Apreensão na Reboleira de algumas toneladas de explosivos.

Tumultos no Funchal.

Em Espanha: assaltado em Barcelona o Consulado de Portugal; atentado bombista, em Sevilha, contra autocarro de turismo português.

No Porto: soldados do AMI carregam sobre metalúrgicos com granadas de gases lacrimogéneos.

Golpe reaccionário no Funchal: 70 feridos. O Emissor regional do Funchal após violenta batalha campal, é ocupado por retornados e separatistas.

Manifestação do P. P. D. junto do RASP: tiros, pedradas e feridos em Vila Nova de Gaia.

A União dos Sindicatos do Porto denuncia descongelamento de contas de responsáveis por actos de sabotagem económica.

Gases lacrimogéneos para dispersar o povo do Machico.

Populares manipulados por caciques incendeiam o Centro Cultural e Social de Fanzeres (Gondomar).

No Funchal: atentado bombista contra a sede da FEC.

Retornados assaltam a Casa de Angola em Lisboa.

Assalto à EFACEC: desaparecem 10 mil contos que pertenciam aos trabalhadores.

O DESPEJO

Dias de Melo

O homem parou junto de mim. Cabelos grisalhos, rosto encarquilhado, corpo seco e de estatura média, camisa de linho e calças de ganga, — pôs-se a contar para a mulher que me vendia fruta:

— Vê você aquela gente além, naquela rua?

A mulher levantou os olhos, atirou-os na direcção apontada, e eu, posto que o homem se me não dirigisse, também afitei para lá o nariz. De facto, um bom magote de gente, ao longe.

— É um despejo — esclareceu o homem. E pôs-se a falar, com uma indignação que de todo ele se desprendia e o fazia estremecer da cabeça aos pés.

Uma viúva. Vivia na casa de que hoje a punham na rua desde o dia em que se casara. Ali lhe tinham nascido os filhos, o mais velho, uma rapariga, de vinte anos, o mais novo, um catraio de dez. Ali sofrera as doenças deles, os inevitáveis sarampos, as gripes sempre certinhas, de quando em quando as temperaturas altíssimas, as mais das vezes sem explicação possível, — mas que levantam nos corações das mães, nos corações dos pais, ondas exacerbadas de apreensão e de pavor.

Ali vira ela o marido começar a definhar-se, corpo a emagrecer, cara e chupar-se-lhe amarelenta e afilada, uma tossezinha cavernosa a sair-lhe do peito de pele e osso. Ali assistira àquela teima dele em ir sempre para o trabalho, dia a dia mais e mais a arrastar os pés, até que de todo em todo se não pôde mais levantar e ficou para sempre no leito. Nele, ainda a luz da esperança no fogo dos olhos encovados nas órbitas roxas e ossudas — e cada vez mais roxas e mais ossudas; nele, ainda, um clarão de fé, a duvidar, animoso, das certezas do médico. Ali o acompanhara ela nessa batalha desde o princípio perdida — a tremenda batalha da vida contra a morte. Ali recebera dele o beijo frio do seu último suspiro. E o olhara metido no caixão, e o vira levado para o coval dos pobres nas mãos dos cangalheiros. E ela a viver, no coração, na carne, aquele apartamento para o país da eternidade. E a sentir, no mesmo coração e na mesma carne, o choro convulso dos filhos, tão novinhos ainda e já sem pai.

Tudo naquela casa. Tudo no meio daquelas quatro paredes. Depois, ela — mulher-a-dias a trabalhar de casa em casa, de senhora em senhora. Para que não faltasse nunca aos filhos com o migalho do pão de cada dia; para que chegasse sempre o dinheiro para a renda a pagar ao senhorio. Mas à noite, à tardinha, quando regressava — aquela era a sua casa. A casa onde a esperavam os filhos e onde ela se curava das canseiras e humilhações sofridas. A casa de onde viria a sair, casada com um emigrante, a caminho das franças e aras aganças, a filha mais velha.

Às vezes, no fim do mês, inquietava-se, por via do pagamento da renda. Acabava sempre por pagar. Acontecendo de quando em quando se demorar um nadinha, o senhorio velho esperava. Porém, o senhorio velho morreu. O herdeiro, bastante novo, não queria saber: o dia limite era o dia limite de pagar a renda. Fosse como fosse — o dinheiro tinha que aparecer.

Entretanto, começava o corpo a vergar-se-lhe ao peso da idade e das canseiras. Esquivavam-se as patroas, uma hoje, outra amanhã, de a terem ao seu serviço. Consumia-se ela na perspectiva negra de que poderia não ganhar para a renda da casa. E ainda lhe ficavam os catraios mais novinhos para vestir e alimentar. Todavia, até então lá fora indo... Uma vez ou outra, com a ajuda da filha casada e emigrada. Naquele mês é que... Ainda se chegara ao senhorio novo, a suplicar-lhe que esperasse um pouquinho mais: o tempo preciso para que viesse resposta à carta que enviara à filha. Falara-lhe ao coração. Lembrara-lhe a tolerância do seu falecido pai. Nada e...

— Lá está a vergonha daquele ajuntamento — prosseguia o homem de voz enrouquecida e presa na garganta. — Um monte de povo, uma rebanhada de polícias... tanto barulho e tanto espectáculo!... e eles para aí a dizerem que fizeram o 25 de Abril para o bem da pobreza...

Fui ver. Certo o que o homem dissera: um monte de povo, impressionantemente imóvel e calado, e um rebanho de polícias cumprindo as ordens recebidas: desalojar daquela casa a pobre viúva.

Trastes miseráveis do lado de fora da porta, em cima do passeio. Uma pobre mulherzinha no meio dos velhos trastes.

Soavam-me nos ouvidos, doíam-me no coração, a última fala do homem, murmurada de onde em onde, ali à roda, com palavras diferentes:

— O 25 de Abril...

— ... que dizem que se fez para os pobres...

Treze famílias em risco de despejo

PORTO, 21 — Treze famílias, num total de 33 pessoas, correm o risco de serem desalojadas de um prédio da Rua de Barros Lima. Na sua maioria são pessoas idosas e doentes, sem meios de subsistência. O despejo será executado até ao fim deste mês, dado que a C.M. do Porto não passou a declaração de sobreocupação pelo facto de a sublocatária já não morar no prédio. Entretanto, os inquilinos têm depositado as rendas na Caixa Geral de Depósitos.

Em ALVALADE-SADO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na PAPELARIA MARIA ADELAIDE

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos

GRUPO ELEITORAL

ELEIÇÕES PARA OS CORPOS GERENTES DO SINDICATO EM 26/6/76

VOTO POR CORRESPONDÊNCIA

Camarada:

No sentido de esclarecer todos os associados do nosso Sindicato sobre o VOTO POR CORRESPONDÊNCIA, transcrevemos o n.º 3 do Art.º 88.º dos Estatuos:

3 — É permitido o voto por correspondência desde que:

a) — A lista esteja debrada em quatro e contida em sobrescrito fechado;
b) — Do referido sobrescrito conste o número de sócio e a respectiva assinatura reconhecida pelo notário ou abonada pela autoridade administrativa;
c) — Este sobrescrito seja introduzido noutro endereçado ao Presidente da Mesa da Assembleia de Voto por correio registado.

Considerando que o encerramento da Assembleia Eleitoral será feito às 21 horas do dia 26 de Junho de 1976; informa-se que os VOTOS POR CORRESPONDÊNCIA só serão contados se derem entrada no Sindicato até às 21 horas do dia 26 de Junho de 1976, altura do encerramento da Assembleia Eleitoral. Lembramos que aos sábados não há distribuição de correio.

Recorda-se que o VOTO POR CORRESPONDÊNCIA deverá ser dirigido ao Presidente da Assembleia de Voto, o que significa que poderá ser enviado para as Delegações do Sindicato mas sempre para o Presidente da Assembleia de Voto.

Esperando que o acto eleitoral decorra com a maior dignidade, apelamos para a participação massiva dos trabalhadores na eleição dos seus Corpos Gerentes para o biénio 1976/78.

NO ACTO DO VOTO É INDISPENSÁVEL QUE TRAGAS O TEU CARTÃO

Lisboa, 16 de Junho de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Alexandre Pereira Peres

BOA COLOCAÇÃO COM BOM VENCIMENTO

Obterá se frequentar os Cursos que se iniciam no PRÓXIMO DIA 28 de JUNHO, de:

★ PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES nas linguagens COBOL — RPG II — ASSEMBLER
★ PERFURAÇÃO E VERIFICAÇÃO IBM (individual)
★ DESENHO DA CONSTRUÇÃO CIVIL
★ MEDIDOR ORÇAMENTISTA CONST. CIVIL
★ DECORAÇÃO DE INTERIORES ★ DESIGN
★ CONTABILIDADE
★ CONTABILIDADE INDUSTRIAL E GESTÃO ORÇAMENTAL
★ GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
★ RELAÇÕES PÚBLICAS ★ PUBLICIDADE
★ MARKETING ★ TÉCNICA DE VENDAS
★ SECRETARIADOS ★ HOSPEDEIRA DE TERRA E AR

O ÚNICO INSTITUTO QUE ASSEGURA ESTÁGIO

Proporcionamos-lhe ainda:

- BOLSAS DE ESTUDO EM INGLATERRA, FRANÇA E ESPANHA
- RECONHECIMENTO OFICIAL DOS CURSOS EM PORTUGAL E EM DIVERSOS PAÍSES DA EUROPA E AMÉRICA
- UMA CARREIRA PARA OS QUE A NÃO POSSUEM
- UMA ACTUALIZAÇÃO INDISPENSÁVEL PARA TODOS

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

Rua Nova do Almada, 81, 3.º — LISBOA
Tel. 32 55 77 — 37 10 32

Pela 1.ª vez em Portugal
— CURSOS DE FÉRIAS —
de Junho a Outubro, em 1, 2 ou 3 semanas
Incluindo AULAS E ALOJAMENTO

Estrangeiro

Um autocarro incendiado por manifestantes negros, nos arredores de Joanesburgo, na semana passada. Distúrbios raciais custaram a vida a 128 pessoas, segundo as autoridades sul-africanas. Hoje, verificaram-se novos tumultos, desta vez na região de Pretória, tendo morrido duas pessoas (Foto UPI)

SEGUNDO SONDAGENS

Comunistas e D.C. a par nas eleições italianas

ROMA, 21 — (R) — Mais de três quartos dos 40 milhões de eleitores de Itália tinham já votado, poucas horas depois de abrirem as urnas, durante a mais importante consulta que se efectua no país, há 30 anos.

Espera-se que a afluência total às assembleias de voto ultrapasse os 90 por cento após o eleitorado escolher se o Partido Comunista, o mais forte da Europa Ocidental, deve voltar ao Governo, pela primeira vez, desde os gabinetes de coligação do fim dos anos 40.

As sondagens à opinião pública, divulgadas ontem, à última da hora, indicavam os dois principais partidos, o Comunista e o Democrata-Cristão, que ocupa o poder, como achando-se lado a lado, embora alguns comentadores previssem que os partidos de esquerda poderiam juntos conseguir mais de 50 por cento do sufrágio nacional.

Aguarda-se que os primeiros resultados sejam anunciados cerca de quatro horas depois da votação terminar, às 14 horas locais (13 de Lisboa), conhecendo-se já tendências firmes à noite. A rede de Televisão Nacional transmitirá previsões de computadores, baseadas nos primeiros resultados.

Os comunistas têm pressionado para que um Governo de coligação de emergência assuma o poder, após as eleições, mas os democratas-cistãos afirmam que boicotarão qualquer gabinete que inclua o P.C.

Um dos maiores receios, particularmente nos meios económicos, é o de que a consulta às urnas não forneça qualquer resultado concreto e conduza a novos meses de incerteza política.

Os números de votação eram ontem, à noite, ligeiramente inferiores aos registados, na mesma altura, nas últimas eleições gerais, há quatro anos. Contudo, não se pensa que isso seja politicamente significativo, o bom tempo que fez no fim da semana parece ter feito com que muitos eleitores se ausentassem dos lares para ir para a praia ou para o campo.

Não foram anunciados incidentes durante a afluência a mais de 73 000 assembleias de voto e a única vítima foi um cardíaco, de 72 anos, que faleceu no leito de um hospital quando tentava preencher um boletim.

Mais de 120 000 soldados e polícias guardaram as assembleias de voto, ministérios e outros edifícios importantes para os proteger de ataques terroristas.

Quatro pessoas perderam a vida durante a campanha eleitoral e registaram-se receios de mais violência durante a ida às urnas.

Enrico Berlinguer, secretário do P.C.I., viu-se cercado por jornalistas e fotógrafos quando foi votar, perto da sua residência em Roma, ontem, de manhã. O seu único comentário foi: «Espero que os italianos votarão sem receio de mudança, que se tem tornado cada vez mais necessária para a nossa pátria».

O «NEW YORK TIMES» COMENTA

NOVA YORK, 21 — (FP) — O «New York Times» considera «bastante provável» que «confusão e os compromissos» continuarão a prevalecer em Itália após as eleições, mesmo no caso de a posição dos comunistas sair reforçada.

No entanto — acrescenta o jornal — «os Estados Unidos e os seus parceiros europeus não terão outra opção racional que não seja conformarem-se com o resultado das eleições e tentarem cooperar, no interesse comum, com o Governo que emergir, qualquer que ele seja.

«Pareceu pouco avisado da parte do secretário de Estado Henry Kissinger e de outros dirigentes da Aliança Atlântica alertaram publicamente os italianos contra a eventualidade de votarem comunista. Até mesmos os democratas-cristãos, que solicitaram tais advertências, chegaram manifestamente à conclusão de que as mesmas eram estéreis», observa o «New York Times».

«Os italianos não precisam que alguém de fora os faça compreender os graves riscos que a sua democracia de trinta anos pode correr se colocarem os comunistas no Governo. É lícito esperar que nesta eleição, a mais crítica do período do após-guerra, se decidam a dar aos vacilantes partidos democráticos uma nova oportunidade e que estes partidos consigam encontrar uma «chefia» que os conduza a uma renovação nacional, sem que haja necessidade de recorrer a soluções totalitárias», conclui o jornal nova-iorquino.

FELIPE GONZALEZ: HIPÓTESE UTÓPICA

HAVANA, 21 — (FP) — Ao terminar a sua visita de três dias a Havana, o secretário-geral do Partido Socialista Operário Espanhol, Felipe Gonzalez, declarou que era utópico crer numa Itália governada pelo comunista Enrico Berlinguer, com 51 por cento dos votos. Tal hipótese já é viável, no entanto, em França com François Mitterrand — acrescentou o dirigente espanhol.

Numa conversa com os jornalistas, Felipe Gonzalez disse que o seu partido reclama uma alternativa democrática para Espanha, a qual implica a liberdade para todos os partidos políticos sem excepção e a transferência da soberania para o povo, através de eleições constituintes. O dirigente espanhol cirticou igualmente o referendo que o Governo projecta realizar no mês de Outubro.

Convidado pelo Partido Comunista Cubano, Felipe Gonzalez avistou-se em Havana com Fidel Castro e outros membros do Governo.

Partidos Socialistas espanhóis constituem-se em Federação

MADRID, 21 — (ANOP) — Sob o lema de «um socialismo unitário autogestionário e autónomo» terminaram ontem as jornadas constituintes da Federação de Partidos Socialistas, que decorreram num colégio do bairro operário de Madrid.

Com a presença de cerca de mil pessoas, delegados dos diversos partidos regionais que se autodissolveram para dar lugar à Federação que oficialmente nasce hoje, foram apresentados os principais temas do programa destas jornadas, importantes a todos os níveis para as forças socialistas espanholas e pelo facto de se realizar livremente e com divulgação na Imprensa.

Não se verificou qualquer incidente, a não ser ao findar a reunião da manhã, quando falavam representantes de outras organizações políticas espanholas, socialistas ou não, como da Organização Revolucionária dos Trabalhadores, Partido Comunista, Partido do Trabalho, do Movimento Democrático das Mulheres, Frente de Libertação da Mulher e Colectivo Feminista, além de organizações operárias como comissões «Obreras», União Sindical «Obrera», União Geral dos Transportes, e os polícias presentes como observadores, tentaram suspender o acto, sem que o conseguissem.

Durante estas jornadas, foram aprovados os estatutos da Federação. Além do lema do «socialismo unitário, autogestionário desde cada nacionalidade e região», constituiram pontos importantes deste encontro uma proclamação a favor da ruptura democrática e um não rotundo à participação ou aceitação da Lei de Associação Política, recentemente aprovada, que foi considerada discriminatória e uma tentativa de dividir a oposição.

Outra linha continuamente definida ao longo destas jornadas foi a ideia de que «a ruptura com o socialismo histórico, tanto no plano interno como na actividade internacional, é a única maneira de situar a luta por um socialismo nas coordenadas que vão dar-se nos próximos anos» — como afirmou Joan Garces numa das exposições.

A Federação dos Partidos Socialistas proclama-se independente e propõe a união de todos os socialistas espanhóis e integra correntes de um socialismo marxista de esquerda.

DON JUAN HOSPITALIZADO

BARCELONA, 21 — (FP) — O chefe da Casa Real de Espanha, don Juan de Borbon, deu entrada, no sábado, na Clínica do Doutor barraquer, em Barcelona, para uma intervenção cirúrgica.

Don Juan, que chegou de avião, vindo da sua residência portuguesa, no Estoril, perto de Lisboa, sofre de descolamento da retina.

Caleidoscópio

BONA, 21 — (R.) — Chegado ontem à Alemanha Ocidental, o primeiro-ministro da África do Sul, John Vorster, discursa hoje numa conferência dos embaixadores do seu país, que se efectua em Bona e que se espera seja dominada pelas críticas cada vez maiores à política de «apartheid» do Governo de Pretória.

A sessão de dois dias de enviados da Europa, América do Norte e Médio Oriente é um prelúdio diplomático das conversações que Vorster terá na Baviera, na quarta e na quinta-feira, com o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger. O futuro da África Austral, governada por brancos, será também o tema principal dessas conversações.

■ PARIS, 21 — (R.) — O secretário de Estado norte-americano travou hoje, ao pequeno almoço, conversações com o presidente Valéry Giscard d'Estaing, que se esperava fossem dominadas pela crise no Líbano e os últimos acontecimentos na África do Sul.

Henry Kissinger veio a pé desde a residência da Embaixada norte-americana, que fica perto, até ao Palácio do Eliseu.

O chefe da diplomacia norte-americana discursa hoje perante ministros dos Negócios Estrangeiros e das Finanças do mundo ocidental, revelando a opinião de Washington acerca da economia do Globo e das relações entre países ricos e pobres.

O secretário de Estado chegou a Paris, ontem, à noite, vindo de Washington, iniciando uma viagem à Europa que incluirá conversações com o primeiro-ministro sul-africano, John Vorster, sobre o futuro da África Austral.

■ BEIRUTE, 21 — (R.) — A grande maioria dos ocidentais em Beirute preferiu permanecer aqui na esperança de que poderão ser evitados os receados recontros de rua entre comandos palestinianos fortemente armados e tanques sírios.

A Imprensa esquerdista libanesa tem publicado numerosos avisos de que o presidente sírio, Hafez Assad, ordenará às suas forças que invadam a cidade.

Mas apenas 263 ocidentais — menos de um décimo da população ocidental que resta agora aqui — preferiram partir ontem quando os Estados Unidos organizaram uma evacuação por via marítima para Atenas.

■ PARIS, 21 — (R.) — Os Estados Unidos aceitam com agrado uma proposta francesa para a realização de uma conferência de paz destinada a solucionar a crise libanesa — declarou hoje o secretário de Estado Henry Kissinger, em Paris.

Falando para os jornalistas após conversações com o presidente francês, Valéry Giscard d'Estaing, Kissinger disse: «Aceitamos com satisfação qualquer método que leve a paz ao Líbano.»

«Se as várias facções puderem reunir-se em Paris, aceitaremos isso certamente com agrado, especialmente em face do histórico papel da França naquela parte do mundo» — acrescentou Kissinger.

Estado de emergência na ilha de Jamaica

KINGSTON (JAMAICA), 21 — (R.) — Forças de segurança detiveram cinco membros do Partido Trabalhista da Jamaica (J. L. P.), na oposição, entre os quais o director de relações públicas do partido, ao abrigo de um estado de emergência recentemente anunciado em Kingston.

Um total de nove pessoas já foram detidas até agora na declarada campanha do Governo para pôr termo às violências que já causaram mais de 70 mortos na Jamaica este ano.

Um membro do Partido Nacional Popular, governamental, Edwin Singh, foi também levado de sua casa sob custódia no sábado à noite e reunido aos outros num centro de detenção no quartel-general da força de defesa da Jamaica.

Os cinco elementos da oposição detidos incluem o director de relações públicas do J. L. P., Ray Miles, um potencial candidato eleitoral e organizador do partido.

Embora o estado de emergência por tempo indefinido não tenha afectado a vida social ou restringido os movimentos, os hoteleiros manifestaram o receio de que a indústria turística do país, a sua maior fonte de divisas estrangeiras depois da bauxite e do açúcar, pudesse ser seriamente prejudicada.

Entretanto, a Liga de Libertação dos Trabalhadores (marxista) manifestou o seu apoio ao estado de emergência anunciado no sábado, declarando que «até agora os inimigos da Jamaica no Governo dos Estados Unidos e na própria Jamaica foram surpreendidos e estão ainda a pensar o que irão fazer».

PUB

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

REPARTIÇÃO TÉCNICA

CAMINHO MUNICIPAL 1134, DE VILA CHÃ A PALHAIS

ANÚNCIO

Faz-se público, de harmonia com a deliberação de 2 do corrente mês, que está aberto concurso público para adjudicação da empreitada acima mencionada.

Base de licitação ...... 770 342$00
Depósito provisório ... 19 259$00

Alvará de empreiteiro — 1.ª subcategoria da 4.ª categoria e na classe correspondente ao valor da proposta.

As propostas devem ser entregues no prazo de vinte dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República» e a sua abertura terá lugar na primeira reunião da Câmara que se seguir ao termo do prazo fixado, pelas 21.30 horas.

O programa de concurso e o caderno de encargos estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Repartição Técnica desta Câmara.

Barreiro, 11 de Junho de 1976

PELA COMISSÃO ADMINISTRATIVA
Nuno Bernardo Nobre Soares

Espectáculos

Novos discos: vários gostos

[illegible]

★ Paloma San Basilio (b... bonito, por sinal) apresentada por Rafael Trabucchelli em

... mal) ... nas ... boetas.

★ ... em «Recordações» ... de Mário ... e «Meu desejo» ... música de sua autoria ... dam a penetração de Fontana junto das massas populares latino-americanas.

... José Francisco ... Marcelo e, ainda, ... e a voz de Joaquim Pinto.

★ Cá da terra: o Rancho das Rendilheiras da Praça em quatro composições. Os nomes: «Rendilheiras, rendilheiras» (F. Cunha-C. de Vilas Boas) e os trechos populares «Noites da praça», «Cantar sempre» e «O nosso vira».

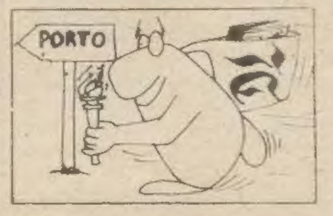
★ Com uma capa erótica, Brian Holland em disco de dois trechos: «Super woman» («You ain't no ordinary woman») e «Let's get together». Holland faz tudo: menos posar para o invólucro do acetato, papel reservado a uma morena muito sensual.

★ Emmanuel Booz em «Chanson liberte» e «Et l'on m'appelle Emmanuel Booz», poesias e harmonias de sua lavra.

★ Os três mocetões da «La charanga del tio Honorio» exibem-se em duas canções da tripla Herrero-Escolar-Seijas: «Hay que levalo» e «El oni...». «Rock» espanhol num grupo de aldeia, amigos e compadres.

★ Um álbum que reputamos verdadeiramente sensacional: «Conciertos», pela orquestra dirigida por Waldo de Los Rios. Dez melodias espectaculares: de Beethoven (concerto para piano e orquestra, n.º 3 em dó menor), Marcello (concerto para oboé e orquestra, em ré menor), Rachmaninoff (concerto para piano e orquestra n.º 2, em dó menor), Vivaldi (concerto para guitarra e orquestra, em ré maior), Chopin (concerto para piano e orquestra, n.º 1, em mi menor), Haydin (concerto para trompete e orquestra, em mi bemol maior), Mozart (concerto n.º 20, para piano e orquestra, em ré menor K 466), Bach (concerto de Brandenburgo n.º 2, em fá maior), Tchaikovsky (concerto para violino e orquestra, em ré maior) e Gershwin (concerto para piano e orquestra, em fá maior). Como solistas, podem escutar-se Ernesto Bitetti, José Ortiz Soriano, Karoo d'Auria, Miguel Saez, Sanny, Jesus Corvino, Lopz del Cid, Andres Carreres e o próprio Waldo de Los Rios.

★ Ray Conniff e os seus coros: «Please mr. Pelase», «Midnight blue», «Rhinestone cowboy», «Wildfire», «Feelings», tema para «Paper tiger» (My Little friend), «I'm sorry», «At seventeen», «Solitaire», «Love will keep us together» e «How sweet it is (To be loved by you)». A solista deste álbum é Jackie Ward, estando Ray Conniff também presente em solos de trombone.



MINISTÉRIO DA MARINHA

TESOURARIA

CONSELHO ADMINISTRATIVO DA ADMINISTRAÇÃO CENTRAL DA MARINHA

CONCURSO PÚBLICO 1/76

AQUISIÇÃO OU ALUGUER DE EQUIPAMENTOS DE INFORMATICA

Dá-se público conhecimento que está aberto Concurso Público para aquisição ou aluguer de, pelo menos, seis unidades para colheita de dados sobre suporte magnético, tipo monoteclado e respectivo conversor com barras de 9 canais, 1600 ou 800 BPI'S, se as unidades o exigirem.

O caderno de encargos está à disposição dos concorrentes, na Secretaria do Conselho Administrativo da Administração Central da Marinha (CAACM), — Ministério da Marinha — Praça do Comércio — nas horas normais de expediente.

As propostas devem ser entregues na Secretaria do CAACM, nos termos das condições gerais do concurso, até às 17 horas, do dia 26 de Julho de 1976.

A abertura das propostas terá lugar pelas 15.30 horas do dia 27 de Julho do CAACM, em acto público.

Lisboa, 14 de Junho de 1976

O SECRETÁRIO-TESOUREIRO,

Alfredo de Jesus Espinha
Cap. Ten. AN

EXISTÊNCIA DE 3 ESTABELECIMENTOS

MOBÍLIAS, MÓVEIS SOLTOS, ESTOFOS
MODERNOS E DE ESTILO, ADORNOS, CARPETES, LOIÇAS, VIDROS, QUADROS, ETC.

ELECTRODOMÉSTICOS
MÁQS. LAVAR LOIÇA E ROUPA, FRIGORÍFICOS, TV., RÁDIOS, FOGÕES, ESQUENTADORES, ETC.

CONFECÇÕES, PRONTO-A-VESTIR
P. HOMEM, SENHORA E CRIANÇA, DAS MELHORES MARCAS MUNDIAIS

ARTIGO NOVO — IMPORTANTE

LEILÃO

POR MOTIVO DE ENCERRAMENTO, CONCENTRAMOS NO N/ AMPLO SALÃO, PARA VENDA PELA MAIOR OFERTA

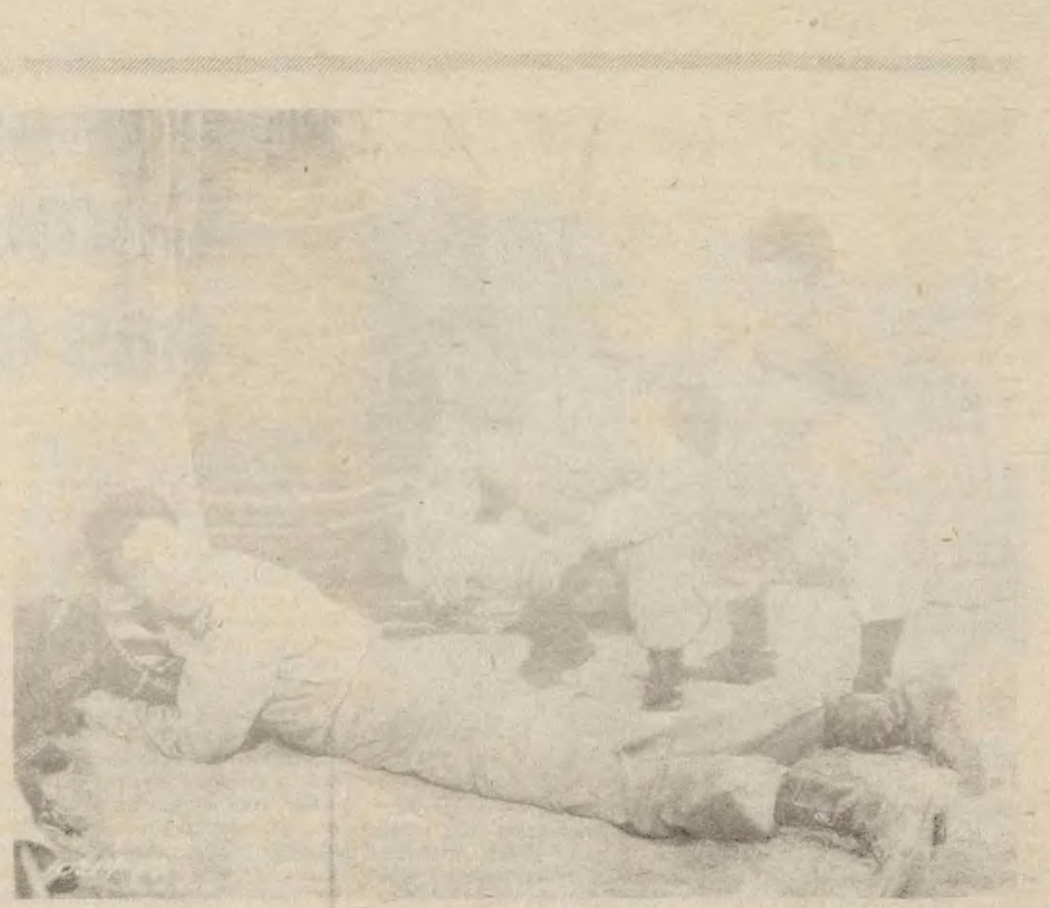
AMANHÃ E SEGUINTES, DAS 15 ÀS 19 HORAS

AV. CASAL RIBEIRO, 17 — LISBOA

E ENORME VARIEDADE DE ARTIGOS INDISCRIMINÁVEIS.

EM EXPOSIÇÃO AMANHÃ, DAS 10 ÀS 13 HORAS

SOC. DE LEILÕES AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº 1 Telfs. P.P.C. (9 Linhas) 532929 - 51478 - 47018/9 AFRA FILHOS, Lda



Um Jerry Lewis menor

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

Título original: THE SAD SACK
Realização: George Marshall (USA - 1957)
Argumento: Edmund Beloin e Nate Monaster, «segundo personagem de banda desenhada» de George Baker
Fotografia (vistavision): Loyal Griggs
Música: Walter Scharf, canção tema de Hal David e Burt Bacharah
Montagem: Harold Lewis e Winston Leverett
Interpretação: Jerry Lewis (Meredith Bixby), David Wayne (cabo Larry Dolan), Phyllis Kirk (major Shelton), Peter Lorre (Abdul), Jose Manteli (soldado Stan), Liliane Montevecchi (Zita), etc..
Distribuição em Portugal: Sonoro filmes
Cinema: APOLO 70
Classificação: para todos
Duração: 98 minutos

"O herói do regimento" de George Marshall

Jerry Lewis mesmo nos seus filmes menores, como é indubitavelmente o caso, continua a fazer acorrer o público. Só assim se pode explicar esta reposição de uma película com quase vinte anos e de que nada, senão o nome de Jerry Lewis, se poderá guardar na memória. E, de novo, não é a ele que se devem assacar responsabilidades.

Tendo abandonado, nesse mesmo ano, a sua ligação cinematográfica com Dean Martin, logo os produtores acharam indispensável arranjar-lhe substituto, aqui David Wayne, o «normal» americano em oposição a Lewis. Tendo já no activo alguns grandes filmes (como **Pintores e raparigas** ou **Um espada para Hollywood**) e apenas a três anos de irromper como realizador com **The bellbou**, eis que o vemos às voltas com um argumento **standard** sem inventiva, onde os **gags** são quase sempre falhados e a única coisa que sobra é Jerry Lewis a tentar mudar uma rota inexorável.

Em **O herói do regimento** o personagem de Lewis é mais a exploração do «pateta» que a sua utilização com um potencial corrosivo, é mais a tentação de dar sempre ao filme um ar natural do que tentar explodir com um universos em oposição. E não fora Peter Lorre num secundário beduíno e um ou outro raro achado (como a cena em que Lewis exibe os seus conhecimentos de judo) e estaríamos em pleno sorriso amarelo.

Da realização nada a dizer senão que se trata de um trabalho funcional de um sólido funcionário hiperprodutivo, o veterano Marshall. Que se limita a assinar honestamente o ponto.

Na carreira de Jerry Lewis, um ponto de obscuridade, quase quase lamentável.

Miklos Jancsó chega amanhã

O cineasta húngaro Miklos Jancsó, um dos nomes mais importantes do cinema contemporâneo, chegará amanhã a Lisboa, a convite da Direcção-Geral da Acção Cultural, devendo permanecer entre nós até ao fim da semana.

Durante a sua estada em Portugal será apresentado no Teatro S. Luís o filme «Salmo Vermelho», que Jancsó realizou em 1972.

Jancsó, que se estreou no cinema, como realizador, em 1954, com a curta-metragem «Um Outono em Badacsony», é o autor de vários filmes considerados de alta qualidade, alguns dos quais foram já exibidos entre nós. A sua última realização, há dois anos, é «Electra».

Antes de enveredar pelo cinema, Miklos Jancsó estudou Direito, História de Arte e Etnologia, e fez parte de um grupo de danças e cantares folclóricos. Diplomou-se pela escola de cinema húngara em 1950, tendo começado por trabalhar num estúdio de actualidades e documentários.

TEATRO ABERTO

grupo 4 apresenta

TODAS AS NOITES ÀS 21 e 45
Sáb. e Dom. também às 15 e 30 (Pr. reduzidos)
Descanso às 2.as Feiras

UM NOTÁVEL ESPECTÁCULO

PALMA DE MAIORCA

Partidas todos os Domingos de 11 de Abril a 20 de Setembro

8 dias desde
5.225$00

15 dias desde
6.560$00

Incluindo viagem aérea LISBOA/PALMA DE MAIORCA/LISBOA. Alojamento em Hotel ... em regime de pensão completa. Transporte aeroporto/hotel/aeroporto. Descontos especiais para crianças. Assistência permanente por um delegado da BUISSON

CONSULTE
BUISSON
VIAGENS TURISMO
RUA BRAAMCAMP, 15 D
Tels. 40459 ...
Telg. BUISTOUR Telex 12762
UMA AGÊNCIA ... COM MAIS DE ... ANOS DE EXPERIÊNCIA

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

ATÉ AO LAVAR DOS CESTOS É FUTEBOL

Foi no último segundo. Precisamente no último. Quando já nada mais havia a não ser o último. Só que o último não era o último. O último não era senão a véspera do recomeço.

Todos os telespectadores viram. Os checoslovacos tinham o jogo no papo. Merecidamente. Mais uns segundos, apenas mais alguns segundos e tudo estaria terminado. Faltava precisamente, aos segundos, o último.

Só que não foi o último. O desporto é assim: com os seus golpes de teatro. O desporto é assim, como todos os seres vivos. Todos os seres vivos são capazes de um golpe de teatro.

Por isso a vocação da TV é tão violentamente a emissão directa. A vida que corre ainda não fixada, inerte, para sempre o crítico pode faltar a tudo. Só não pode faltar a um directo, porque só aí algo de novo acontece, algo de imprevisto.

Também na vida não há, com segurança o último segundo. O último segundo é sempre a véspera do segundo seguinte.

A PAUSA

Ganhou a Checoslováquia. A República Socialista da Checoslováquia colecciona, no âmbito do desporto, mais um motivo de satisfação. É bom amar-se o desporto como expressão de vitalidade, de afirmação, de auto-superação, de alegria de viver. Quando o desporto já não é a consagração individual na relva, a promoção do venha-a-mim, a alienação, o biombo da realidade.

A Checoslováquia ganhou. O alemão federal falhou a sua penalidade. Deita as mãos à cabeça. Os milhares de marcos que se perderam, os amigos prejudicados, o seu «bom nome» profissional perdido, ou manchado...

os companheiros dão-lhe pancadinhas nas costas. Abraçam-no. Pausa na relva para um gesto humano.

NA ESCALADA

De súbito, o Nuno Brás alcandorado a relator desportivo dos grandes encontros internacionais. Enviado especial a Belgrado, e tudo. Não há massa para mandar um repórter à Itália, ao Líbano, à África do Sul, a Angola para o julgamento dos treze criminosos, perdão, dos pobres treze homens, coitadinhos que não fizeram mal nenhum, tinham ido a Angola para um safari inocente...

Não há. Mas há para enviados especiais aos futebóis. Um enviado especial com brutais desarrincanços como este: a lotação do campo estava longe de se esgotar, mas se jogasse o clube da casa, o Estrela Vermelha, de Belgrado, certamente haveria mais espectadores...

Um enviado especial que, enquanto o jogo decorre, enquanto um jogador checo se magoa, se entretém a contar-nos a vida de Muller, desde pequenino...

Assim prossegue, na televisão, a escalada de incompetência. Que é a outra face da escalada da violência.

PEQUENOS GESTOS

Uma das grandes estrelas do desafio, não jogou. Não chegou sequer a entrar em campo. Refiro-me a Portugal.

Portugal, em grandes letras, publicitado. Portugal *Férias, Hollidays, Urlaub, Vacances.*

De Belgrado, vem a nota simpática. Ali se apregoa a beer belga, os rowenta, o queijo holandês, os electrodomésticos, mas o grande espaço é para o nosso país. PORTUGAL. Férias em Portugal. Ajudemos Portugal.

Pequenos gestos, grandes significados.

VIVA O PROGRESSO!

Nisto de turismo português, também entre nós já se vai fazendo alguma coisa. Com as ligações aéreas, por exemplo. Hoje já se pode ir de avião, a três mil metros de altitude, até Chaves, Bragança, Sines, Portimão e mais não sei onde.

Parece que isto faz muito bem ao turismo. Como as ligações por terra não eram prai muito famosas, zás!, pregaram-lhe com as viagens aéreas. Agora, sim. Agora as ligações são rápidas, fáceis, cómodas.

Diz-se na televisão: **Largas camadas de população não conheciam o seu próprio país...**

Pois não. Chatice. A incomodidade, a deficiência nas ligações terrestres e, não esquecer, a situação precária das classes mais desprotegidas. Ah, mas isso vai remediar-se, compadre. Agora sim. Agora as classes mais desprotegidas vão deixar de cometer o crime de desconhecer a pátria. Agora, sim, agora com as carreiras aéreas.

Certo que, para Chaves, cada viagem simples custa 1 150$00. E se eu, por exemplo, quiser ir a Bragança, pago um conto e duzentos, almoço, passeio, assisto e ajudo ao incêndio de mais uma sede de um partido progressista e regresso **ainda** no mesmo dia.

É cómodo. E baratíssimo, para o efeito. Viva o progresso na nossa terra!

O dia dos candidatos

NA TELEVISÃO

Pinheiro de Azevedo, às 21 horas; **Otelo Saraiva de Carvalho,** às 21.07; **Ramalho Eanes,** às 21.15; **Octávio Pato,** às 21.22.

NA RÁDIO

Radiodifusão Portuguesa — **Otelo Saraiva de Carvalho,** às 13.30; às 18.45 e às 19.25; **Ramalho Eanes,** às 13.40, às 18.55 e às 19.25; **Octávio Pato,** às 13.50 e às 19.05; **Pinheiro de Azevedo,** às 19.15.

Emissora Regional do Norte (Porto) — **Octávio Pato,** às 21.20; **Otelo Saraiva de Carvalho,** às 21.27,5; **Pinheiro de Azevedo,** às 21.35; **Ramalho Eanes,** às 21.42,5.

Emissor Regional do Centro (Coimbra) — **Otelo Saraiva de Carvalho,** às 21.20; **Octávio Pato,** às 21.27,5; **Pinheiro de Azevedo,** às 21.35; **Ramalho Eanes,** às 21.42,5.

Emissor Regional do Sul (Faro) — **Octávio Pato,** às 21.20; **Ramalho Eanes,** às 21.27,5; **Otelo Saraiva de Carvalho,** às 21.35; **Pinheiro de Azevedo,** às 21.42,5.

Rádio Altitude (Guarda) — **Octávio Pato,** às 16.30 e às 21.30; **Ramalho Eanes,** às 16.37,5 e às 21.45; **Otelo Saraiva de Carvalho,** às 16.45 e às 22 horas; **Pinheiro de Azevedo,** às 16.52,5 e às 22.15.

Emissora das Beiras (Viseu) — **Ramalho Eanes,** às 16.30; **Otelo Saraiva de Carvalho,** às x16.37,5; **Octávio Pato,** às 16.45; **Pinheiro de Azevedo,** às 16.52,5.

&etc

JORGE FALLORCA

imitação da morte dos outros

novíssimas visões irrompem, fulguram, na novíssima prosa poética portuguesa

R. Emenda, 30, cave 3
Lisboa-2

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

AOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO ABRANGIDOS PELO C.C.T. VERTICAL DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALOMECÂNICA

Colegas:

Como deve ser do Vosso conhecimento, estão decorrendo os trabalhos para a revisão do clausurado e tabelas salariais da Portaria da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica.

Assim, convocam-se todos os trabalhadores de escritório deste sector, para um Plenário a realizar no **dia 22.6.76, às 21 horas**, no Salão dos Bombeiros Lisbonenses, **Rua Camilo Castelo Branco, 33-1.º**, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único: Análise, discussão e aprovação do anteprojecto da Portaria das Indústrias Metalúrgica e Metalomecânica.

Lisboa, 14 de Junho de 1976

— COMPARECE. A TUA PRESENÇA É INDISPENSÁVEL!

— PARTICIPA NA RESOLUÇÃO DOS TEUS PROBLEMAS!

Pela DIRECÇÃO

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

(continuação)

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea c) do n.º 5 do Artigo 13.º dos Estatutos convoco todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos para uma Assembleia Geral Extraordinária (continuação) a realizar no próximo dia 25-6-76 pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único: Discussão e Votação do Orçamento para o ano de 1976.

Notas: 1. A apresentação do cartão de sócio, ou de qualquer documento identificativo é essencial para a entrada na Assembleia.
2. Nos termos do artigo 18.º dos Estatutos esta Assembleia terá início às 21 horas com a maioria dos sócios ou 30 minutos depois com qualquer número.

Lisboa, 16 de Junho de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Luís Pacheco Gaspar

Hoje

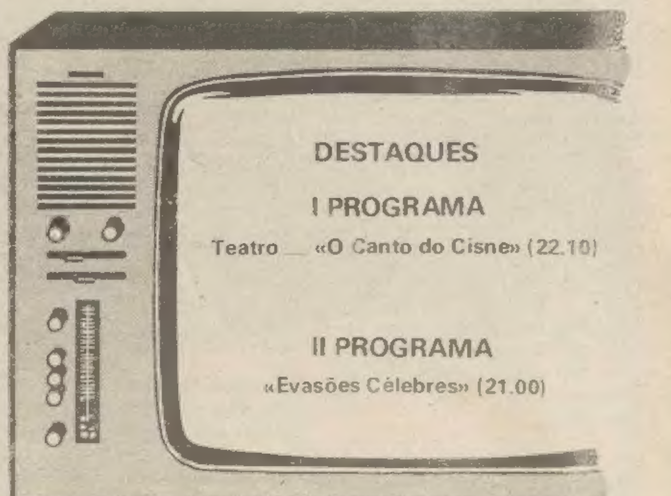
Anton Tchekov

I PROGRAMA

19.00 **«Paulo e Virgínia»** — série filmada (6.º episódio).
19.25 **Teledesporto** — rubrica dedicada às actividades desportivas do fim-de-semana.
20.00 **«A Bela Moleira»** — programa musical. «Jazz».
20.25 **Telejornal** — 1.ª edição
21.00 **Campanha Eleitoral**
21.55 **Momento Político** — com o general Ribeiro Faria
22.10 **«O Canto do Cisne»** — peça de teatro de Anton Tchekov.
23.05 **Telejornal** — 2.ª edição
23.30 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«O Sobrinho da América»** — série filmada.
20.25 **Encontro com o Passado** — os objectos de culto dos Baulé. Documentário da série «O Homem e a Arte».
21.00 «Evasões Célebres»
21.50 **Telejornal**
22.20 **TV Jazz** — o Trio de Walter Strerath e o grupo português Plexus no Festival de Cascais de 1975. Realização de Oliveira Costa.
23.15 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

Ciclo Preparatório TV — **14.10**: Língua Portuguesa (2.º ano); **14.3**[illegible] matica (1.º ano); **15.00**: Francês (2.º ano); **15.25**: Ciências da Natureza (...); **15.50**: Educação Visual (2.º ano); **17.10**: Matemática (2.º ano); **17.35**: [illegible] Portuguesa (1.º ano); **18.00**: Trabalhos Manuais (2.º ano); **18.25**: [illegible] (1.º ano); **19.00**: Os homens, os livros e as coisas; **19.25**: «O Regador M...» série filmada; **20.00**: Ver — Salão de Abril — programa dedicado às [artes] Plásticas produzido e realizado por José Elyseu; **20.30**: Telejornal — [1.ª edi]ção; **21.00**: Campanha Eleitoral; **21.35**: «As Aventuras do Barão Von Trenck»; **22.25**: Confronto — mais um debate moderado por Joaquim [...]; **23.15**: Telejornal — 2.ª edição; **23.30**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e desenhos animados — «Wickie, o Vicking»; **20.3**[illegible] Goodies»; **21.00**: Passatempo; **21.50**: Telejornal; **22.30**: «Amores de Po[rtugal]» recital de canto pelo barítono José de Oliveira Lopes. Ao piano Helena Costa. Realização de Correia Alves; **23.10**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786 - 834271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

EUROPEU DE FUTEBOL, EM BELGRADO: ALEMÃES BATIDOS

Checos com cobertura

Por NEVES DE SOUSA

. Do lado de cá, olhos pegados ao vídeo, *torci* desde o início. Para mim, o êxito apenas poderia pertencer aos checos, compenetrados do seu papel, muito sérios, muito entregues à sua tarefa. Disciplinados, fortes, animosos: um por todos. Depois, veio (logo ao primeiro golpe) a última achega para o favoritismo: os mocetões de Praga, olhos na pátria, a cantarem em coro o seu hino nacional, enquanto os alemães (formais, realizados, impantes de orgulho pelo rol de pergaminhos) mastigavam pastilhas, «chewing-gum» americano deixado no ex-Reich pelos pais dos fuzileiros que **pacificaram** o Vietname.

Belgrado: Estádio do Estrela Vermelha. Cinquenta mil, para aí, talvez. Na véspera, tinha ardido o baile para a Jugoslávia: nem o 3.º lugar no papo, após o 2-3 rubricado face aos holandeses. Daí a desilusão ter espantado a caça: bancada com muitas clareiras, mal sabendo os ausentes que (contrariamente à douta opinião de Nuno Brás) iam perder um inolvidável espectáculo de futebol, primorosamente executado por praticantes de alto gabarito e, o que muito ajudou, transplantado para os canais da Eurovisão como só uma apurada equipa técnica de Televisão pode conseguir.

Davam-se os pontapés de aquecimento e ainda a «malta», por essas bandas fora, folheava os «palmarés» dos blocos em equação: Alemanha, campeão mundial e europeu, com uma mão cheia de milionários com a «Taça dos Campeões Europeus» dentro do bolso; Checoslováquia a chegar à grande festa depois de ter empalmado Portugal e mais quantos lhe apareceram pelo nariz, 17 jogos seguidinhos sem o mais leve desaire.

Mas, havia um árbitro que parecia encomendado para arrebitar os nervos: um italiano a dar pelo nome de Sérgio Gonella, que é avesso a grandes penalidades e, para castigo, foi obrigado a ver marcar oito de uma vez só...

Formam as equipas: Alemanha Federal: Sepp Maier; Berti Vogtz, Bernard Dietz, Georg Schwarzenbeck, Franz Beckenbauer, Herbert Wimmer, Rainer Bonhof, Uli Hoeness, Dieter Mueller, Erich Beer, Bernd Holzenbein. Checoslováquia: Ivo Viktor; Karel Dobias, Josef Capkovic, Anton Ondus, Jan Privarnik, Antonin Panenka, Josef Moder, Marian Masny, Zdenek Nehoda, Kolomah Goegh, Jan Svehlik.

Começa a função, checos sem Pollak (expulso na antevéspera) e alemães a passo, seguros de que o tempo ia escrever a seu favor. No rodapé da central, um grande letreiro: «Faça as suas férias em Portugal». Campinos a investir: milhões a fixarem.

Viktor (62 internacionalizações) logo se agiganta: é tudo dele. O sócio Svehlik dá-lhe a primeira alegria: em toque de calma, pezinho fofo a empurrar a bola pela direita de Maier, depois do fortalhaço do Bayern ter oposto o corpo à primeira rajada, com chancela de Nehoda. Jogava-se havia oito minutos: o 1-0 estava certinho, era prémio para o sangue no rosto de Masny, era galardão para o esforço de onze checos entregues à labuta desde o nascer do Sol.

Veio o segundo disparo mortífero, feito com raiva e dureza. **Livre**, cruzamento e pé esquerdo de Dobias a impulsionar o couro. Dois-zero: Viktor continuava a defender tudo, alemães saíam do seu castelo em passes do milimétrico Beckenbauer mas não aceleravam na zona em que tudo se resolve e esclarece.

Eis (porém) o 2-1, obra de Dietter Mueller, que nada tem a ver com Gerd mas possui de comum um engodo pela baliza que só vendo. Antes, falhara-se o 3-0 (Moder) e também um canhão activado por Holzenbein roçara o poste canhoto de um macaco (Viktor). O 2-1, oriundo de uma primorosa **finta** de Bonhof a Kapcovic, seguida de passe para a esquerda, fica como um quadro de pincelada forte, naquele meia-volta com bicicleta incompleta, com que Mueller se apresentou à Europa na roupagem de predestinado para o futebol. O golo ergueu a multidão: mesmo entre os checos, surgiu quem prestasse vassalagem.

. **Cantos**, defesas, cortes: sortido para os dois gostos, os paladares à mesa. Aos 42 minutos, checos entram a congelar a bolinha: o único momento em que pareceram titubear no percurso para a meta.

GOLPE DRAMÁTICO

Vem a segunda metade da melancia. Outra vez Maier, novamente Viktor, a emoção sem se compartimentar, esvoaçando de extremo a ponta do relvado lisinho como mar sereno. Cartão amarelo a Dobias, o Obdúlio Varela da Checoslováquia. A bola embate num poste: Schoen dá um murro no ar. Viktor trepa para a bolota: mais dois encaixes dignos de travarem o calendário. Todavia, no lance imediato, é o esbarrar do couro num poste de Maier, a cabeça de Wimmer a falhar por um triz. Já então todo o «dez» germânico se soltara da cobertura ao «mãos de metro»: e já o exótico Gonella fizera vista grossa a nítido penaltie, cometido por Ondrus num empurrão que quase atirou o Dietterzinho para cima dos fotógrafos.

Continua aquela carga de legionários, na busca do empate que rasgava nova terra. Bate à portinhola a segunda grande penalidade escamoteada pelo apitador de turno: Dobias (cabeça escaldante) mete a perna direita à frente dos sustentáculos de **Beckenbauer** e o alemão, ceifado em corrida, rasga o solo como um Tim Shaw. **Também Nehoda** é apanhado na rede ensarilhante de dois pares de botas: nada. O milanês do silvo ao dispor, não estava para essas coisas. Tinha de apanhar o avião a tempo de ir votar.

Eis senão que vem o minuto **90**: o do (quase) drama checo. Vinte e um homens na fronteira, **canto** vindo da esquerda, Viktor com viagem acelerada e, quando toca na relva, vê, lá do alto, de nuca virada para a rede, Hoelzenbein a impulsionar a **malvada**. Era o 2-2: não havia remédio para evitar o prolongamento, o alargar de um sacrifício cumprido sob 22 graus, em fim de estação e com as pernas embaladas em chumbo.

Continua o calvário: cada um a querer resolver, por si só, a história de uma façanha. Entra mais um checo: passava a esperar-se aragem de sorte ou fortuna física, sem que o tabuleiro oscilasse para qualquer banda. Maier e Viktor, Viktor e Maier. Os berros de Beckenbauer lá dentro: os brados de Dobias (substituído quando estava com os bofes a saírem por entre os dentes) a romperem a lateral e a virem inundar de ânimo os camaradas.

Mais um cartão amarelo: as veias saltavam, mas a velocidade era a mesma. A agudeza de olhos rapinantes colocados, em alternantes, numa ou outra malha. Chega-se aos 120: duas horas não tinham decidido a balança. Ia apelar-se para os penalties: havia, por essa Europa fora, quem estivesse sem pontinha de fôlego, mais extenuado que coelho perseguido em cinco quilómetros de planície alentejana por matilha de galgos.

CHECO MATE

Maier na baliza: guarda-redes para a esquerda, bola pela contrária. Um zero para os checos, por Moder. Viktor metido na toca: corpo para a direita, chuto a entrar no outro ângulo. Um-um, obra de Vogtz. Dois-um, mesmo com Maier a baloiçar sobre o risco e, fulminante, a partir ao encontro de um alvo que se escapulia como areia fina. Dois igual. E 3-2. E 3-3: Viktor ajoelhado, de mãos viradas para o seu Deus, suplicando o fim do tormento.

Foi ouvido: Maier deixa passar o 3-4 e Uli Hoeness, mesmo sabidão e com traquejo, perde o engodo da conta bancária e desperdiça o quatro paralelo. Arrepia-se todo, cava os olhos no chão, fica transido e gelado, feito de pedra, branco como a cal. Bem o tentam confortar: nada a fazer. O 5-3 foi irremediável e não mereceu já, da parte de um qualquer alemão, o chuto de amortização. Atirado em arco, o pontapé dos 9 e 15 enfiara-se no cesto como uma pomba anilhada. Era o xeque mate. Perdão: o checo mate.

Delírio nas hostes checas, com passeios em ombros, abraços e beihos, suor e lágrimas. A taça na maozinha, festança à espera, elogios por esse mundo fora. A penates, regressavam os alemães com camisolas vermelhas: a berrante recordação de uma noite mal passada.

Foi (como garante o humor do Mário Lindolfo) um punhado de «checos com cobertura» que deitou os foguetes e fez gato-sapato do orgulho alemão. Foi, não há sombra de dúvida, a prova-provada de que não há invencíveis: nem insubstituíveis, que (esses) enchem para aí os cemitérios do burgo.

Checoslováquia: o campeonato da Europa a morar em Praga. Viktor foi o maioral da campanha: mas nenhum dos guerrilheiros de Dobias cantou ópera de punhos caídos.

Alemanha: o adeus a boa fatia da sua vaidade. Beckenbauer terá de procurar, em outros codiciosos Dietters Muellers, companhia para futuras viagens. Com a carteira recheada, a bananeira é sombra como íman.

Ao pé da fronteira: em Badajoz, o Sporting entra em campo. Manuel Fernandes (a vedeta) e Conhé (o novo guarda-redes) comandam a aparição dos «leões», em nítido declínio de forma e muito longe da produção ainda recente.

FUTEBOL EM EBULIÇÃO

Secundários: tomba o pano

. Estava decidido: Varzim e Portimonense na 1.ª divisão, Salgueiros e Montijo a decidirem (com o Beira-Mar e o União de Tomar) quem sobe ou quem aguenta o posto. Cá para baixo, nos fundos da tabela, é que haviam algumas dúvidas. Tudo esclarecido, após os jogos de epílogo da longa maratona: agora, toca a recomeçar ou (então) pensar esperançadamente na liguinha.

«Placards» na zona nortenha: P. Ferreira-Régua, 2-1; Penafiel-Salgueiros, 2-0; Vilanovense-Varzim, 0-1; Chaves-Parede, 1-2; G. Vicente-Espinho, 1-0; Famalicão-U Lamas, 3-1; Covilhã-Feirense, 6-4; Marinhense-Fafe, 1-0; Lourosa-Riopele, 3-2 e Sanjoanense-Alba, 3-1.

Tabela: VARZIM, 65 pontos; Salgueiros, 46; Lourosa, 45; P. Ferreira, 44; Famalicão, 41; Chaves, 41; U. Lamas, 40; Gil Vicente, 39; Espinho, 38; Riopele, 38; Sanjoanense, 37; Covilhã, 36; Marinhense, 34; Penafiel, 34; Feirense, 34; Fafe, 33; Paredes, 32; Vilanovense, 32; Régua, 29 e Alba, 22.

Zona Sul: E. Portalegre-Caldas, 0-3; T. Novas-Torriense, 2-6; Portimon.-Oriental, 2-1; Lusitano-Montijo, 2-3; Olhanense-U. Leiria, 0-1 e Sesimbra-Sintrense, 0-1; Barreir.-Juventude, 2-2; Marítimo-Esperança, 4-1; Peniche-U. Santarém, 2-0 e Almada-U. Montemor, 4-0.

Classificação: PORTIMONENSE, 55 pontos; Montijo, 52; Peniche, 47; Marítimo, 45; Caldas, 43; Oriental, 42; Barreirense, 40; Esperança, 40; Olhanense, 38; Torriense, 38; E. Portalegre, 38; Juventude, 37; Almada, 36; U. Santarém, 36; Sintrense, 35; Sesimbra, 34; U. Leiria, 34; Lusitano, 29; Torres Novas 21 e U. Montemor, 20.

Para a 3.ª divisão tombam Régua, Alba, Torres Novas e União de Montemor. Os seus lugares passam a ser ocupados pelos triunfadores nas quatro zonas do 3.º escalão: Tirsense, União de Coimbra, Portalegrense e Vasco da Gama. Nas liguinhas 2.ª/3.ª participam Paredes, Vilanovense, Vila Real e Académico de Viseu (Norte); União de Leiria, Lusitano de Évora, Odivelas e Alcochetense.

As «competências» começam no sábado com os jogos Académico-Paredes e Vilanovense-Vila Real, Odivelas-Lusitano e U. Leiria-Alcochete.

BELENENSES

O dianteiro Ernesto que, de há muitos meses a esta parte raramente actuava no «plantel» belenense, foi definitivamente dispensado pelo clube do Restelo que, ao mesmo tempo, revalidou contratos de trabalho com Vasques, Alfredo e Esmoriz. Por seu turno, uma saída: Mourinho deixa de estar no sector técnico, passando Inácio Rebelo a dirigir todo o futebol jovem da colectividade.

JUVENIS

Encontros correspondentes à segunda «mão» das meias-finais da Taça Nacional de Juvenis: F. C. Porto-Sp. Braga, 2-2 (Zona Norte) e Benfica-Sporting, 0-1 (Zona Sul). O Sporting está apurado para a final, enquanto que portistas e bracarenses terão de desempatar noutra partida.

SORTEIOS

O calendário da 1.ª eliminatória das várias provas europeias de futebol é elaborado, por sorteio, a 6 de Julho, em Zurique (Suíça). Clubes portugueses interessados: Benfica, Boavista, Belenenses e F. C. Porto.

SPORTING

O Salamanca, da 2.ª divisão do futebol espanhol, perdeu com o Sporting, na disputa do 3.º lugar no «Torneio de Badajoz», pela exígua marca de 1-0, mesmo assim lograda pelos portugueses através de um «penaltie» concretizado por Manuel Fernandes.

A formação de Alvalade alinhou: Conhé; Vítor Gomes, Laranjeira, José Mendes e Da Costa; Baltasar (Manoel, aos 69 m), Valter, Nelson e Fraguito; Manuel Fernandes e Libânio (Garcês, aos 69 m).

As exibições mais destacadas dos pupilos de Juca pertenceram a Da Costa, Laranjeira, Vítor Gomes, Fraguito, Manuel Fernandes e Baltasar.

O segundo jogo da velada, para designar o vencedor do torneio, foi realizado debaixo de grande trovoada: o Atlético de Bilbau levou a melhor sobre o Spartak de Moscovo, por 3-2.

TOTOBOLA
Boletim com "13"

Vilanovense - Varzim	2
Gil Vicente - Espinho	1
Famalicão - U. Lamas	1
Covilhã - Feirense	1
Marinhense - Fafe	1
Lourosa - Riopele	1
Penafiel - Salgueiros	1
E. Portalegre - Caldas	2
T. Novas - Torriense	2
Lusitano - Montijo	2
Sesimbra - Sintrense	2
Barreirense - Juventude	X
Almada - U. Montemor	1

Basquetebol

Título na balança: Sangalhos ou Sporting

. Penúltima ronda do nacional de basquetebol, com dois jogos grandes: o Sangalhos a bater o F. C. Porto (92-67) qualificando-se já para estar presente na última volta do torneio e o Sporting a levar de vencida o Barreirense (103-65), no pavilhão da Ajuda, perante uma assistência que quase conseguiu transformar a festa desportiva num alienante «show» de indisciplina.

Os «leões» tiveram uma unidade fundamental em grande plano: Quim Neves, autor de mais de uma vintena de pontos e especialmente saudado pela multidão quando conseguiu o cesto que dava o 100.º ponto aos **verde-brancos**.

Sob arbitragem da dupla João Cardoso-Pedro Silva, eis como formaram (e marcaram) as duas turmas:

Sporting: Sobreiro (19), Quim Neves (25), José Carlos (5), To Mané (2), Cardoso, Nelson (27), Mário Albuquerque (21) e Carlos Sousa (4).

Barreirense: Freire (5), Cravinho (2), Fernando Pires, Minhava (16), Mota (15), Moura (10), Gameiro (7), Carreira (6), Lourenço (4) e Jorge Paulo.

Os «leões» ficaram envolvidos na pressão inicial desencadeada pelo «cinco» do Barreiro, que chegou a estar como triunfador no marcador (19-15): mas os sportinguistas, encontrando-se e **carregando no pedal**, breve atingiram dez pontos de distância (35-25), chegaram a permitir uma aproximação relativa (42-38 mas, daí para diante, actuaram quase como entenderam, dando o ritmo e toda a sequência à partida. Ao intervalo: 46-39, no «placard», favorável ao bloco de Alvalade.

No período complementar, Nelson e (especialmente) Quim Neves desbarataram completamente o Barreirense, ante uma arbitragem em belo nível que não se deixou vogar ao sabor dos brados da plateia.

O título português fica em equação até sábado: Sporting recebe Sangalhos, num despique que se avalia, à distância, como o ponto máximo do basquetebol nacional na corrente temporada.

Desporto

PORTUGAL

BADMINTON

Inicia-se amanhã, no ginásio do Liceu Pedro Nunes, o «Torneio de Encerramento» para seniores.

GINÁSTICA

A 25 do corrente, no Clube Nacional de Ginástica (na Parede) tem lugar um festival de ginástica, com a colaboração de várias classes representativas do Ginásio Clube Português.

BARREIRO

A delegação de Setúbal da DGD promove, a 3 de Julho no Barreiro, um convívio interdistrital de badminton, com a participação de representantes de núcleos da DGD em Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro.

CICLISMO

Prova ciclista organizada pela Associação de Lisboa no próximo sábado: corrida incluida nas Festas de S. Pedro (Pero Pinheiro).

OLIMPISMO

Na próxima 4.ª feira, serão indicados, pelo Comité Olímpico Português, os nomes dos atletas do nosso país que fazem a viagem ao Jogos de Montreal. No mesmo dia, com um jantar em hotel lisboeta, festeja-se o 82.º aniversário do Olimpismo Moderno.

TOMAR

Assembleia geral do União de Tomar, esta noite para escolha da nova gerência do emblema.

VISITA

Uma equipa de andebolistas romenos (do Clube Desportivo Universitário Galatzi) estará no nosso país para diversas actuações de 30 do corrente a 8 de Julho.

HÓQUEI PATINADO

O Sporting é mais primeiro no campeonato nacional em hóquei patinado. Desfechos da dupla ronda no fim-de-semana: F. C. do Porto-Sporting, 3-5; Salesiana-Infante de Sagres, 3-4; Benfica-Oliveirense, 11-1; Valongo-Oeiras, 2-2; Salesiana-Oliveirense, 11-4; Benfica-Infante de Sagres, 4-4; F. C. do Porto-Oeiras, 5-4, e Valongo-Sporting, 5-6. *Classificação actual:* 1.º, Sporting, 20 pontos; 2.º Salesiana, 16; 3.º, F. C. do Porto, 16; 4.º, Benfica, 14; 5.º, Infante de Sagres, 14; 6.º, Valongo, 13; 7.º, Oeiras, 12; 8.º, Oliveirense, 7. *Próxima jornada (dia 30):* Salesiana-Oeiras, Sporting-Benfica, Oliveirense-Valongo e Infante de Sagres-F. C. do Porto.

ANDEBOL

Dois jogos para a «Taça de Portugal», em andebol: Atlético, 14-Oriental, 10 e Desportivo de Portugal, 18-Académica da Amadora, 16.

FUNDO

O ciclista José Bispo (Sangalhos) é o campeão nacional de fundo.

HOQUEI EM CAMPO

Mais duas rondas para o nacional de hóquei em campo, com os resultados que se anotam: Viso-Futebol Benfica, 2-3; F. C. Porto-Palmense, 3-0; Ramaldense-Benfica, 1-0; União de Lamas-Atlético, 2-0; F. C. Porto-Benfica, 1-0; Ramaldense-Palmense, 3-0; U. Lamas-F. Benfica, 1-0; e Viso-Atlético, 3-0. Classificação: 1.º, Ramaldense, 18 pontos; 2.ºs, F. Benfica, U. Lamas e F. C. Porto, 14; 5.º, Benfica, 10; 6.º, Viso, 9; 7.º; Atlético, 8; 8.º, Palmense, 7.

NATAÇÃO

Henrique Vicêncio (Algés e Dafundo) bateu o «record» nacional absoluto dos 200 metros bruços conseguindo 2m 36s 6/10. Vicêncio mais os companheiros Gomes Pereira e Paula Barata Alves, conquistaram as medalhas em equação no «Dia Olímpico».

TÉNIS

Eduarda Candeias e Jorge Roll são campeões sulistas de ténis, em 3.ª categoria.

VOLEIBOL

A «Taça de Portugal», para turmas femininas de voleibol, pertence ao Leixões, que venceu o «seis» do Benfica por 3-2.

OLIMPÍADAS

. Os direitos exclusivos para a transmissão, para os Estados Unidos, das provas dos Jogos Olímpicos de Inverno de 1980, em Lake Placid, foram concedidos à cadeia de televisão norte-americana «American Broadcasting Company» (ABC), anunciou o Secretariado do Comité Internacional Olímpico, através de um comunicado publicado em Lausanne.

Segundo a mesma fonte, esta decisão foi tomada «de comum acordo» pelo Comité Internacional Olímpico, o Comité Olímpico dos Estados Unidos e o Comité de Organização de Lake Placid, o qual já se havia pronunciado favoravelmente em relação à ABC.

O comunicado prossegue indicando ainda que esta decisão foi tomada «após a comissão das finanças do Comité Internacional Olímpico ter proporcionado a outras duas empresas de televisão americanas, «Columbia Broadcasting System» (CBS) e «Nation Broadcasting Company» (NBC), de apresentarem uma proposta».

«A qualidade de imagem demonstrada na transmissão dos últimos Jogos olímpicos, quer nos de Munique, como nos de Innsbruck, o importante estudo preliminar apresentado pela ABC sobre os meios técnicos necessários para a cobertura televisiva das provas, e o facto de a ABC vir a agir como difusor-coordenador para o resto do mundo, oferecendo, assim, a todos os outros centros de televisão um sinal de base a algumas facilidades, «determinaram, enfim», afirma, o comunicado a concluir, «a escolha do Comité Internacional Olímpico».

Nacional da 2.ª divisão, em Atletismo: F. C. Porto, Desportivo da Cuf e Santa Clara são os grupos finalistas. Ontem, no Jamor, houve resultados curiosos e lutas animadas: caso dos 400 metros (imagem) em que Luís Paisana (CDUL) conseguiu 50,5 s., batendo (por ordem) os cufistas Raul Fernandes e Carlos Rodrigues, os belenenses Carlos Pires e Mário Serpa, além do seu parceiro de clube Joaquim Custódio

PORTUGAL PREVIDENTE
COMPANHIA DE SEGUROS
COMUNICA A TODOS OS ESTIMADOS CLIENTES E COLABORADORES QUE O SEU CENTRO DE FORMAÇÃO DE AGENTES (CEF) PASSA PROVISÓRIAMENTE E A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 21 DO CORRENTE A FUNCIONAR NA SEDE DA COMPANHIA, NA AV. DA LIBERDADE, N.º 72, COM OS TELEFONES N.ºs 36 22 21 E 32 19 20.

ACÇÃO MÉDICO-SOCIAL DO DISTRITO DE LISBOA
AVENIDA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, N.º 77
Encontra-se aberto o concurso documental pelo prazo de 20 dias, a contar de 18 do corrente, na categoria de TÉCNICA DO SERVIÇO SOCIAL.
As interessadas devem apresentar requerimento na SECÇÃO DE PESSOAL, Avenida dos Estados Unidos da América, 77, 10.º, Lisboa, com a indicação dos seguintes elementos:
Nome, idade, estado, residência, habilitações literárias com a classificação de curso e Instituição onde presta serviço.
A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Geral

Magalhães-Vilhena sobre Sérgio

O prof. Vasco de Magalhães-Vilhena profere amanhã à noite, na Academia das Ciências, uma conferência intitulada «Em torno da génese do idealismo filosófico de António Sérgio». A sessão inclui-se numa «Homenagem a António Sérgio» programada pelo Instituto de Altos Estudos daquela instituição.

Mestre de Filosofia com largo «curriculum» além-fronteiras, o prof. Magalhães-Vilhena é autor precisamente de um dos estudos mais aprofundados que se conhecemm sobre a obra de António Sérgio.

P.C.P. RESPONDE A MÁRIO SOARES

Perigos no "convívio" com reaccionários

Classificando-as como «afirmações de grande gravidade e irresponsabilidade», o P.C.P., em nota da S.I.P., responde às declarações proferidas pelo dr. Mário Soares no passado dia 16, na RTP durante o período de propaganda eleitoral reservado ao general Ramalho Eanes.

A nota da S.I.P. do P.C.P., recordando que o secretário-geral do Partido Socialista, «sem fundamentos nem provas, veio reeditar velhas e gastas acusações contra o P.C.P.», acrescenta:

«Contra a evidência, patente em todas as posições e declarações públicas do P.C.P., que insistentemente defendeu uma solução política para a crise da Revolução portuguesa, o secretário-geral do P.S. renova as acusações de «golpismo» e de tentativas de impor uma «ditadura». Contra a realidade, provada em palavras e em actos, de que o P.C.P. defendeu a realização de eleições verdadeiramente livres, a institucionalização e consolidação de um regime democrático, ao abrigo de golpes e conspirações, o secretário-geral do P.S. procura apresentar o P.C.P. como um partido antidemocrático, um fautor de anarquia e desordem.

«Tais declarações assumem um lamentável e inquietante significado político, tendo em conta quem as proferiu e o lugar e oportunidade escolhido para o efeito.

«Os democratas e antifascistas portugueses poderiam esperar que a intervenção do dr. Mário Soares, na RTP, viesse esclarecer os equívocos, ambiguidades e apreensões suscitados pelo convívio e acção comum do P.S. com o P.P.D., o C.D.S., a C.A.P., a C.I.P., o M.R.P.P. e a A.O.C. em torno de uma mesma candidatura à Presidência da República. Pelo contrário, as afirmações do secretário-geral do Partido Socialista, tendo como aspecto central o ataque ao P.C.P., força indispensável à consolidação da democracia, traduziram-se claramente na absolvição da direita e da reacção e na cobertura política às suas manobras para tentar isolar o P.C.P. e afastá-lo das decisões políticas fundamentais, contra o resultado e o sentido da votação de 25 de Abril.

«O P.C.P. tem advertido contra os perigos de, na base do convívio estabelecido nesta campanha eleitoral, estar a ser negociada uma aliança, tácita ou explícita, do P.S. com o P.P.D. e o C.D.S., com projecção na composição e política do futuro Governo.

«As declarações do secretário-geral do P.S. na RTP confirmam esse perigo e parecem traduzir uma vontade deliberada de impedir uma solução democrática de esquerda.

«As tentativas para dar vitalidade e energia a uma campanha eleitoral pelo recurso ao anticomunismo, não são prova de segurança mas sim demonstração de fraqueza, de ausência de perspectivas positivas e construtivas. A arrogância nas declarações, a dramatização artificial dos problemas da vida política nacional, a imposição de falsos dilemas, não são prova de confiança mas demonstração de inquietação.

«A unidade das forças democráticas, de esquerda, nomeadamente, a aproximação e cooperação entre comunistas e socialistas é hoje um objectivo pelo qual se manifesta um vasto movimento de opinião democrática.

«Conta com a adesão de um número crescente de militantes e simpatizantes do P. S.

«Corresponde às aspirações unitárias dos trabalhadores portugueses.

«É uma condição essencial para assegurar o respeito da Constituição e a estabilidade. processo democrático.

BARES - BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. (Telef. 364859, 368197. Marta Mónica Sripteaseuse.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. **261461/164526/264596/264621/264946**

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons.23/4 %	300$	275$	—
Cons.3%		300$	—
Cons. 3 1/2 %	—	350$	—
Centenarios	—	800$	—
Tes. 5%		—	790$
Tes. 10%	500$	500$	505$
Extern. 1.ª - s.	—	450$	—
Extern. 1.ª - c.		450$	480$
Extern. 3.ª - s.		C	—
Extern. 3.ª - c.	475$	475$	500$
Caut. 3.ª - s.	—	—	140$
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	—	695$	—
C.M.L. 5 3/4 %	—	800$	830$f
C.P. 5 1/2 % — 67	—	590$	700$
C.P. 5 1/2 % — 68	—	590$	—
C.P. 5 1/2 % — 69	—	590$	700$
Corr. 5 3/4%	—	750$	—
Metr. 5 3/4 %	—	810$	—
Tur. 5 3/4%	—	850$	—
C.P. 6 3/4 %	—	800$	—
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	—	680$	700$
G. 5 % — 59	—	670$	750$
G. 5 % — 62	—	—	—
G. 5 % — 63	—	—	—
G. 5 % — 64	—	—	—
G. 5 % — 65	—	—	—
G. 6 % — 67	—	—	—
G. 6 % — 69	—	—	—
G. 7%	—	850$	900$
H.E.A.A. 5%	—	—	650$
H.E.C. 5 %	—	750$	—
H.E.C. 6 %	—	710$	—
H.E.D. 5%	—	—	—
H.E.D. 6%	—	—	—
H.E.N.P. 5 %	—	740$	—
H.E.S.E. 5%	—	—	—
H.E.S.E. 6%	—	690$	700$
H.E.Z. 5 % — 57	—	—	—
H.E.Zêz. 6%	—	—	—
N. Elec. 5%	—	—	—
N. Elec. 6%	—	640$	—
Termoel. 5%	—	—	—
U.E.P. 5 % — 60	—	—	700$
U.E.P. 5 % — 63	—	740$	—
U.E.P. 6%	—	730$	—
U.E.P. 7%	—	—	800$
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	—	690$	—
A.P.T. 5% — 58	—	690$	—
Lisnave 6%	—	730$	750$
Nitratos — 60	—	600$	—
Pet. 2.ª e 3.ª	—	—	—
Sacor 7%	—	830$	—
Sacor 5% — 54	—	—	—
Sacor 5% — 60	—	—	—
Sid. 5% — 2.ª	—	—	720$
Sid. 5% — 3.ª	—	—	720$
Sid. 5% — 4.ª	—	720$	—
Socel 5%	—	—	—
R. Fabril — 67	—	720$	—
R. Fabril — 68	—	690$	—
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5%	—	—	—
Rev. 5 % — 57	—	—	—
Rev. 5% — 59-60	—	—	—
Moçambique 5%	—	—	—
Sonefe 5%	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	—	—	—
F.I.D.E.S.	—	—	—

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo excepto nas regiões a norte do rio Douro onde estava muito nublado, o vento era fraco e havia nblina junto à Costa Ocidental.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ÉVORA Máxima .... 36°

PENHAS DA SAÚDE Mínima .... 12,5°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Ceú pouco nublado ou limpo, excepto nas regiões do interior do Centro e Norte; Vento fraco de Norte moderado durante a tarde na zona costeira a Sul do Cabo Mondego; possibilidades de trovoadas e aguaceiros durante a tarde nas regiões do interior; neblina ou nevoeira matinais nas regiões da faixa costeira.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

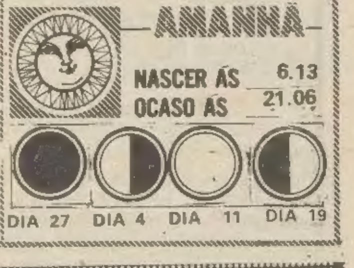
PORTO	16°
COIMBRA	18°
PORTALEGRE	20°
LISBOA	21°
FARO	26°
FUNCHAL	19°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.43	3,3 m	5.01	1,6 m
		17.29	1,7 m
Dia 22			
0.03	3,3 m	5.55	1,6 m
12.39	3,4 m	18.24	1,6 m
Dia 23			
0.58	3,4 m	6.43	1,5 m
13.28	3,5 m	19.11	1,5 m

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.13
OCASO ÀS 21.06



DIA 27 DIA 4 DIA 11 DIA 19

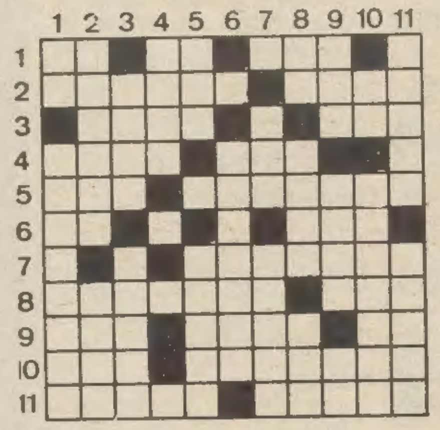
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 398

HORIZONTAIS:

1 Oferece. Laço (fig). Recusa.
2 Apoio. Cume.
3 Cantiga. Rio de França.
4 Mais mal. Aguardente de cereais.
5 Eia! Barracão.
6 Batráquio. Moda.
7 Cercam.
8 Consumiu. Anel.
9 Monarca. Pegas. Grama.
10 Nome de letra. Peça que se coloca no interior de certos moldes de fundição. (pl).
11 Pessoa muito parecida com outra. Desenruga.



VERTICAIS:

1 Concede. Deixarás de ter.
2 Acalma. Ceifo.
3 Frente. Actuavas.
4 Undécimo mês do calendário árabe.
5 Agora. Acomete.
6 Elegante.
7 Humildes. Saira frequentemente à rua.
8 Antes de Cristo. Destroi. Nome de astro.
9 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Cabo da costa de Portugal. Cento e um em romano.
10 Nota musical. Custosos.
11 Termo. Mamífero afim da foca.

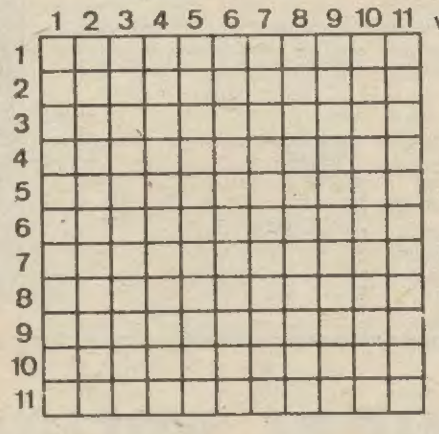
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7558

HORIZONTAIS:

1 Pessoa muito gorda ou sovina. Sacerdote de Cibele, na Frígia.
2 Eia! Pronome possessivo. Língua que antigamente se falava no N. de França.
3 Seguia. Il a do Mediterrâneo entre a Sicília a África. Miriare.
4 Trama. Nesse lugar.
5 Ardente. O mesmo que bonito (peixe).
6 Nosso Senhor. Encolerizai.
7 Atacarias.
8 Lavrar. Medida de liquidos da Holanda.
9 Pertences. Arremessou.
10 Família. Boatos (fig). Senhor.
11 Recrutam.



VERTICAIS:

1 Vi a e sede do concelho (Aveiro) Nome de fruto seco.
2 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Graça.
3 Centiare. Estirada. Zomba.
4 Puxara injuriosamente as barbas a (ant).
5 Cobra de Nova Granada. Nota musical. Pronome pessoal (inv).
6 Pressa. Trava luta com.
7 Átomo. Sinhá (Bras). Diapasão.
8 Assustais.
9 Preposição e artigo definido Surgir.
10 Desgastaríamos (fig).
11 Freguesia do concelho de Tores Novas. Canção da Suiça.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 397

HORIZONTAIS: 1 Morda. Magra. 2 Atue. Amear. 3 Cam. MAU. Ala. 4 Aí. Dar. 5 DE. CARRO. Dó. 6 Assas. Imo. 7 Cadáver. 8 Polar. Tosse. 9 Ilo. Adi. Aer. 10 Oaio. Acorda. 11 Amarar. Ao.

VERTICAIS: 1 Maçada. PIOR. 2 Ota. Escola. 3 Ruma. Salioa. 4 DE. Içada. Om. 5 Asara. 6 Air. Dar. 7 Mau. Ética. 8 Am. Oiro. Or. 9 Gear. Ras. 10 Ralado. Seda. 11 ARADO. Serão.

PROVERBIO: MAU DE CARRO PIOR DE ARADO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7557

HORIZONTAIS: 1 Marat. Gharb. 2 Amem. Omar. 3 Rãs. Vem. Às. 4 Ci. Girão. Ca. 5 Assem. Rival. 6 Anemias. 7 Fa. An. 8 Arrendarias. 9 Lai. Ou Ùa. 10 Abaixariamos. 11 Mas. Arraso.

VERTICAIS: 1 Marca. Falam. 2 Amais. Arabá. 3 Res. Sa. Rias. 4 Am. Gente. 5 Vime. Noé. 6 Per. Madura. 7 Marina. Ir. 8 Hó. Oiã. Ruar. 9 Ama. V.S. lama. 10 Rasca. Já. Os. 11 Br. Ala. Siso.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO Q-1

TODA A NOITE

AJUDA — **Mendes Gomes**, Calçada de Ajuda 222 (Telef. 638256)
ALFAMA — **Arnali**, Rua Escolas Gerais, 88-A (Telef. 863940)
ALVALADE — **Sanex**, Avenida da Igreja, 81-C (Telef. 717505)
AVENIDA DA LIBERDADE — **Nacional**, Rua do Salitre, 7 (Telef. 46858)
BAIRRO ACTORES — **Nobel**, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Telef. 842152)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso**, Pra Norte, 11-A (Telef. 311216)
BENFICA — **União**, Estrada de Benfica, 592 (Telef. 70092)
CAMPO DE OURIQUE — **Porfírio**, Rua Francisco Metrass, 59-B (Telef. 663349)
ESTEFÂNIA — **Estefânia**, Rua Pascoal de Melo, 90 (Telef. 44438)
LUMIAR — **Central**, Rua do Lumiar, 77 (Telef. 790480)
PENHA DE FRANÇA — **Dimar**, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (Telef. 842533)
REGO — **G. Silva**, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Telef. 771873)
SANTA CATARINA — **Combro**, Calçada do Combro, 78 (Telef. 326059)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — **Oliveira Viegas**, Rua Viriato, 29-A (próximo do Hotel Sheraton) (Telef. 48966 553601).

TURNO Q-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA — **Nogueira**, Rua de Alcântara, 5-A (Telef. 637563)
ALVALADE — **Rainha Santa**, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (Telef. 765262); **Celta**, Rua Moura Girão, 23-B (Telef. 710621); **João XXI**, Avenida João XXI, 16-A (Telef. 726462)
ARROIOS — **Oriental**, Rua Alves Torgo, 2-B (em frente da igreja de Arroios) (Telf. 45079)
AREEIRO — **Avenida (das)**, Avenida República, 27-A (Telef. 533688)
BAIXA — **Valadas**, Rua da Madalena 235 (Telef. 872060)
CAMPOLIDE — **Oliveira**, R. de Camplide, 54-A (Telef. 684424)
CARNIDE — J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (Telef. 780969)
ESTRELA — **Paivas e Raposo**, Rua de Santo António, 96 (Telef. 665196)
PICHELEIRA — **Marluz**, Calçada da Picheleira, 140-B/C (telef. 720703-128395)
OLIVAIS — **Simão**, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (Telef. 310581)
XABREGAS — **Salger**, Rua de Xabregas, 63 (Telef. 381185)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — **Miramar**, R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 2112048)
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva**, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039). Toda a noite
OEIRAS — **Central**, R. Conde Ferreira, 29 (Tel. 2430058). Até às 22 horas
NOVA OEIRAS — **Leal**, Até às 22 horas
Carcavelos — **Central**, Toda a noite.
S. DOMINGOS DE RANA — **Godinho da Silveira**, A. Sabóia, 29-B (Tel. 260085). Até às 22 horas.
PAREDE — **Aisir**, Av. Gago Coutinho - B. das Caixas de Previdência (Tel. 2472948). Toda a noite.
S. PEDRO DO ESTORIL — **S. Pedro**, R. 9 de Abril, 24 (Tel. 263052). Toda a noite.
AMOREIRA — **Amoreira**, Até às 22 horas.
MONTE ESTORIL — **Ostende**, R. de Espinho, 1 (Tel. 260391). Toda a noite.
CASCAIS — **Cordeiro**, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); até às 22 horas; **A Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214). Toda a noite.

LINHA DE SINTRA

AMADORA — **Amadora**, P. 28 de Maio, lote 9 (Tel. 935518); **Camele**, R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (Tel. 938703)
DAMAIA — **Lemos**, R. de Goa 21-A (tel. 9710231)
QUELUZ — **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACÉM — **Central**, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — **Quimia**, Est. Mem Martins 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel. 980456)
SINTRA — **Marrazes**, Vila (Tel. 2930155)
COLARES — **Abreja**, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE — **Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)
ALHOS VEDROS — **Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250)
ALMADA — **Cristo Rei**, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498)
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141)
BARREIRO — **Piçarra**, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771)
COVA DA PIEDADE — **Garcia Reis**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A
MOITA — **Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029)
MONTIJO — **Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032)
SESIMBRA — **Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028)
SETÚBAL — **Bocageana**, R. do Romeu (T. 23425); **Bairros**, B. Santos Nicolau (T. 23330)
SEIXAL — **Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 221 580)

PORTO

TURNO 17

ATÉ ÀS 22 HORAS

Martino, Suc. ... Pombal 122. **Pombeiro**, Campo dos Mártires da Pátria ... **Prelada** ... **S. Roque da Lameira** ... **Sa da Bandeira** ... **Ferreira da Silva** ... R. ... 77

TODA A NOITE

Ameal, R. do Ameal 1227. **Campo Alegre**, R. do Campo Alegre 723. **Peninsular**, R. Chã 100

COIMBRA

Figueiredo, Rua da Sofia, 107 (Telf. 22837; **M. Nazaré**, Av. João das Regras, 132 (Telf. 23033

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

A.B.C. — 21.30 (18 anos) «A Vida é Boa»

LISBOA/Cinemas

CINE-BOLSO — 21.00 (18 anos) «Relações Escaldantes»
EUROPA — 21.00 (18 anos) «Convem Fazer Bem o Amor»
SATÉLITE — 21.30 (13 anos) «Aquela Loira»
S. LUIZ — 21.15 (18 anos) «Cântico Final»
PARIS — 21.15 (18 anos) «A Última Testemunha»
JARDIM — 21.30 (18 anos) «O Estranho Caso da Senhora W»
PROMOTORA — 21.15 (18 anos) «Golpe por Golpe»
LUMIAR — 21.15 (18 anos) «O Justiceiro da Noite»
ARCO IRIS — 21.15 (18 anos) «Tratamento de Choque»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA, D. João V — 21.15 (18 anos) «A Cólera do Vento»
AMADORA, Lido — 21.15 (18 anos) «... Majestyk»
AMADORA, Cinestudio — 21.30 (18 anos) «A Torre do Inferno»

OUTRA BANDA

ALMADA, Incrível — 21.15 (13 anos) «O Gato, o Medo o Rato e a Morte»
LARANJEIRO, Instrução e Recreio — 21.15 (18 anos) «Mulheres Apaixonadas»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO — 21.15 «Planeta Selvagem»
COLISEU — 21.30 (18 anos) «A Senhora sabe da Poda»
PASSOS MANUEL — 21.30 (18 anos) «A Rebelde Apaixonada»
BATALHA — 21.15 (18 anos) «Adeus Bruce Lee»
VALE FORMOSO — 21.15 (18 anos) «Relações Escaldantes»
JÚLIO DINIS — 21.15 (18 anos) «A Fúria do Dragão»
S. JOÃO — 21.15 (13 anos) «Quo Vadis»
RIVOLI — 21.15 (18 anos) ...
ÁGUIA DE OURO — 21.00 (18 anos) ...
TRINDADE — 21.15 (18 anos) «Confidências de um Lavador de Janelas»
ESTUDIO — 21.15 (18 anos) «Resgate»
CARLOS ALBERTO — 21.15 (18 anos) «O Prostituto»
BATALHA-BÉBÉ — 22.00 (13 anos) «Benilde ou a Virgem Mãe»
OLIMPIA — 21.15 (18 anos) «Sexo a Jacto»

COIMBRA

AVENIDA — 21.15 (18 anos) «A Religiosa»
TIVOLI — 21.15 (18 anos) «A Torre do Inferno»
GIL VICENTE — 21.15 ... «A Rosa ...»

&etc
ROGER VAILLAND
esboço para um retrato do verdadeiro libertino
o prazer, o jogo, a razão e a liberdade do libertino segundo o olhar frio de outro libertino
R. Emenda 30, cave 3 Lisboa-2

cinemas

CASTIL — T. 530194 — 15.30, 18.30 e 21.15 — Não acons. a M/18 anos — Um filme sobre educação sexual — **AMOR ENTRE MENORES**

CALEIDOSCÓPIO — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 — Não acons. a men. de 18 anos — Musica divina! — **LISZTOMANIA** — Um filme de Ken Russell — 3.ª Semana

UNIVERSAL — T. 774402 — Às 15.00 e 21.00 **O FUNERAL DO PATRÃO** de Eduardo Geada — Às 17.00 e 23.00 **QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?** De João César Monteiro — Às 19.00 Sessão especial, entrada gratuita com o filme **SANGUE DE CONDOR**

IMPÉRIO — T. 555134 — 15.15, 18.30 e 21.15 — Não acons. a men. 18 anos — Mariangela Melato e Giancarlo Giannini em **INSÓLITO DESTINO** — Um filme de Lina Wertmuller — 2.ª Semana

EDEN — T. 320768 — 14.45, 18.00, 21.15 — Não acons. a menores de 13 anos — Um dos maiores filmes da historia do cinema! **QUO VADIS** — Com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov, Leo Genn — 3.ª Semana — Um filme de Melvin Le Roy

CONDES — T. 322523 — 14.00, 16.30, 18.45, 21.15 — Interdito a menores de 18 anos — Num corpo de fogo a explosão do amor sexual — **EMMANUELLE NEGRA** — Real. Albert Thomas

POLITEAMA — T. 326305 — 14.15, 16.30, 19.00, 21.30 — Para todos maiores de 6 anos — **OS BARBEIROS DA SICILIA** — c/Franco Franchi - Cinio Ingrassia

ODEON — T. 326283 — 15.15, 18.15 e 21.15 — Não acons. a menores de 18 anos — 3.ª semana de sensação — O notavel filme mexicano em realismo passional — **DESEJO CARNAL** — Deve uma mulher ser fiel a um marido que não corresponde aos seus deveres sexuais

BERNA — T. 776098 — 14.00, 16.30, 19 e 21.15 — Para todos — Os grandes sarilhos de um policia em Saint-Tropez — **O GENDARME EM FÉRIAS** — C/Luís de Funes

VOX — T. 720808 — 14.15, 16.30, 19.00, 21.15 — (Não acons. a men. de 13 anos) — Uma história humana e realista — **A VIDA COMEÇA AOS VINTE ANOS**

APOLO 70 — Tel. 795093 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15 — Para todos — Em 2.ª semana — Festival Apolo 70 — Jerry Lewis é «O Herói do Regimento» — ÀS 24.00 Grupo D (18 anos) — **VIDA NOVA**

LONDRES — Tel. 801313 — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 — Não acons. a menores de 13 anos — **A RIVAL** — Com Bibi Andersen e Jean Piat

CASINO ESTORIL — T. 264621 — 17.00 e 21.15 — Não acons. a menores de 13 anos — **SEGUNDOS PARA UMA FUGA**

ROXY — Tel. 48560 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15 — Interdito a menores de 18 anos — **EMMANUELLE NEGRA** — c/ Karin Schubert e Angelo Infanti

S. JORGE — 554153/4 — 15.15, 18.15, 21.15 — Interdito a menores de 18 anos — **ABUTRES NA CIDADE** — Dois policias implacaveis contra o crime e a corrupção

TIVOLI — T. 570595 — 15.00 e 21.00 — Não acons. a menores de 13 anos — Uma historia imortal! Um filme eterno! — **E TUDO O VENTO LEVOU** — 3.ª Semana — Com Clark Gable, Vivien Leigh

RESTELO — T. 727778 — 21.00 — Não acons. a menores de 13 anos — **FUNNY LADY**

AVIS — Tel. 47163 — 15.15, 18.15, 21.15 — Não acons. a menores de 13 anos — 4.ª Semana — **BOBBY** — Amanhã o mesmo programa

ALVALADE — T. 897480 — 15.30, 18.30 e 21.15 — **MARAVILHAS DA NATUREZA** — aos jovens de todas as idades uma obra de cultura

ESTÚDIO — T. 555134 — 15.30, 18.30 e 21.15 — Não acons. a menores de 18 — **MEIA NOITE DE PRAZER** — 5.ª Semana

PATHÉ — T. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15 — Int. a menores de 18 anos — **LOUCURA SEXUAL** — um filme de Max Pécas

ESTÚDIO 444 — Tel. 779095 — 15.30, 18.30 e 21.15 — Não acons. ... 18 anos — **KAMASUTRA**

MUNDIAL — Tel. 538743 — 15.15, 18.30, 21.15 — 2.ª semana — **CONFIDÊNCIAS DE UM LAVADOR DE JANELAS**

NIMAS — Tel. 574313 — 14, 16.30, 18.45 e 21.15 — **TUDO VAI BEM** — A história de ... c. Yves Montand ... Fonda ...

ROMA — Tel. 72... — 14.30, 18.30, 21.15 — Interdito a menores de 18 anos — **LOUCURA SEXUAL**

rádio

1.º Programa

15.00: Música na tarde; **18.00**: Música portuguesa; **18.45**: Campanha eleitoral; **19.45**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Instrumentistas; **21.00**: 18.º episódio do folhetim «Pão Incerto», de Assis Esperança, numa adaptação de Judite Navarro; **00.00**: Último jornal; **00.30**: Retrospectiva; **01.00**: Saída e encerramento dos Regionais do Porto, Norte1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Viseu, Ponta Delgada e Horta — música na noite.

2.º Programa

16.00: Ópera; **18.05**: Música do século XX; **19.05**: Música de câmara; **19.50**: Solos de cravo; **20.00**: Sonata em si bemol maior, K.333, de Mozart; **20.30**: Música de bailado; **21.00**: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00**: Música sinfónica; **23.00**: Orquestras de câmara; **23.28**: Intercâmbio musical; **23.55**: «Sinfonia Fantástica», op. 14, de Berlioz; **01.00**: Fecho.

3.º Programa

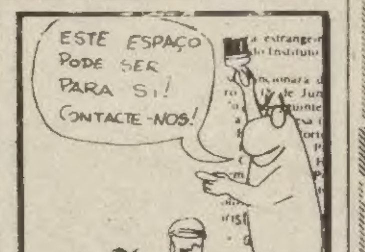
16.00: Emissão nacional — variante (continuação); **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **17.10**: Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30**: Teatro, por Fernando Midões; **18.00**: Emissão regional — contacto; **21.00**: Música, só música; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.05**: Hora luterana; **23.2.**: A música e as vozes.

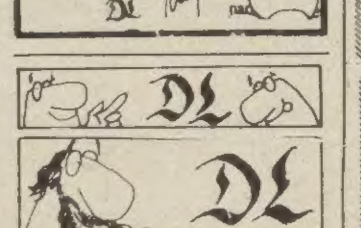
4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.00**: Trechos seleccionados; **18.15**: Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **21.05**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Trifónico; **23.30**: Estante giratória; **02.00**: Encerramento da estação.





DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 4
TELEF. 321154/5, 370271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Mercenários em tribunal

Reportagens pedagógicas acalmaram as massas

Uma irmã de Costas Georghiou — o «coronel Callan» —, chefe, por assim dizer, dos mercenários brancos julgados em Luanda, chegou hoje a esta capital na esperança de poder vê-lo antes de proferida a sentença em meados desta semana. A sr.ª Panayiota Georgiades, de 28 anos, residente em Londres onde exerce a profissão de cabeleireira, não fez quaisquer declarações à chegada. Aguardavam-na no aeroporto funcionários angolanos, que a conduziram de automóvel para local desconhecido. Mais tarde, Panayiota diria: «Venho dar apoio moral a meu irmão». Saliente-se que o Governo angolano ofereceu-se para conceder vistos de entrada em Angola aos parentes dos réus que quisessem ir vê-los a Luanda — e Panayiota foi quem primeiro aceitou esse convite.

Da Imprensa oficial angolana e dos comentários individuais de altos funcionários emergem indícios de que Angola poderá não executar todos os treze mercenários.

Os observadores notam que os relatos dos jornais acalmaram, por isentos, a população. Imperou nas reportagens do julgamento um sentido pedagógico. Assim, por exemplo, o «Diário de Luanda» comentava ontem que tanto a acusação como a defesa concordaram, de modo geral, em que os mercenários «eram, até certo ponto, vítimas da estrutura de classe da sociedade capitalista».

Por sua vez, esta manhã, o «Jornal de Angola» afirma, relativamente aos mercenários, que «se trata de pessoas colonizadas que não têm a consciência de classe para unirem esforços e criar as condições para a revolução e a libertação da exploração que sofrem».

Presentemente, eenquanto se aguarda a sentença, o **slogan** mais popular em Luanda é «Abaixo o mercenarismo!» — e não há apelos em massa ao fuzilamento.

Petardo numa paróquia

PORTO, 21 — Um petardo destruíu as janelas da residência paroquial de Escariz, no concelho de Arouca, onde habita o padre Silva Nogueira que, no momento (sábado) se encontrava a celebrar missa na igreja que se situa a cerca de 100 metros de distância.

O padre é geralmente apontado como elemento progressista, num concelho onde a maiora dos habitantes votou, nas últimas eleições, em partidos de direita.

A G.N.R. procede a averiguações quanto à explosão, que se seguiu a uma série de ameaças ao padre por parte de indivíduos, particularmente retornados, que têm manifestado o seu desagrado pelos sermões e homilias que o sacerdote tem proferido, denunciando a escalada reaccionária no concelho.

Outra bomba em Lisboa

Uma bomba colocada no patamar do 2.º andar dos escritórios Cabora Bassa e Rovuma, na Avenida 5 de Outubro, causou cerca de 300 contos de prejuízos.

Quando a bomba explodiu, às 23 horas de ontem, não se encontrava ninguém nas instalações nao se tendo verificado, por isso, acidentes pessoais. A julgar por informações obtidas esta manhã, a bomba teria cerca de 2 kg e seria de trotil ou de plástico.

Até à hora de fecharmos o jornal ainda não tinha entrado qualquer queixa na Polícia Judiciária.

Trezentos contos de prejuízos causou a explosão na Avenida 5 de Outubro. Ao fundo vê-se uma fotografia da barragem de Cabora-Bassa

A partir de hoje

Sete mil escudos por ano para gastar no estrangeiro

Sete mil escudos é quanto um português poderá gastar por ano em viagens turísticas pelo estrangeiro, segundo um comunicado do Ministério das Finanças.

«Com efeito — diz a nota — há que ratear nas despesas menos essenciais em favor das que possam repercutir-se favoravelmente na melhoria do aparelho produtivo nacional, condição indispensável para se poder ultrapassar a actual fase de desequilíbrio dos pagamentos externos, cujas consequências maiores se deseja evitar.»

Para pessoas com idade igual ou inferior a 18 anos, aquele montante é reduzido para 4000$00 e para pessoas com idade inferior a 12 anos é de 2000$00.

Quem tenha viajado depois de 12 de Junho e tenha gasto mais do que os limites agora fixados, não pode adquirir moeda estrangeira antes de 1 de Setembro de 1976, ainda que o prazo de um ano, contado a partir da data de referência para a formação do respectivo ano, já tenha decorrido, o qual passa agora a ser contado entre 1 de Setembro de cada ano e 31 de Agosto do ano seguinte.

As pessoas que tenham adquirido moeda estrangeira e ainda não tenham efectuado a sua viagem ao estrangeiro, devem revender a parte que ultrapasse os valores que podem transportar consigo, sem o que não poderão sair do País.

Esta medida, que entra hoje em vigor, restringe ainda mais as viagens turísticas dos portugueses. Recordamos que a primeira portaria que fixava em vinte mil escudos a quantia que se podia levar para o estrangeiro, data de 11 de Junho de 1975. Depois, em 25 de Outubro, sofreu alterações no que dizia respeito à moeda portuguesa.

Com esta medida drástica vai afectar-se ainda mais a viabilidade económica das agências de viagem, dos transportes aéreos e das casas de câmbios.

«É O FIM!»

«A manter-se esta restrição, as agências de viagens abrirão falência, o mais tardar até ao fim do ano». Trata-se de uma afirmação do presidente da Associação dos Agentes de Viagens, esta manhã, ao «DL», a propósito da Portaria hoje entrada em vigor e que limita a sete mil escudos o montante (anual) que cada turista poderá levar consigo ao sair do país.

As medidas restritivas agora postas em vigor pelo VI Governo Provisório, encontram-se na origem de forte contestação dos agentes de viagens: «Esperávamos ser chamados a dar opinião. Em democracia, seria assim. Já há subemprego em todas as agências de viagens. Com esta restrição, até quando nos aguentaremos?».

Entretanto, começam a chover, em muitas das agências, os pedidos de anulação de viagens. Por volta das 10 horas da manhã, uma única agência tinha já recebido 20 anulações.

Para milhares de trabalhadores ligados ao turismo, o futuro apresenta-se, de facto nebuloso. O gerente da «Mundial de Turismo», por exemplo, reage desta forma: «Chama-se a isto fechar-nos a porta. Nunca imaginei. Temos muitos contratos que já não foram pagos e a nossa agência, por seu turno, fez liquidações às congéneres no estrangeiro. Quem nos reembolsa?».

Outro exemplo, a partir da mesma fonte: «Temos o caso de 100 campistas portugueses que deviam seguir para Israel. Não têm dinheiro para se hospedar em hóteis. São campistas. Fizemos as respectivas liquidações à agência de Israel. Como vai ser?».

A julgar pela forma dos protestos, o que se passa é que os agentes de viagens, contando embora com medidas restritivas, não contavam com tamanha austeridade. Um agente acrescentou mesmo que «Hoje não é como ontem. Não são só os «fachos» que viajam!». E depois: «Não fomos nós os causadores da crise».

Os agentes de viagens esta manhã contactados pelo «DL» adiantariam que as restrições impostas terão, necessariamente, fortes reflexos no afluxo de turistas para Portugal. A Portaria terá portanto — afirmam-nos — um efeito de *boomerang*.

Outro desabafo de quem está metido no negócio do turismo: «Não é a vender férias portuguesas que vamos conseguir sobreviver».

No sentido de discutir o problema, a direcção da Associação dos Agentes de Viagens reunir-se-á amanhã na sua sede, devendo mais tarde realizar-se um plenário dos trabalhadores ligados ao sector.

A ANOP «Paga PELO POVO»

O major Otelo Saraiva de Carvalho foi impedido de fazer a sua campanha eleitoral nos Açores. Um nosso camarada da redacção, quando pretendia fotografar uma bandeira da F.L.A., hasteada na porta de armas da B.A.4, hasteada numa instalação militar portuguesa, foi selvaticamente agredido. Quando Otelo se dirigia ao avião para regressar a Lisboa, a B.A.4 foi invadida por trezentos energúmenos da F.L.A., que pretendiam agredir aquele candidato à Presidência. Ou seja, foi-lhes tranqueada a entrada naquela base, sem oposição de qualquer espécie e só a decisão de algusn elementos da Polícia Aérea impediram que o candidato à Presidência fosse molestado.

Perante tudo isto o que é que a ANOP, «paga pelo povo», informa?

Que, como se lê no telex n.º 148, das 22 e 41 de ontem, «a Base Aérea n.º 4 montou eficiente dispositivo de segurança, não só no terminal, como nas imediações e posto 1»!!!

U.D.P. processa Eanes por difamação

«A UDP acusa Ramalho Eanes de ter mentido, ao acusar-nos de possuirmos armas e termos disprado sobre a comitiva. A UDP vai processar Ramalho Eanes por essa infame calúnia» — foi esta manhã revelado em conferência de Imprensa promovida pela Comissão Permanente do Conselho Nacional da UDP, na qual estiveram presentes Eduardo Pires, membro da Comissão Nacional de Candidatura de Otelo e Joaquim Ortiz e Acácio Barreiros, dirigentes da UDP.

Explicitando melhor as razões que levaram aquele partido a processar o general Ramalho Eanes, Eduardo Pires, depois de salientar que o general Eanes «ao defender a liberdade e a segurança, fazendo disto lema da sua candidatura, é precisamente a segurança e a liberdade da grande burguesia que defende» afirmou que este processo de difamação representava «um querer da UDP alertando o povo para que se mobilize, para que vote no candidato que não vai reprimi-lo, para alertar o povo contra os atentados à liberdade e segurança que estão a ser cometidos».

Sublinhou depois o dirigente da UDP que o balanço de um morto e dezassete feridos em Évora «é um aviso do que vai acontecer se Eanes for eleito». E referiu mais adiante que a UDP tem provas «de que foi a guarda pessoal de Eanes que disparou.

Num comunicado de Imprensa simultaneamente distribuído sobre o mesmo assunto a UDP afirma que já exigiu que se tomassem medidas firmes «contra as calúnias dos pasquins fascistas do género rua, templário, etc, mas muito mais inadmissível é que um candidato à Presidência repita essas mesmas calúnias impunemente. A UDP alerta todo o povo para o facto desta provocação de Ramlho Eantes não ser um acto isolado contra a UDP, mas fazer parte de um plano geral para no caso do candidato dos fascistas vencer, ilegalizar as forças consequentemente antifascistas».

Noutra passagem da conferência de Imprensa foi dito ainda que se Ramalho Eanes foi para a Presidência preparar o golpe institucional, «como Salazar o preparou, de cima para baixo» e lembrando que «Hitler, Geisel e Pinochet tinham também como lema a liberdade e a segurança». Joaquim Ortiz salientou depois que «Otelo é o estratega do 25 de Abril, é a força que se opõe contra a mentira, a repressão e a sua emancipação».

Professores concentram-se frente ao Ministério

Amanhã, a partir das 16 horas, os professores concentram-se, a nível nacional, frente ao M. E. I. C. De Coimbra vem um comboio especial, das outras zonas do País, excursões.

Afastada a hipótese de greve geral e realçado o carácter mais estrutural das reivindicações do que meramente salariais os executivos nacionais (o estado de mobilização da classe é satisfatório e a adesão é total esperando-se mesmo que adiram os sindicatos, ainda em formação, das ilhas adjacentes) encontram-se hoje à tarde com o ministro Vítor Alves. Não para conseguir uma plataforma que possibilite, como chegou a ser noticiado, uma desconvocação para amanhã, mas sim para reafirmarem a decisão, por parte dos professores, de não cederem no mínimo das suas reivindicações incertas no segundo caderno.

Como pontos novos em relação ao caderno da Zona da Grande Lisboa salientam-se à reivindicação da profissionalização dos docentes e que os descontos de sindicalização possam ser feitos através das secretarias das escolas. Por outro lado, o prazo para o pagamento das horas extraordinárias foi prorrogado até ao dia 31 de Julho.

Nos pontos fundamentais o caderno reivindicativo dos professores insiste: fases e diuturnidades, sim opção, não; melhoria dos ordenados dos professores aposentados; colocações, gestão democrática e revisão dos programas não podem ser feitos nas costas da classe. Finalmente, como todo o funcionalismo público, os professores repudiam e exigem a revogação do decreto-lei que cria o Quadro Geral de Adidos.

Ciências Sociais no Liceu de Oeiras

Um grupo de alunos e professores de Ciências Sociais, do Liceu Sebastião e Silva (Oeiras) realiza, de hoje até 25 do corrente, uma exposição de trabalhos daquela disciplina, que pode ser visitada diariamente, das 15 às 18 horas.

17.º FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
HOJE:
Das 17 às 23 h
Jornada nacional
R. F. A.
Polónia
PORTUGAL QUER CONHECER O MUNDO E DAR-SE A CONHECER AO MUNDO